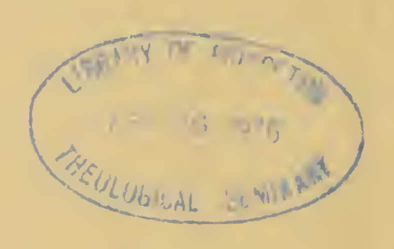








BRASILIDADES

"O sertão e as raças pré-históricas segundo a Biblia, os antigos e os modernos escritores".

ORAS DE

FRANCISCA DE BASTO CORDEIRO

Jardim Secreto (Menção Honrosa da Academia Brasileira) — esgotado 1925
Alma do meu caminho — contos — esg. 1926
O meu unico amor — romance (col. com Gastão Penalva) — esg. 1927
Brasilidades — (estudos sobre os Indios) — esg. 1929
Canções a esmo — poesias — esg. (1.º) 1930, (2.º) 1931
Antologia Infantil — para uso primário 1934
Poetas e Prosadores — antologia escolar — 1934 1936
China e India (1.º fascículo da série "O Despertar da Inteligência"). 1942

NO PRÉLO:

Palestina e Syria (2.º fascículo de O Despertar da Inteligencia).
Egypto (3.º fascículo de O Despertar da Inteligencia).

A PUBLICAR:

Maldito seja o amor! — romance.
The dawn of Humanity — (enciclopedia primitiva).
Brazilian mysteries: Green Hell & Paradise.
Vultos que passaram.
Canções a esmo (3.ª edição).

TRADUÇÕES PUBLICADAS:

Atomo Poderoso, de Marie Corelli 1923
O Jardineiro, de Rabindranath Tagore 1928
...E O VENTO LEVOU, de Margaret Mitchell 1939
Ritmos Imortais — poesia arcaica 1938
ANTONIO ADVERSE, de Hervey Allen 1940
A lei da divina harmonia, de Chase Osborn 1940
Por quem os sinos dobram, de Ern. Hemingway ......

EM PREPARO:

Elas — perfis femininos.
Moinhos de vento — cronicas.

Francisca de Basto Cordeiro

BRASILIDADES



TIP. DO PATRONATO
RUA REAL GRANDEZA, 248
RIO DE JANEIRO
1943



A' memória venerada e querida de meus pais

Barão de Vasconcellos (Rodolpho) e Baroneza de Vasconcellos (Eugenia Felicio de São Mamede).

Rio de Janeiro, 3 de Janeiro de 1929.

Ao grande espírito esclarecido e patriótico de M.ª Ribeiro de Almeida, a cujo incentivo e colaboração muito deveu este trabalho.

Rio de Janeiro, 3 de Janeiro de 1929.

Francisca de Vasconcellos
de Basto Cordeiro



O que escreveram alguns dos nossos cientistas e literatos sbbre BRASILIDADES, de Francisca de Vasconcelos de Basto Cordeiro, em 1929.

"As revelações deste livro são de vasto alcance "para a história da humanidade, para a ciência, para a "religião e sobretudo para a Pátria Brasileira".

(Da Ilustração Brasileira)

"Não há nação que menospreze o culto de seus an- "tepassados, da época pré-histórica... Muito se tem "escrito sobre a terra brasileira. Poucos, porém, são "os que deram atenção a um assunto de tamanha im- "portância para a nossa nacionalidade.

"Apareceu ultimamente o livro BRASILIDADES, "da Sra. Basto Cordeiro, com quem trabalhei, na in- "vestigação laboriosa de autores antigos e modernos, "desde os tempos bíblicos, até os dias de hoje.

"Sei, melhor do que ninguem, a soma incalculavel "de "pequenos nadas" que exige a documentação para "semelhante obra. E sei tambem a decepção, a magua "intensa com que um autor (seja ele quem fôr) vê a "sua obra incompreendida, malbaratada e até ridi- "cularisada, pela inepcia daqueles que não querem "acreditar que o brasileiro seja capás de "fazer alguma "cousa que o estrangeiro ainda não fez!..."

"... o livro da Sra. Basto Cordeiro não tem ou- "tra pretenção, a não ser aquela atribuida pelos indige- "nas ao "pyguára" — (senhor do caminho).

"... De fato, a brilhante escritora, nessa obra de "incentivo nacional, como afirma Dyonisio Cerqueira, "fornecendo a chave para provindouras pesquizas, deu "um passo gigante na historiologia.

M. Ribeiro de Almeida (Gemma d'Alba)
(No A.B.C. 2-8-30)

"... Li-o de espaço, com a detença que me sugere
"o que é muito bom. Gostei-o; meditei-o; aplaudo-o.
"O assunto, bem o sabe, não é moderno, mas o jeito de
"expôr, o euidado em teeer idéias, a delgadura de ajui-
"zar, são originais e eonvincentes.

".. Mas de tudo que desponta de fino gosto e arte
"no bom livro, sobreleva o amor vívido ao Brasil. Tor-
"nou-se um livro de ineentivo nacional de vitória...
"dou-lhe o meu expressivo parabem.

Cr.º e Pat.º muito admdor.

Dionisio Cerqueira — 29 Abril, 1930

"... He tenido oportunidad de leer su reciente obra
"Brasilidades, en la que he podido ver un robusto ta-
"lento, i me ha llenado de interés de eonoeer sus pro-
"ducciones ya publieadas... La revista mensual argen-
"gentina "Playas i turismo" que dirijo, reprodueirá
"oportunamente algunas páginas, para lo qual espero
"de prestar su gentil autorizaeión.

A. Zambonini Leguizamón

Buenos Aires, 3 Diciembre, 1930

"Venho apresentar a V. Excia. os meus mais sin-
"ceros parabens pelas belas páginas que tive o prazer
"de percorrer. De novo uma bandeirante surge numa
"sobremodo interessante série de eoneeituosos pen-
"samentos onde tanta exaeção surge demonstradora da
"eapacidade notavel de observação psicológica de quem
"as escreve...

Affnso de E. Taunay

S. Paulo, 22 de Maio de 1929

"... muito grata são as impressões que me ficaram.
"Posso dizer que tive deante de mim um trabalho de
"real importância, tanto pelos assuntos versados, como
"pela opulência de erudição histórica que enche todo o
"volume.
"Peço permissão para dizer que este gênero de es-
"tudos me interessa muito; e folgo bastante de saber que
"há em nosso meio um espírito como o de V. Excia.
"que se preocupa com problemas de tal natureza. De
"modo que lí este livro de princípio a fim com muito
"prazer e com muito proveito".

Rocha Pombo, 7 de Dezembro de 1929.

"Lí Brasilidades, e com raro deleite, sempre admi-
"rado da soma de erudição que o estudo representa e
"do apuro do estílo, tão sobrio, tão discreto e singelo,
"tão longe da maluquice estilística da moda. Meus pa-
"rabens.
"... Não admiraria portanto, um livro como o seu
"aqui. Mas entre nós, assombra.
"E' livro número um e imagino a cara dos nossos
"eruditos ao verem que o monopolio até aqui mantido
"está quebrado — e da mais galharda maneira.
"Eu de mim não me espanto. Tive a honra de co-
"nhecê-la pessoalmente, e sempre esperei muito do seu
"privilegiado espírito — um dos mais elegantes e sutís
"que já encontrei em meu caminho".

Monteiro Lobato — New York, 18 Dez. 1929.

"O rumor levantado pelo livro de V. Excia. já me
"tinha chegado aos ouvidos antes de ter eu o prazer de
"receber a sua preciosa dádiva.
"... Segui com interesse o pensamento de V.
"Excia. ...é tão ameno, tão interessante o trabalho de
"V. Excia. que, embora não concordando com algumas
"das idéias expostas, são todos forçados a admirá-las
"como faz o patrício que ora lhe beija as mãos

Antenor Nascentes — 10 Abril, 1930"

"Dera-me eu a estudar o seu prestantíssimo traba-
"balho Brasilidades, com aquela ansiedade de aprender
"que ainda conservo, adiantado em anos quando consi-
"derei que bem podia V. Excia. ter dessedentado mais
"um sequioso de saber, que, por aquela fórma ficaria
"privado de tal goso...

"...por se tratar de um trabalho de erudição, que se
"não póde lêr de um fôlego. Espero colher nele abun-
"dante ensinamento, o que, ademais, me daria ensejo de
"pronunciar nas minhas aulas, o nome de uma das mais
"laureadas e queridas escritoras, com as expressões de
"alto louvor que ela merece.

Silva Ramos — 17 de Janeiro de 1930.

Duma carta de Gemma d'Alba à redação d'O GLOBO:

"Acabo de vêr, nesta conceituada folha, um telegra-
"ma do México em que se anuncia que o sábio arqueó-
"logo Alberto Escalona partiu para a Alemanha, afim
"de contar aos centros científicos a sua grande desco-
"berta: — "Os Mayas de México vieram da Africa Cen-
"tral 300 anos antes de Cristo".

"Seria permitido pedir ao "O Globo" para acres-
"centar à essa nota uma outra, dizendo que o livro
"Brasilidades" da senhora Basto Cordeiro já fez, há dois
"anos, essa afirmativa ? !

"Por que há de o brasileiro ficar sempre na baga-
"gem... mesmo quando foi ele quem tomou a dian-
"teira ? !

....

"Se estivessemos no Mexico, na Alemanha ou na
"China, o telegrafo não teria silenciado quando a ilustre
"brasileira, antes de dar publicidade à formosa obra,
"perante selecto auditório proclamou no Clube dos Ban-
"deirantes, a 2 de janeiro de 1929, as descobertas do-
"cumentadas no seu livro".

Da belissima palestra de Alba Cañizares do Nascimento, **O Brasil pré-histórico**, lida na Academia Carioca de Letras, a 8 de Dezembro de 1931, extraimos o seguinte:

"Li, de admiração em admiração, a obra **Brasilida-**
"**des**, impressivo estudo do Brasil pré-histórico e das raças mais antigas.

"Francisca de Basto Cordeiro tem a primazia entre
"nós, na divulgação dos estudos concernentes às relações
"entre a América Pré-Colombiana e os povos orientais
"históricos ou legendários, como os Atlantes.

"A obra monumental de Gustavo Barroso —
"AQUEM DA ATLANTIDA — é posterior de 3
"anos à publicação do livro **Brasilidades**, da nossa ilus-
"tre patricia.

"Enquanto que Gustavo Barroso, em seu alentado
"trabalho, aponta traços de união entre o continente
"americano e o mundo oriental, que preclaros autores
"supreenderam, confessando não ter opinião a respeito;
"Francisca de Basto Cordeiro vai além em sua obra,
"sustentando a veracidade das suas afirmações de modo
"incontestavel."

Alba Cañizares do Nascimento,
Doutora em Filosofia.

"O assunto em si, basta a concentrar a atenção, —
"e na verdade, estas antigas relações entre os continen-
"tes preocupam atualmente as mais finas cabeças de fi-
"lósofos na Alemanha. Assim será quase superfluo
"acrescentar que a leitura me fascinou; mas relendo toda
"a obra nesta última semana, achei que a principal
"atração do livro da Sra. é o ponto de vista muito di-
"ferente das teorias européias, o próprio modo de ver
"e de pensar que abre perspectivas novas, e a maneira
"de exprimir estes pensamentos".

Lina Hirsch (de Stuttgart — 30-19-1930)

"Embora avesso à hipótese de Wegenner, que repu-
"to curiosa, mas deficiente, acho entretanto que bem
"apropriou-a ao argumento inicial, o que, entretanto fa-
"ria com as mesmas vantagens, com uma hipótese pré-
"Atlantida em que seria admissivel a ligação completa
"entre a Africa e a América do Sul.

"... Quero crer que se o neengatú não der uma
"chave dos mistérios geológicos, constituirá um pode-
"roso élo da seriação linguística para a solução do pro-
"blema Brasil-Bíblico.

"Só me resta felicitar a ilustre autora pelo êxito al-
"cançado... Brasilidades torna-se cada vez mais atraen-
"te, à medida que se avança na leitura, tal a singeleza
"despretenciosa e expontânea do estílo.

Tte.-Cel. Themistocles Pais de Souza Brasil

Manáos, 31 de julho de 1932.

PREFÁCIO DA 1.ª EDIÇÃO

O amor que em minh'alma desperta quando diz respeito às belezas deslimitadas da minha terra, faz-me, esquecendo a minha incompetência, abordar assuntos para os quais não bastariam anos de acurados estudos.

Arrisco a tarefa de entreter a vossa atenção, falando-vos, não de assuntos estrangeiros, mas apenas do que é nosso. Deste Brasil tão vasto que, por si só é quase toda a América Meridional. Terra titânica, de gigantescas dimensões, mas deshabitada quase, onde, devido à própria grandeza, uma sensivel parte de seus nativos vive em estado de quase primitivismo, esparsa pelos sertões insondaveis e impenetraveis, dos nossos mais vastos estados.

E' deste Brasil que me orgulho. Não só porque é imenso e formoso como nenhum outro, — mas pelo olhar de interessada ternura com que o namoram os que o atravessam, rio-abaixo, rio-ácima, matas à dentro, auscultando-lhe no forte pulsar do coração de que tem a fórma física, seus tesouros inexgotaveis — de tudo se dando conta, apenas embrenhados em suas florestas virgens onde medram faúna e flora de pujança raras !

Falar-vos-ei portanto, patrícios meus, deste Brasil que é nosso : gentes e terras... baseada em trabalhos de reconhecido valor, dos que percorreram rios e

selvas — em sua maioria estrangeiros, por isso mesmo juizes insuspeitos e imparciais, sejam êles relíligiosos ou leigos.

A' ninguem passa despercebido o intúito, mais ou menos dissimulado, de expedições pseudo-filantrópicas, umas; científicas, outras... sempre acrescidas de engenheiros especializados, mineralogistas e geólogos, com que de toda a parte se pretende explorar este El-Dorado, esta nova Golconda SulAmerindia que só os seus legítimos possuidores e nativos não prezam nem valorizam !

Novos bandeirantes, — ei-los que se dirigem afoitos, aos nossos sertões bravíos onde a morte os espreita à cada passo, como a defender-nos deles; sem temêla siquer, tal o afan de certificarem-se "in-loco" das nossas possibilidades petrolíferas, minerais, vegetais, ornitológicas, etnográficas e até de gôma pura para "chicklets"... rescendente à baunilha, que a nossa "tamanqueira" produz !

E quando tornam aos longínquos pagos, o menos que de nós levam — são as pratas lavradas, os móveis de jacarandá e Paulo-Gonçalo — verdadeiras joias dos tempos coloniais; os púlpitos, colunas e bâlaustradas buriladas, arrancadas das pequeninas capelas perdidas pelo interior, por preços de nonada... pois que o ouro, há muito se encarregaram de pô-lo no seguro os nossos... credores !

Recordo a conhecida anedota do inglês fleugmático e psicólogo que, numa longa baforada do inseparavel cachimbo à cujas volutas de fumaça misturavam-se resaibos de dissimulado despeito, respondendo a um dos nossos eternos descontentes: — "Não se amofine, homem ! E' certo que vocês passam os dias na faina de estragar tudo quanto Deus lhes deu... mas, à noi-

te, enquanto vocês dormem, ELE endireita o que vocês entortaram... e ainda acrescenta alguma coisa mais... Até parece que DEUS é Brasileiro !"

Confirmar as palavras do inglês, é temeridade à que não me àtrevo. Ouso porém asseverar, sem receio de controversia, — que o nosso Brasil é, incontestavelmente, um país privilegiado. E, se não fôr o próprio Eden donde fôram expulsos ADÃO e EVA, — é a verdadeira Chanaan, a Nova Terra da Promissão.

3 de Janeiro de 1929.



O interesse demonstrado na primeira edição pelos os estudiosos do assunto; os constantes pedidos de exemplares há muito esgotados e as mais elogiosas referências, espontaneamente manifestadas pela imprensa e por muitos dos nossos maiores eruditos, animaram-me a desenvolver e aumentar a documentação das idéias que procurara expôr. Este livro já se achava no prélo quando Alberto Escalona partiu do México para dizer ao Velho Mundo que encontrara provas da passagem dos Fenicios pelas Américas Central e Meridional. Creio porém que a primazia da descoberta pertence a um brasileiro, o Conego Penaforte Caldas, ponto de partida dum estudo que interessou-me imenso e procurei aprofundar e documentar, sem outro intuito a não ser o provar a verdade da sua descoberta, baseada no estudo e na confrontação da Biblia e referências dos mais antigos historiadores. Orgulho-me apenas de haver despertado certo interesse dos eruditos pelo que é nosso e se chamou "espirito de Brasilidade".

Rio de Janeiro, 28 de Março de 1943.

A AUTORA.



I

HOMO BRASILIENSIS PRIMIGENIUS

A extraordinária idade da Terra se confirma na remotíssima idade do autoctono — **homo brasiliensis,** pela documentação paleontológica da Lagôa Santa que demonstra a sua prioridade sobre o homem de Neanderthal (Germânia), dos fósseis dos Estados Unidos e de todos os estudados pelos grandes naturalistas antigos e modernos.

Os crânios e esqueletos humanos que Lund exhumou em Sumidouro, de mistura com ossadas de especimens de mamiferos gigantescos de espécies inteiramente desconhecidas, foram denominados Platyonyx Buckland, Clamydotherium Humboldt C. Majus, Dasypus Sulcatus e Hydrocherus Sulcidens. Esses crânios se achavam em parte petrificados, e **em parte penetrados de partículas férreas, o que dava a alguns deles um lustre metálico imitante ao do bronze, assim como um peso extraordinário.** — Alguns apresentam estreiteza da testa e mesmo o seu quase desaparecimento, fáto também verificado por Rodrigues Peixoto e Lacerda Filho nos crânios procedentes de Santa Catarina, comprovando "a existência do "**homo brasiliensis**" em uma época muito recuada, na qual as faculdades intelectuais se encontravam ainda pouco desenvolvidas; e contemporâneo das primitivas espécies animais **anteriores à atual criação**" segundo afirma Lund.



II

ATLANTIDA

A ciência histórica divide em 4 grupos, as principais civilisações amerindias :

1.º — as Nahaualtl e Maya (Am. Central, Medico);
2.º — as Ketchúa e Aymará (Bolivia e Perú);
3.º — as Chibcha e Quichés (Colômbia);
4.º — as do grupo andino (Istmo, Brasil, Argentina).

Os arqueólogos modernos, estudando a civilisação dos povos pré-colombianos, constataram a impressionante semelhança da sua arte com a de certas nações orientais, e a profunda analogia entre as arquiteturas amerindias, das necrópoles de Paracas de Naranjo (Perú), as da Ilha de Pascua e as da América Central, — faz que não prevaleça a hipótese da migração mongólica vinda pelo estreito de Bhering, onde o adiantamento artístico e científico seria, nessas remotissimas éras, evidentemente inferior. Não é pois provavel que se deva aos mongois, exclusivamente, o espírito cultural e a arte do mundo ocidental, à quem impropriamente, se denominou NOVO MUNDO.

Os cálculos mais moderados atribuem uma existência de 10 a 12 séculos, antes da éra cristã, às civilisações anteriores aos Aztecas e as da costa Gunga. No

Rio del Plata foram recentemente encontrados, em necrópoles soterradas, belissimos exemplares de cerâmica e de arte, revelando a existência, ignorada então, da civilisação pertencente às nações Dhiaguitas: a do Chaco-Santiagueña.

Admitindo-se a hipótese de haverem surgido simultaneamente nos três continentes, torna-se à mesma incerteza em a qual se debatiam os estudiosos do assunto, antes das escavações Sumérias, de Ur; as Syrias, de Minet-El-Beida, e as de Mosul, na Mesopotâmia.

A construção monumental dos "ziggurats"; a decoração e fórma da cerâmica; a concepção do calendário astronômico; os lavores de ouro e bronze, mais se assemelham à arte Egípcia e à Assíria que, ao contrário, parecem inspiradas na dos Chimús, Toltecas, etc". "levadas aos antigos continentes em épocas anteriores".

Em se tratando das civilisações primévas onde a História e a lenda são irmãs siamezas, não nos é possível deixar sem referência, a discutida Atlantida a que tão grande número de escritores antigòs, e a ciência hermética dos ocultistas orientais, tão minuciosamente se referem.

Si é longa a série de documentos onde se registram a vinda dos povos do Atlântico em direção ao Oriente, nenhuma tradição, quer hieroglífica, quer em papíros, alude a uma colonisação egípcia em terras do Ocidente; o que não seria admissível não lhe fizessem referências! O contrário se dá.

Ensina a ciência esotérica, ou hermética :

"Há um milhão de anos, sòmente emergia
"dos mares da atual América, uma grande faixa

"na parte oriental, ligada pelo Oeste à Atlanti-
"da, que enchia todo o golfo do México, pro-
"longando-se até a Europa, na direção de N. S.,
"sendo a Inglaterra a sua parte mais avançada
"para o Oriente.

"Um braço de mar separava a Inglaterra da
"Mauretânia, banhada ao Sul por outro mar (on-
"de hoje é o deserto do Sahara)".

Assim portanto, a fabulosa e discutida existência duma região imensa, submersa por pavoroso cataclisma se tornou fonte inexhaurivel de hipoteses e dos mais antagônicos comentários, que se vêm firmando pelas descobertas modernas.

Ainda mais. Há a observar que os egípcios representavam os seus antepassados, em suas primitivas decorações murais, e na cerâmica, imberbes e com a tez vermelha. Característica estas das raças autótonas ameríndias.

Por sua vez, os desenhos dos "pueblos" incas, máias, aztecas e muiscas, se assemelham fisionomicamente aos egípcios, fazendo crêr numa origem comum.

Como os egípcios, adoravam o sol e, em suas construções adotavam o estílo monumental; assim o provam os templos, os palácios e as sepulturas reais. Sua edificações: templos ou observatórios, tinham fórma de zikkurats babilônicos.

Estudando minuciosamente textos antigos em busca da frincha elucidativa, encontram os eruditos estas referências, nos melhores autores: PLUTARCO, STRABO, MACROBUS, EURIPEDES, DYONISIO DE MYTILENA, HOMERO, POMPONIO, MELA e HESIODO, além de outros historiadores de menor valor.

Todos êles aludem a

"regiões desconhecidas existentes fóra do mundo mediterrâneo".

DIODORO da Sicília se refere a

"uma ilha de deslimitadas riquezas, que os feni-
"cios haviam descoberto, a muitos dias das cos-
"tas africanas".

ARISTOTELES escreve sobre uma

"grande ANTILIA, a muitas semanas do conti-
"nente, colonisada pelos cartagineses, que dela
"tinha tal zelo que puniam com a morte a quem
"lhe pronunciasse o nome".

PLINIO, o Velho conta que

"No ano 62 AD. fôra aprisionado um barco,
"nas costas da Germânia, tripulado por homens
"desconhecidos, que foram levados à presença de
"Metello Celer, pro-consul das Gallias".

GAFFAREL escreve em seus relatos:

"Vários escritores espanhóis e portuguêses,
"do século XV, tomaram essa ilha desconhecida
"pelo Novo Mundo, tal a semelhança que lhe no-
"táram, em a natureza e o clima".

"Posteriormente a estes acontecimentos, deu-se uma tremenda catástrofe: um violento terremoto abalou a terra, que foi logo após devastada por torrentes de chuva. Há 9.000 anos (AD), sucumbiram as tropas Gregas, e a Atlantida foi tragada pelo Oceano"..

A exceção de ARISTOTELES, todos os filósofos da sua época aceitaram os "Dialogos" de PLATÃO

como fiel relato das tremendas convulsões de que o Oceano Atlântico houvera sido teatro.

BUFFON, na sua **"Preuve des théories de la Terra"**, aceita a teoria de PLATÃO:

> "Póde ser que a América tenha sido outróra "ligada por um faixa de terra estreita, aos Açôres "e à Irlanda".

Os Indios do Orenoco, referem-se ao Dilúvio como à **Época de Catena-Ma-Noa"** a que o **"Popol Vuh"** atribúe a data, entre 7 e 9 mil, antes da nossa era.

Os cíclos lendários do México, conhecidos por **Cox-Cox,** aludem à terrivel inundação pré-histórica, como tambem o **Codex Chimal Popoca** (da Guatemala) chamando NATA ao sobrevivente que no Codex Maya, no Livro de **Chilam Balam,** é CHUMAIEL (do Yucatan). Além das muitas referências encontradas nos **Eddas Escandinavos;** nos poemas do **Rig-Véda;** nos Livros do **Hari Puruna;** no **3.° Livro de MANÚ,** e no **Mahabharatta,** Livros sagrados dos Indús.

Afirmam os dados fornecidos pela **Ciência Iniciática das Idades** que houve vários cataclismas de importância, na história da Terra: os que destruiram os antigos Continentes **Lemuria** e **Atlantis** e a terra vermelha ou **País de Mu,** das quais existem insofismaveis vestígios postos em evidencia pelos modernos estudos de Geologia e Arqueologia. Os eminentes geólogos Sclater, Gardner e Blandford falam em um continente que, segundo suas pesquizas, deveria ter existido entre as ilhas de Madagascar e as costas orientais da América do Sul, de que a ilha de Pascua ao largo das Costas Chilenas atesta a hipótese, e que abrangeria a

Oceania, denominado **Gondwana** e caracterizado pelos fósseis deixados pelos grandes criptógamos vasculares denominados **Glossopteris**. Esse continente, segundo a cronologia indú, viria corresponder à **Lemuria**, que coincidiu com o aparecimento da Humanidade, há 18.000.000 de anos.

Mc Culloch sustenta que "as inúmeras ilhas dispersas entre a América Central e o Velho Continente, são os picos emergentes da Atlantida desaparecida". Essa teoria é hoje muito discutida por grande número de eruditos, mas nos parece perfeitamente justificida, pelas provas que se acumularam.

Apoiando a teoria de Wegenner, sobre a deslocação das terras, devida a formidavel cataclisma, em nosso trabalho procurámos demonstrar que "grande parte do Brasil se deslocara da Africa, onde os dois recortes se encaixam admiravelmente e os **rios coincidem num e noutro continente**", o que seria infantil considerar méra obra do acaso.

Os sacerdotes druídas narraram à TIMOGENEO (I. AD) o seu **"desparecimento, num apavorante cataclisma que mudou o aspéto da terra"**.

Nenhum estudioso dessas questões ignora que, em remotas épocas os fenícios, os israelitas e os cartagineses haviam, em suas excursões náuticas e comerciais, aportado a terras "muito além das Portas de Hercules" (Ceuta e Gibraltar).

Essas terras longínquas tinham várias denominações : "Makarieh, **O'Beresail, Ilhas Elyseas**", todas com vagas indicações de local, mas que a ciência moderna pretende determinar nas Antilhas, nas Canárias e nos Açores.

ROCHA POMBO, num artigo publicado em 1933, intitulado "O problema da Atlantida", escreve os seguintes tópicos:

"Há de então perguntar-se : não haverá al-
"guma relação entre as Cordilheiras dos Andes e
"a Atlantida ?

"Nos grandes dias da gênese do nosso mun-
"do, fôram sem duvida comuns, cataclismas de
"tal ordem; isto é, submersões de partes "sóli-
"das, e correspondentes levantamentos de porções
"submarinas. Das vastas massas de crôstas as-
"sim deslocadas, só se conservam estas tradições
"relativas à Atlantida, e tambem às que suspei-
"tam toda a Oceania, como vestigio dum conti-
"nente submergido".

E mais além continúa :

" O fato assinala evidentemente, para este
"lado do nosso hemisfério, uma edade sob o pon-
"to de vista geognóstico, em contraste com a sua
"existência histórica.

"E isto, ao mesmo tempo que fósseis de
"grandes verterbrados, principalmente peixes,
"descobertos nas cumiadas dos Andes, vêm por
"fóra de dúvida que aquela parte do continente,
"só mais tarde, quem sabe quantos milhares de
"anos depois da nossa porção oriental, deve ter-
"se levantado das profundezas do mar siluriano".

John Branner, na sua **Géologie Élémentaire**, afirma haver encontrado em terreno quaternário, no leito do rio Pauhiny (afluente do Purús) um fóssil, o "**Dinosuchus Gervais**" (crocodilo monstro), originário das margens do Nilo.

No Jardim dos Deuses, próximo as minas de cobre de Cerro de Pasco, (Perú), bem no coração dos Andes, existe uma colossal formação rochosa, onde se veem embutidas inúmeras conchas marinhas. Isso

prova sobejamente haver sido essa região, em épocas primitivas, um mar interno. A base, excessivamente estreita, do monolito, evidencia a erosão tremenda das aguas.

A pequena distância, se encontra uma **montanha de sal,** duma transparência tão extraordinária, que, através dum bloco de 2 polegadas se pode ler, nitidamente, qualquer impresso: livro ou jornal! Fato referido em artigo substancial, no "National Geographic Magazine" que se publica mensalmente nos Estados Unidos.

Entre os modernos eruditos : Charles Chassé, Lewis Spence, Moreau, Nadaillac, Brasseur de Bourbourg e muitos outros, afirmam a grande influência civilisadora da Atlantida sobre o Oriente, semi-barbaro. E nisso estão acórdes com a ciência hermética, não só dos egípcios, como a dos helenos.

Na Idade Média, faz furor a viagem, plena de incidentes, do herói irlandês, denominada **Romance de San Brendam.** Narrativa dramatizada e cheia de peripécias, que o "**santo fizera a um misterio e longínquo país, onde vivera sete anos**".

Por mais vagas e incertas que sejam as indicações das épocas em que surgiram nas Américas (Setentrional e Meridional) os primitivos habitantes — todas conservam tradições mais ou menos nítidas dum cataclisma (maremoto ou dilúvio) e dum re-povoamento.

R. Poznansky e R. Mueller verificaram que as ruina de Tiahuanaco datam de 11.500 anos, quando uma explosão catastrófica levantou a Cordilheira dos Andes e o litoral a Colômbia e do Perú, erguendo mais de 3.000 metros a primitiva Tiauhanacu, "cujos trabalhos tiveram de ser interrompidos para sempre porque

todos os seus habitantes que não pereceram, abandonaram-na".

Por processo diferente, K. Bilau conseguiu a confirmação de que há cerca de 9.500 AD., teve lugar no hemisfério Ocidental uma catástrofe cósmica. Exatamente na data mencionada pelos sacerdotes Egípcios, de Saís !

Portanto temos **duas** séries de informações sobre as datas dos cataclismas: uma há 4.000 anos, outra há 10.000 AD., o que nos leva a crêr em mais dum terremoto. E também nas múltiplas tradições de diversos povos aludindo à "**época em que havia duas luas**", e à "**época em que não havia lua**" !

Segundo autores modernos, o Dilúvio Universal se teria derramado sobre a terra no ano 7256 AD. no que concordam com Platão.

Rezam as tradições indigenas que o cataclisma se deu :

> "Na época em que o ponto vernal (Prima-
> "vera) se encontrava no signo do Cancer, preci-
> "cisamente ao lado da estrela Ypsilon, dessa cons-
> "telação..."

Os astronomo Felipoff coincide em seus cálculos, afirmando que, na data dada por Platão, "**o céu apresentava exatamente esse aspecto**".

Moreno, ilustre sábio sul-americano, assevera que:

> "em fins da época terciária, a Patagonia e os pam-
> "pas sulinos submergiram, devido a formidaveis
> "erupções traquíticas e balsáticas".

A primeira leva de emigrantes da Atlantida foi formada pelos Cro-Magnon, 25.000 anos antes da nossa

era; a 2.ª, pelos Aurignacianos, 20.000 AD. e a 3.ª pelos zylios, 10.000 AD.

São estas as épocas atribuidas às principais convulsões terrácuas que alteraram a face da Terra :

1.º — 800.000 anos (?!) — a que dividiu a Atlantida.
2.º — 600.000 anos mais tarde — a que ligou as atuais Ilhas Britânicas à Escandinávia formando uma só ilha, e dividiu a Atlantida em 2: Ruta, ao N; e Daytia, ao S.
3.º — 80.000 anos — O Dilúvio Universal que submergiu Daytia, e grande parte de Ruta.
4.º — 9.564 anos — O Dilúvio que submergiu a ilha Poseidon (parte que ficára da de Ruta) e fez surgir os Andes, e Tiahuanaco.
5.º — 2.459 anos — O Dilúvio Universal de que escapou NOÉ, e com o deslocamento das aguas uniu a Líbia ao Brasil.
6.º — 1.764 anos — O Dilúvio de OGYGES que durante 200 anos tornou a Atica deserta, até a vinda de CECROPS que fundou Athenas e civilizou os costumes.
7.º — 1.503 anos — O Dilúvio de DEUGALIÃO e PYRRHA.

XENOPHONTE afirma ter havido 5 Dilúvios :

1.º) o de OGYGES, que durou 3 meses;
2.º) o da época de PROMETHEUS e HERCULES, e durou 1 mês;
3.º) o do tempo dum 2.º OGYGES (?) que destruiu a Atica inundando-a, 224 AD. quando o colosso de Rhodes submergiu;
4.º) o que submergiuu totalmente a Thessalia, na épopoca de DEUCALION e o
5.º) anterior à guerra de Troya, cujos efeitos se sentiram no Egypto e no qual foram destruidas 10 cidades num terremoto, no ano 17 da Era Cristã.

Eis como a História se refere, pela primeira vez, à situação geográfica e à tradição lendária, no relato de PLATO à CRITIAS, e afirma que esse ensinamento fôra feito por SILENO, sacerdote de Saïs, a MIDAS, rei da Phrygia:

> "Um país existe, muito além das Portas de "Hercules, onde, há nove mil anos, vivia um "grande povo, de civilisação muito adiantada e "de grande cultura.
>
> "Esse povo foi governado, durante séculos, "pela dinastia de ATLAS, filho de POSEIDON "e duma mortal, CLETO". —

Blake, num recente estudo, prova cientificamente a existência da Atlantida, baseando-se em documentação de grande valor.

O esoterismo afirma ter havido 4 formidaveis cataclismas universáis :

O primeiro tremendo cataclisma terrácuo, dividiu ao meio a Atlantida, que ficou separada por um pequeno estreito. Nessa terrivel convulsão telúrica, as Ilhas Britânicas se ligaram à Escandinávia, formando uma grande ilha isolada.

Outra formidavel convulsão, seiscentos mil anos depois, dividiu ainda o que restava da primitiva Atlantida, formando duas ilhas, a de RUTA, ao Norte e a de DAYTIA, menor, ao Sul.

A mesma tradição e, sotérica ensina que, há oitenta mil anos, sobreveio um Dilúvio Universal, em o qual submergiu, à subitas, a Ilha DAYTIA, assim como grande parte da Ilha de RUTA, que se achava equidistante da América e da Europa. Possivelmente, foi nessa ocasião que a parte O. do Continen-

te Africano, deslocando-se como se girasse num eixo, veio encostar-se à longa espinha dorsal da Cordilheira Andina e formar o Brasil Central (Chaco) segundo ensina Wegenner.

Em 9564. AD., numa quarta e apavorante comoção, seguida de dilúvio, submergia por completo a Ilha POSEIDON remanescente da Ilha de RUTA, à que se refere PLATO quando repete a CRITIAS o que ouvira de seu avô em relação às invasões do Egípto, "por povos emigrados duma região denomi-"nada Atlantida, cujo formidavel poder se estendera "a certas partes do continente, na região que ficava "além do estreito de Hercules. estendendo-se para o "Sul, e era uma das mais belas e ricas; de clima sem-"pre primaveril, coberta de ricas florestas onde pre-"dominavam as madeiras para construção, e possuin-"do ricas jazidas de metais preciosos". Esses emigrados se estenderam pelas bacias do Mediterrâneo, fundando núcleos de civilisação, de que se aproveitaram depois os egípcios e os fenícios. PLATO acrescenta :

> "O continente desaparecido era povoado por "uma raça de côr vermelha: os "Rmohals, os "Tlavatls e os Toltecas; e uma raça de côr ama-"rela: os Turanianos, os Semitas, os Mongóis "e os Akkadas.
>
> "A raça primitiva foi a dos Rmohals.
>
> "Homens rudes, de estatuta pouco elevada "e pele dum pardo-avermelhado. Pouco inteligen-"tes, haviam descido das terras Hiperbóreas "(Groenlândia).
>
> "Os Tlavatls, de pele mais escura e mais "baixos, fôram substituidos pelos Toltecas, mais

"inteligentes e mais robustos, que os dominaram.
"Tinham a tez acobreada e os traços mais finos.
"Deles descendem, não só os Incas, como os pró-
"prios Egípcios.

"Os Turanianos eram de côr amarela-aver-
"melhada.

"Os Akkadas, de côr-amarela-escura. Os Se-
"mitas e os Mongóis, de côr amarela.

"Os Turanianos habitaram as colônias de
"Marrocos; os Akkadas e os Semitas, as terras
"de que só restam ilhas.

"Os Mongóis eram tribus nômadas vindas
"das altitudes Siberianas.

"Em épcoca excessivamente remota, os Gre-
"gos tiveram de enfrentar terrivel invasão dum
"povo emigrado duma ilha maior que a Líbia e
"a Africa reunidas".

Paul Schliemann escreveu um artigo "Comment j'ai retrouvé l'Atlantide, source de toute civilisation" donde extraimos os seguintes tópicos :

"Dias antes do seu falecimento em Napoles, em 1899, meu avô Henri Schliemann deu a guardar um envelope lacrado, a um de seus melhores amigos, onde se lia o seguinte: Este não deve ser aberto senão por um membro de minha família que, sob palavra de honra se comprometa a dedicar a sua vida às buscas que aí vão sumariamente indicadas. Uma hora antes de morrer, pedindo papel e lapis, escreveu com mão trêmula: "Adendo secreto ao que contem a sobre-carta" lacrada. Quebre o vaso de cabeça de coruja. Examine o conteúdo. Refere-se à Atlantida. Túmulo a Leste das ruinas do Templo de Saïs e no semitério

do vale de Chacuna. Importante. Encontrará provas da exatidão da minha teoria. A noite se aproxima. Adeus". E mandou que tambem este bilhete fôsse entregue ao amigo. Ambas as cartas fôram depositadas um Banco Francês.

"Depois de terminar os meus estudos de muitos anos na Russia, na Alemanha e no Oriente, resolvi continuar as buscas de meu ilustre avô. Em 1906, assumi o compromisso que me fôra imposto e abri a sobre-carta. Continha fotografias, grande número de documentos e o seguinte texto:

"Quem quer que abra este envelope deve jurar solenemente que continuará a obra que deixei inacabada. Cheguei à conclusão de que a Atlantida foi, não só um grande território entre a América e as costas ocidentais da Africa e da Europa, como o verdadeiro berço de toda a nossa civilisação. Ponto muito controvertido pelos especialistas. Opinam uns que a tradição não passa duma lenda poética assentado em bases de indicações fragmentárias sobre um Dilúvio há alguns milhares de milênios antes da nossa era. Outros consideram real a tradição, porém sem encontrar provas da sua veracidade.

"... Que o Todo Poderoso se digne favorecer este trabalho importante!" Henri Schliemann.

Em um dos documentos havia o seguinte: "Em 1873, durante as escavações que fazia nas ruinas de Troia, em Hissarlik, descobri sob a 2.ª camada do famoso Tesouro de Priamo, um vaso de bronze de aspéto singular contendo alguns cacos de argila, diversos pequenos objetos de metal, moedas e objetos de ossos petrificados, muitos dos quais, assim como o próprio vaso, traziam inscrições em hieróglios fenícios, que signicavam: **"Do rei Chronos da Atlantida".**

"Noutro documento, letra B, lia-se o seguinte: "No ano 1883, vi no Louvre uma coleção de objetos provenientes das escavações de Tiahuanaku (Bolivia?) onde descobri cacos de potes exatamente da mesma fórma e matéria. assim como objetos de osso petrificado absolutamente iguais aos que havia encontrado no vaso de bronze do tesouro de Priamo. A semelhança não podia ser fortuita. Essa série porém, não tinha nem inscrição, nem caract;res fenícios.

"Submetendo fragmentos provenientes de Tiahunaku a exame químico e microscópico, ficou provado que as duas série de vasos eram duma mesma espécie particular de argila que não se encontra nem na antiga Fenícia, nem na América Central. Fiz analizar os objetos de metal e a análise constatou que o metal era composto de platina, aluminio e cobre, liga que jamais se encontrou em parte alguma entre os vestígios do passado, nem atualmente se faz.

"... Conclúe-se que os objetos encontrados em regiões tão distantes e substancialmente iguais, têm origem comum. Que dedução tirar d'aí senão que vieram dum mesmo lugar para pontos diferentes. A inscrição dos que encontrei indicava a origem — A ATLANTIDA !

"... Incitado por novo estímulo, encontrei no museu de S. Petersburg um antiquíssimo rôlo de papíro datando do reino do faraó Sent, da 2.ª dinastia 4571 AD, no qual relata uma expedição enviada pelo dito faraó ao ocidente, para encontrar vestígios do país Atlantida, donde haviam vindo, 3350 anos antes, os predecessores dos Egípcios, trazendo consigo toda a sabedoria da sua nação. Essa expedição voltou ao cabo de seis anos, dizendo não haver encontrado o

povo, nem sobreviventes dele capazes de informá-la sobre a terra desaparecida.

"... Em outro manuscrito do mesmo museu, escrito por Manethon, atribúe a duração do reinado dos sábios da Atlantida a 13,900 anos, período que o sábio atribue ao início da historia do Egípto, que assim remontaria a cêrca de 16 mil anos!... Uma inscrição encontrada por mim nas escavações junto da Porta dos Leões, em Mycena, ensina que "MISOR, de que os Egípcios descendem, era filho do deus egípcio THÔT, que era filho emigrado dum sacerdote da Atlantida que se apaixonara por uma filha do rei CHRONOS e, forçado a fugir, chegou após longas peregrinações, ao Egípto. Construiu o 1.º templo em Sais e ensinou a sabedoria da sua pátria de origem". Esta inscrição é tão importante que eu a conservei em sigilo. Tu a encontrará entre os papeis marcados com a letra D.

... "Uma prancha proveniente das minhas escavações em Troia, contém um tratado de medicina dum sacerdote egípcio sobre o tratamento da catarata e dos abcessos das vísceras por meios cirúrgicos! Encontrei a indicação dos mesmos processos em um manucrito espanhol conservado em Berlim, cujo autor aprendera esses processos com um sacerdote Azteca do México, que por sua vez os encontrára em um velho manuscrito Maya. Devo, para terminar, notar que nem os Egípcios, nem os Mayas, criadores da civilisaçção da América Central, fôram jamais grandes navegadores.

"Todavia, a analogia entre a civilisação Maya e a Egípcia é tal que não se a póde atribuir a coincidência, que em tais casos não existe. Resta portanto aceitar como verdade a tradição lendária de que existiu

outróra um grande continente que ligava o que conhecemos hoje por Antigo e Novo mundo. Êsse, era a Atlantida donde partiram colônias para o Egípto e para a América Central".

Paul Schliemann continúa: "Ao tomar conhecimento desses documentos, fui em busca das coleções escondidas por meu avô em Paris. O vaso com cabeça de môcho era, além de exquisito, de proveniencia antiquíssima e nêle li, em caractéres alfabéticos fenícios: **"Do rei CHRONOS da Atlantida"**. Hesitei algum tempo antes de quebrar a cabeça do môcho. De dentro, caíu um disco de metal quadrangular, dum metal branco semelhante à prata, com sinais e figuras estranhas, para mim inteiramente desconhecidas, sobre o verso da moeda. No reverso havia gravado, em caractéres fenícios arcaicos: **"proveniente do templo das muralhas transparentes"**. Mas como havia essa peça de metal entrado no vaso em fórma de môcho, cujo gargalho não podia dar-lhe passagem ? Si o vaso provinha da Atlantida, a placa tambem era de lá. Meus estudos provaram que os caractéres fenícios fôram gravados depois dos sinais do verso da placa de metal... Entre os objetos que meu avô escondera em Paris, encontrei mais: um elefante de fórma estranha em osso petrificado, um anel do mesmo metal curioso da medalha, um vaso evidentemente arcaico, o esbôço dum mapa de que o navegador Egípcio se servira para procurar a Atlantida, todos os objetos com a mesma inscrição Fenícia, excetuando o elefante e as moedas de metal branco. Sem obter resultado em minhas pesquizas nos arredores de Sais, o acaso fez um caçador Egípcio mostrar-me uma coleção de moedas antigas que disse **haver encontrado no túmulo dum sacerdote da 1.ª dinastia**. Qual não foi o meu

espanto ao descobrir na coleção duas moedas iguais em tudo às que fôram achados no vaso Troiano !

... "Dirigí-me então a dois célebres geólogos franceses especializados e exploramos juntos a costa ocidental da Africa. Toda essa costa estava cheia de produtos de erupções vulcânicas. Pareceu-nos que por muitas milhas de extensão, terras haviam sido arrancadas da costa pelas comoções telúricas. Lá encontrei uma cabeça de criança **do mesmo metal** do anel e das moedas, encravada numa crôsta de cinzas vulcânicas de grande antiguidade.

... "Partindo para o México e o Perú, pesquizei necrópoles e cidades. "Na pirâmide de Teotihuacan (México) encontrei moedas da mesma liga metálica, porém com sinais gravados diversos. ...Passo por alto os hieróglifos e mais documentos que descobri e confirmaram que as civilizações do Egípto, Mycena, América Central e América do Sul, assim como as civilizações de Mediterrâneo tiveram uma origem comum".

Eis o que em seu célebres "Dialogos", Plato, da conversa em que discutiam o assunto Socrates, Hermocrates e Timeu e Critias diz:

> "Eis que ouvi esta história, contada por "meu avô, que o ouvira de SOLON, o celebre fi-"lósofo: — No Delta do Nilo eleva-se a cidade "de Sais, outróra capital do faraó AMASIS, que "foi fundada pela deusa NEIT, que os Gregos "chamavam ATHENA. Os habitantes de Sais "são amigos dos Atenienses com os quais jul-"gam ter uma origem comum. Por isso foi SO-"LON acolhido com grandes homenagens pela "população de Sais.

"Os sábios sacerdotes de NEIT iniciaram-
"no nas mais antigas tradições da História da
"humanidade e especialmente na de Sais.

"Assim foi que manifestaram a SOLON o
"que ele e outros Gregos ignoravam à respeito
"dos períodos mais remotos da Historia. Os sa-
"cerdotes explicavam essa ignorância pelo fato
"das diversas catástrofes, inundações e terremó-
"tos terem destruido todas as recordações do
"passado.

"Calamidades ainda mais horrorosas, cau-
"sadas às vezes pelo fogo do céu, — assim é que
"a Historia de PHAETONTE, querendo dirigir
"o carro de seu pai PHEBO, teria abrazado a
"metade do mundo — é autêntica verdade, ape-
"sar de parecer inverosimil. Algumas se dão pe-
"periodicamente devido ao movimento dos cor-
"pos celestes, causando a morte de milhões de
"sêres vivo.

"Depois desses cataclismas, a humanidade
"torna a caír na barbárie".

Diz ainda Solon:

"O 1.º rei de Poseidonis foi ATLAS, e seu irmão
GADIR foi soberano da parte do país situada perto
das Colunas de Hercules (Gibraltar) e que se chamou
Gadiricia.

"A Atlantida era um país muito rico e fertil, con-
tinha florestas de árvores frondosas, planícies ferteis,
jazidas de pedras multicôres e um metal "orichalcum"
com o brilho do oiro.

"O fim trágico dessa civilisação foi devido à cole-
ra dos deuses. Revoltados diante da soberba dos

Atlantes e indignados pela prática da magia negra, resolvendo exterminar a raça de pecadores".

O vocábulo "atlante" é formado da raiz egípcia **Atl** e do vocábulo **Anti**. Significa "altos vales".

Ora, a Atlantida era montanhosa ao Norte e plana em sua parte central, como atualmente a América Setentrional, com a imensa cordilheira dos Andes, — (possivelmente corruptéla de "antis") e os planaltos de Cuzco, (Perú) e de Goiás (Brasil).

Fundando colonias, os Atlantes deixaram seu nome na cadeia de montanhas da Líbia: ATLAS.

Segundo se lê no pequeno vocabulário de Bunsen: "**se econtra nos hieróglifos dos monumentos egípcios, grande número de palavras** atlantes. Fica portanto provada, não só a existência da Atlantida, tida por inverídica e absurda, como se confirma haver sido ela, a fonte da grande cultura egípcia.

Os Atlantes se exprimiam em um idioma aglutinante, do qual se formam o "guanche" e o "tolteca". O "guanche" era ainda usado pelos indígenas das Ilhas Canárias, quando os espanhóis as descobriam, e apresenta afinidade léxicas com os idiomas falados pelas nações nahaúalts e ketchúas e, nos antigos continentes, como o "trusco" e o "egípcio".

Mumificavam os mortos, arte que os egípcios aperfeiçoaram.

Habilíssimos na prática da magia branca, dela se aproveitavam para domesticar as féras, de que se serviam para a tração das suas carruagens.

Conheciam um elemento que denominavam "**vrill**", talvez a força elétrica; por meio do qual "**dirigiam naves aéreas que tinham capacidade para transportarem, de oitenta a cem pessoas**"; tal como os modernissimos Hindenburgs que cruzando pela 1.ª vez

os nossos céus, tanto nos maravilharam. Força semelhante ao "aur", a que se refere a Bíblia, ou ao "akasa", dos indús.

Possuiam um metal, o "orichalco", que com eles desapareceu e nunca poude ser identificado.

CERNE, a capital, era situada num planalto altíssimo, cujos 3 picos podiam ser distinguidos a grandes distâncias, do alto mar. Era denominada "a cidade das portas de ouro". Esses três picos, pensam vários autores serem as Ilhas Canárias onde o guanche continúa a ser falado. Os modernos estudos de oceanografia ratificam a suposição de existir no fundo mar das Antilhas uma ilha, submersa em tempo remotíssimo.

Os sábios Atlantes haviam condensado numa síntese, todas as suas leis. Gravadas em tábo.as, revelavam esses regulamentos uma grande elevação moral.

A mulher atlante gozava dos direitos concedidos aos homens. Politicamente, haviam tentado, como os primitivos Chinêses, uma organização social sob as bases que os comunistas pretendem novas. Ambas essas tentativas fôram frustadas, por inexequiveis e desorganizadoras, A insatisfação do próprio povo obrigou-os a abandonar a tentativa desastrosa.

Adoravam a um DEUS único que se manifestava aos seus sacerdotes pela linguagem dos ástros.

Criam na imortalidade da alma e na re-incarnação.

Após a conquista de vários territórios no continente Africano pelos invasores Atlantes, sofreram sérios revezes dos Atenienses, numa decisiva e sangrenta batalha, na Thyrrenéa.

O Perú e o México, assim como o Egípto, considerados colônias Atlantes, — confirmam a existência, duma civilisação estupenda. Desaparecida, sem deixar

outros vestigios além das suas colônias e das culminantes civilisações a que atingiram. Foi encontrada no México uma estatueta representando um guerreiro, que se julga representar um Atlante, devido à sua estranha indumentária.

Todas as nações atribuem ao seu patriarca, — o gerador da raça, paradigma — todas as suas virtudes além da sabedoria e dos conhecimentos que todas as ciências e artes que lhes transmitiram, a organização legislativa que os rege. Claro que esses conhecimentos básicos, fundamentais da sua evolução cultural, se desenvolveram, ou atrofiaram, segundo a aptidão e a inteligência do povo, obedecendo à lei do menor esforço e da aclimatação ao "habitat" em que se fixaram.

Todavia, é dificílimo em tão intrincada meada, separar a História, da Lenda, uma vez que tudo gira em torno de tradições, sempre alteradas pela sua própria transmissão, ou desvirtuadas com o decorrer do Tempo. Por sua vez, os historiadores sempre colaboram e, não raro, alteram a verdade dos fatos...

Cada povo, cada nação, possúe como ponto de partida para a memória consciente da formação cronológica e étnica da sua raça, o nome dum NOÉ post diluviano — que por suas virtudes mereceu do Ente Supremo a missão de procrear uma nova humanidade. Mais pura. Mais elevada.

Em muitos povos primitivos, — quer ameríndios, quer nórdicos, quer asiáticos, — deparamos com reminiscências alusivas, e mesmo confirmações das tradições ensinadas pelos sábios de Saís, (Egípto) em relacção aos **"super-homens, vindos pelo mar para civilisá-los"**.

Eis a tradução do "manuscrito Troiano" pertencente à célebre coleção "Le Plongeon" e que se acha no "British Museum", de Londres:

"No ano 6 KAN, a II MULUK, no mês ZAK, começaram os tremendos terremotos que duraram, sem interrupção, até 13 CHUEN. O país das montanhas de barro, o país MU, foi presa deles.

"Depois de ter sido erguido ao alto duas vezes, foi tragado durante anoite, depois de haver sido minado por baixo ininterruptamente, pela força das erupções vulcânicas subterraneas.

"O continente foi levantado e abaixado varias vezes. Finalmente a terra cedeu e 10 países fôram estraçalhados e arrancados. Eles se desmoronaram com os seus 64 milhões de habitantes, 8.000 anos antes da época em que isto foi escrito".

(The London Budget — 15-XI-1912)

Conta ainda Paul Schliemann, o notavel arqueólogo, neto do sábio Schliemann, o seguinte, que se acha em documentos originais num velho templo budista de Lhassa, num manuscrito Caldeu, escrito perto de 2.000 anos antes de CHRISTO, o seguinte:

"Quando a estrela BAL caíu no lugar onde atualmente só existe agua e céu, as 7 cidades tremeram e balançaram com as suas torres de ouro e seus templos transparentes, como folhas de árvore sacudidas pela tempestade. Então, uma torrente de fogo e fumo ergueu-se dos palácios. Os soluços dos moribundos e os gemidos da multidão encheram o ar. O povo procurou refúgio nos tem-

plos e nas cidadelas. E o sábio MU, grão sacerdote de RA-MU levantou-se e disse:

"Não vos havia eu predito tudo isto ?"

"E os homens e mulheres cobertos com suas preciosas vestimentas e de pedrarias, gemiam : "MU, salva-nos !"

"E MU respondia: "Vocês morrerão todos juntos, com vossos escravos e vossos tesouros. De vossas cinzas nascerão novas nações. Si essas nações esquecerem que devem dominar as cousas materiais. não sòmente para se engrandecerem por isso como para não se diminuirem, o mesmo fim as espera."

"As chamas e a fumaça abafaram as palavras de MU. O país e todos os seus habitantes fôram destroçados e logo tragados pelas profundezas".

Termina o conhecido cientista co mestas palavras, impressionantes por proferidas por um grande arqueólogo, mundial acatado:

"Que significação póde haver entre estes dois relatos, um do Thibet, outro da América Central, contando ambos cataclismas que se assemelham e ambos referentes ao país de MU ? Si eu quizesse dizer tudo quanto sei, o mistério seria desfeito".

Esperemos portanto, que se resolva a fazê-lo, para a confirmação do nosso ponto de vista, em o qual nos achamos em muito bôa companhia.

Em substancioso artigo, Silas Silveira respondendo à pergunta: "O Brasil de hoje figurava em algumas cartas anteriores à descoberta, com o nome de Terra dos Papagaios?" escreve:

"Na verdade, o articulista da Terra dos Papagaios (o prof. Altamiro Nunes Pereira) não foi o primeiro a levantar tal lebre.

E' provavel que em seus primeiros dias, a terra apresentasse uma figura inteiramente diversa da atual. Mais de uma vez a sua superfície mudou de aspecto. Assim — a Sicilia já esteve unida à Itália; e a França e a Inglaterra à Irlanda.

O sábio Agassiz, diz, em relação ao nosso Brasil (que estudou à fundo) :

"Todas as nações, de todos os continentes conservam tradicionalmente a memoria de cataclismas ou dilúvios que submergiram seus antepasados, ou fizeram desaparecr grande parte de terra firme da superfície do globo".

Os atenienses só guardaram lembrança dum Dilúvio, quando na realidade houveram mais.

"Ignorais até as vossas próprias origens. E não sabeis que sois descendentes degenerados duma grande raça", disseram os sacerdotes de Saïs ao grande filosofo SOLON.

"Há manucristos que contêm o relato duma guerra que lavrou entre os Atenienses e uma poderosa nação que habitava uma ilha de enormes dimensões, no Oceano Atlântico.

"Nas proximidades dessa ilha, existiam outras e mais além, no extremo Oceano, um grande continente. A ilha chamava-se Poseidon, ou Atlantis. Era governada pelos reis, aos quais pertenciam tambem as ilhas próximas, assim como a Líbia e os países que cercam o Mar Thyrreno.

"Quando se deu a invasão da Europa pelos Atlantes, foi a cidade de Athenas, como que a cabeça duma liga de cidades Gregas que, por seu valor, salvou a Grécia do jugo daquele povo".

Ao abrir o primeiro capítulo da História Literária Fluminense, de Rui Gonçalves, lêmos: "Embora

o descobrimento do Brasil ocorresse em 1500, fato que hoje vem provocando sérias controversias, pois desde 1351 figurava o nosso país nas cartas marítimas, planisférios e mappas-mundi do portulano dos Medicis, como diz Arnaldo Damasceno Vieira, acrescentando que se chamava **Ilha das 7 cidades...**"

"... Sobre a **Ilha as 7 Cidades** do Brasil atual, escreve Oscar Marcondes de Souza, à página 30 da sua obra: "a 28 de janeiro de 1474, recebeu Fernão Telles carta de doação de D. Affonso V, limitando as suas explorações à latitude da Guiné e depois, a 10 de Novembro de 1475, estendendo os seus direitos **à imaginária Ilha as Sete Cidades, já procurada sem resultao por Diogo de Teive em 1452**".

"... Na página, continúa: "Tambem os Inglêses no fim do século XV sulcaram o Atlântico em procura da célebre Ilha das Sete Cidades e outras fantásticas". E mais adiante: "E, em junho de 1480, partiu de Bristol **em procura da ilha imaginária Brasil** e provavelmente tambem das **Sete Cidades**, um navio equipado à custa de John Jay Junior".

O fato de não haverem sido encontradas pelos navegadores Portuguêses e Inglêses, não implica na sua não existência... pelo menos no tocante ao Brasil que, separado da Africa, teria naturalmente flutuado como ilha durante ignorado lapso de tempo, até que, encostando à espinha dorsal da Cordilheira Andina, passou a ser parte integrante do continente.

Escreve no seu livro **"La conquète des routes Océanique"** no Cap. IV de **L'enchantement des îles Fantastiques"**, o historiador espanhol Carlos Pereyra:

"Todo o mar Tenebroso estava cheio de ilhas fantásticas, umas habitadas, outras desertas, todas

transbordantes de maravilhas. No mar de Sin, na costa do país de Gog e Magog, floresciam enigmaticaente as ilhas de Vac-Vac do geógrafo árabe Edrisi. Ao N. da Antilia se levantava o rochêdo solitário de **Man Satanaxio** (mão de Satanaz) que apontava o domínio do mistério. **Uma ilha que fascinava os geógrafos tanto ou mais que a Antilia, era a Ilha Brasil.** Achava-se nas cartas, entre 1350 e 1450, com os nomes de **Braci, Brazir e Beresail**".

Silas Silveira cita ainda em seu artigo, à página 8, da monografia de J. Vidago **A Ilha do Brasil** (Lisboa, 1938): "Esta ilha, nascida da miragem e da ilusão dos nevoeiros, a par dos mitos religiosos da bemaventurança e do longínquo Paraiso, persistiu longamente por si mesmo, e ainda hoje, **apesar de desaparecida dos mapas** (como ilha, já se vê) os povos das ilha Aran continuam a crêr firmemente na sua existência, dando-lhe intervalo de aparição de 7 em 7 anos".

Da **"An Illustrated History of Ireland"** (Cap. V, Irish Paganism, ps. 38-39) traduzimos:

"Os pagãos Irlandêses tinham uma vaga crença na existencia duma terra de juventude e paz eternas, conhecidas sob várias denominações: **Moy-Mell**, terra do prazer; **Tirnanoge** — terra da mocidade eterna; **I Brazir ou O Breazil**, etc. Quanto à sua situação variam os relatos: ou talvez seja mais certo dizer-se que existiam várias dessas regiões afortunadas. Algumas, no sub-sólo em rebrilhantes cavernas espaçosas, no fundo do oceano ou no fundo dum lago. **I Brazir** ficava além do Oceano Atlântico; e afirmavam que podia ser avistada dos rochêdos de Oeste como uma nuvem pairando no horizonte, sobre o mar, à grande distância. "Essa inconsistente ilha ocidental era tambem denominada **Moy-Mell**. Essas regiões felizes eram sempre ha-

bitadas por fadas; e algumas vezes arrebatavam para elas os mortais".

Em todos os mapas medievos, figura a Ilha Misteriosa, em meio de outras no Oceano Atlântico, denominadas: **Stocafixa, Royllo, Satanaxio, Antilia** e **O'Beresail (Braci, ou Beraxil)**, todas consideradas mais ou menos fabulosas, e suas posições geográficas, desconhecidas.

No século XIV, após as últimas descobertas dos grandes navegantes ibéros e italianos, se verificou a realidade e positivou-se a existência de algumas.

Assis Cintra (Rev. L. Port., vol. 38) afirma que o vocábulo vem do italiano medieval "verzino", "bercino", já no século XII grafado — "brésil" pelo francês Chrestien de Troyes, João Ribeiro vê nêle uma combinação com esses e o nome celta Bressail (de Bress, bôa sorte).

Segundo Ecott-Eliot, os territórios compreendidos pela Atlantida" estendiam-se alguns gráus a L. da Islândia, até aproximadamente ao local onde hoje está a cidade do Rio de Janeiro, na América Meridional; comprendendo suas regiões equatoriais o Brasil e toda a extensão do Oceano até a Costa do Ouro, na Africa". Pensamos diversamente, apoiados em Wegenner e em acurados estudos à que nos vimos dedicando.

Com a imersão da Atlantida, teria emergido nos antipodas, a Australia, a que nenhum escritor antigo se referiu jamais. As aguas, desviadas pelo maremoto, teriam destacado da Africa o bloco imenso que se aproximou dos Andes para formar a América do Sul, criando a imensa região do Chaco.

Na bacia do Rio das Velhas (Minas Gerais), a terra tem-se aberto em varios pontos, deixando ver

imensos lençóis dagua e comprovando a excessiva largura do rio Jaguaribe.

Segundo a tradição, são estes os nomes dos primeiros deuses da cosmografia dos povos e dos primeiros civilizadores que a lenda transformou em sêres divinos:

Na América do Norte e Central :

Athapascans	—	IETL — o corvo que salvou seus antepassados do Dilúvio e trouxe-lhes o fogo divino.
Algonkians	—	MONIBOSHO — o Grande Espirito; e MANITO — o 1.º Civilizador.
Choctaws	—	ESAGUATEGÚ — o Deus que fez homens do barro e separou as aguas sobre as quais voavam pombas.
Delawares	—	POWAKO e POKUNET.

No México:

Aztecas	—	XELHUA — um dos 10 Titans que edifcaram altíssima torre no tópe da pirâmide de Xolula para escaparem a um novo Dilúvio Universal.
Chiappas	—	IMOX.

Nahauas — HUIZITOPOTCHILI.
Tarascos — TESPI.
Toltecas — TONATECATL e CUINEMATZ; QUETZALCOATL — o 1º civilizador; e NALA e NENA — 1.º casal humano.

No Yutacan :

Itzoals — KUKULKAN — deus; ZAMNA — 1.º civilizador; NONCOMALA — 1.º homem.
Mayas — MAUMATZU — deus; ITZUMA e ITZEL — 1.º casal humano.
Costa Rica — NUBU — o deus que espalhou a semente dos homens, depois do Dilúvio.

Na América do Sul :

No Brasil em geral — TUPAN — deus.
Arruacos — CAMU — 1.º civilizador.
Apapocuvas — NHANDEREÇÚ, o deus; NHANDECI — a Mãe Grande.
GUIRAPATI — o Noé de sua raça.
Barés — POROMINARÊ e AMAU o 1.º casal.

Boróros — MARRÉBOE — deus bom e BOPPE, o deus maléfico.

Bugres — HUCHA — o demônio grande.

Caincangues — CAIUCÊ' e CAMÊ — o 1.º casal humano.

Carahybas — TAMU.

Carayás — CABOI — o deus que fez surgir o homem do fundo da terra, KANANCHIUÊ, civilizador.

Craós — IPANA — o deus benéfico; OM TIU — o deus maléfico.

Tapuias — TAMANDARÉ — o único sobrevivente do Dilúvio que submergiu a "Cidade dos Telhados de Ouro".

Tupys — TUPAN — o deus que ensinou o uso do fogo e a agricultura.

Na Colômbia :

Muyscas — ZUKHA — deus; BOCHICA — a 1.ª civilizadora; NHEMKETABA e CHIA — o 1.º casal humano.

Na Bolivia :

Aymarás — TIAHUANAKU.

Na Guatemala :

Chimús	— O Sol — poder criador; NATA — o 1.º civilizador.

No Paraguai :

	— ARANDA e SUMÉ, primeiros civilizadores.

Na Patagônia :

	— SETEBOS, deus; ZEU KHA — fundador da raça.

No Perú :

Incas	— TUPAC YUPAN — deus; HUIRACOCHA, 1.º civilizador.
Quichés	— PACHAMAC — deus; QUETZALCOATL — 1.º civilizador.

Na Venezuela :

Chibchas	— MUYSCO.
Macuxis	— MAREREVANA.
Caapienas	— RUDA — o deus do amor.
Camaçans	— YACY — a lua.
Inhays	— HUACY — a lua, IĊHEIHI-TUNA, a mãe d'agua.
Guaycurús	— CARA-CARÁ, a ave que criou homens guerreiros.

Manáos	—	MANARA — deus do Bem e SARANA, deus do Mal.
Manivas	—	JURIPARY — o Ser Superior.
Mundurucús	—	CARÚ-SACAERÊ — o 1.º homem nascido das trevas.
Nhambikaras	—	ENORÊ — o Ente Supremo; ZALUÉ e HOHOLAIALO, o 1.º casal.
Tarianos	—	CAPIRICULI — deus.
Tuiucas	—	TUPAN — deus.
Tupinambás	—	TUPAN — o Ser Supremo e varios deuses menores.



III

OS POEMAS DE HOMERO

A Iliada e a Odisséia, até hoje consideradas como obras de ficção, estão de tal fórma repletas de detalhes históricos, científicos e geográficos, que não pódem deixar de ter um fundo verídico.

Lê-se no Livro de Telemaco (Capítulo VIII) a descrição surpreendente duma terra desconhecida e maravilhosa:

> "A Bethica é um país de que se contam cou-
> "sas tais, tão extraordinárias que é difícil tê-las
> "por verídicas. O rio Bethis desliza em um país
> "fértil e sob um céu sem nuvens Esse país to-
> "mou no nome do rio que desagua no Grande
> "Oceano, bastante próximo das Colunas de Her-
> "cules (Ceuta e Gibraltar) e é desse lugar que, em
> "tempos idos, o mar desmontado, rompendo os
> "seus diques, separou a terra de Tharsis da gran-
> "de Africa (!!!).
>
> "Esse país parece haver conservado as delí-
> "cias da Idade do Ouro. Os invernos são tépidos
> "e as rigorosas rajadas hibernais não sopram
> "nunca. As ardências do verão são sempre suavi-
> "sadas pelas brisas refrescantes que vêm tempe-
> "rar o calôr causticante do meio-dia. E assim, o
> "ano inteiro não é mais que o conubio feliz da

"primavera e do outono, que parecem estar sem-
"pre de mãos dadas.

"A terra produz cada ano recolta dupla, tan-
"to nos campos como nos vales. As estradas são
"marginadas de louros, jasmineiros e outras arvo-
"res que jamais despem as folhas. São inúmeras
"as minas de ouro e prata existentes nessa bela
"terra, cujos habitantes, simples, felizes na sua
"simplicidade, não se dignam contar o ouro e a
"prata como riquezas, e só valorizam o que é real-
"mente necessário à vida do homem".

Como não se vêr nessas riquezas e sua situação topográfica a imensa e opulenta região que se estende das margens amazônicas às dos rios que banham todo o norte do Brasil, onde estariam situadas as bíblicas Ophir e Tharsis ? Inúmeros são os exemplos nas Sagradas Escrituras, de crismarem-se os homens, de adotarem um apelido adequado a fáto importante de sua vida: CHRISTO deu a Simão o nome de Pedro. quando instituiu-o Chefe da Igreja. Tharsis, na Bíblia, é nome de varão da tribu e Benjamin. Que êle désse o seu nome à terra aurea por ter descoberto suas fabusas riquezas e com o decorrer dos tempos esse nome passasse a simbolizar "colheita aurifera" — nada mais natural. Ophir fica próximo de Parvaim ou Paruim, que foi mistér abandonar mais tarde pelas facilidades oferecidas pelas jazidas inexploradas e veios de maior abundância, são concurso de razões bastantes para, junto à etimologia da palavra, determinarem onde tal país deveria encontrar-se.

IV

AFRICA — BRASIL

DE HERODOTO A WEGENNER

Não é de hoje que se vem observando uma curiosa coincidência: o recorte dos litorais do Brasil e da Africa, se ajustam (suprimindo o Oceano Atlântico) como delicadíssimo jogo de encaixes, de modo impressionante.

O Cabo de S Roque entra no Golfo de Guiné; a chanfradura da Baía de Todos os Santos parece feita para receber a saliência da Costa de Gabon; a proeminência de Cabo Frio ocupa, exatamente, a re-entrância da Baía da Guanabara (agora criminosamente alterada) adapta-se com a mais perfeita exatidão, à Costa de Mossamedes. Essa curiosidade impressionou fortemente o sábio alemão Wegenner, que estudou com a minuciosidade e a pertinácia da sua raça, o caso extranho, solucionando um dos problemas que escapam à perspicácia dos geólogos e dos demais cientistas.

Dir-se-ia que os continentes, outróra um só bloco, se fendera ao meio. E, como gigantesco pedaço de cortiça boiando sobre as aguas, se destacou da Africa paulatinamente. O vão que se largava foi ocupado pelas aguas que formam hoje o Oceano Atlântico.

Wegenner afima que "a América, ao separar-se da Africa voltara-se para o lado do Ocidente como sobre


EUROPA
MEDITERRANEO
AFRICA
LIBIA (?)
Segundo
Herodoto (440 AC)
Segundo
Elesbão
(530 AC)
Eratóstenes (300 AC)
Segundo
Ptolomeu (150 DC)
TERRA INCOGNITA
AMERICA
Carta planisferica
Africa
Brasil

um eixo, impelida pela força das aguas, até encontrar apoio e fixidez no litoral formado pela imensa espinha dorsal das cratéras que se estendem do Equador à Terra do Fogo". As terras que escorregaram das vertentes ao longo da imensa cadeia Andina, teriam, com o decorrer dos tempos, formado os imensos pantanais que separam os altos chapadões centrais do Brasil, Bolivia e Paraguai, e se alongando em direção ao norte, nas planícies alagadiças do Amazonas. O empolgante estudo a que nos vimos dedicando desde 1927 reforçou a nossa opinião quanto ao deslocamento da parte do litoral do Brasil (Líbia Ocidental) atual, destacada da Africa por ocasião de tremenda comoção telúrica. Á adaptação perfeita de ambos os litorais acresce uma prova ainda mais concludente, se possivel: **o prolongamento dos rios nos dois continentes** — para o que não há explicação alguma plausivel, tornando absurda a hipótese de méra coincidência. O que os últimos mapas do Brasil, tanto os do major Jaguaribe como os da National Geographic Magazine, de admiravel exatidão científica, evidenciam.

Interessados pelas premissas que corroboravam despretenciosos estudos, encetámos um cuidadoso estudo dos mapas dos dois continentes, cujos resultados mais nos animaram. Vimos assim que o nosso rio S. Francisco, é o Rio Niger (na Africa) que tem um afluente denominado **Benin** e que o rio Madeira possue um afluente com o nome de **Beni.** O rio Congo se prolonga no Jequitinhonha; o Coanza, no Rio Doce; o Cunêne, no Itajaí e o Orange, no Paraná.

Só os geólogos poderão, pelo estudo das camadas e constituição de ambos os litorais, resolver em que época se teriam dado os diversos cataclismas que alteraram tão profundamente a parte ocidental do

nosso globo. Nossos modestos estudos nos levam a crêr que o continente Sul-Ameríndio sofreu grandes alterações em épocas diversas, a primeira quando se deu o soerguimento da cordilheira Andina (que Lewis Spence ter tido lugar 13.000 anos antes de Jesus Christo), a segunda, com a submersão da Atlantida em 9.550 AD., data que coincide com a da posição do sol na época da construção do Templo do Sol, de Tiahuanaco.

O imenso deslocamento das aguas talvez por ocasião do afastamento das colunas de Hercules que fechavam o Mar Mediterrâneo, durante a comoção telúrica que ocasionou o Dilúvio de Pygmalion e a submersão dos restos das ilhas dos Atlantes, — teria contribuido para que a Líbia se destacasse então e, girando lentamente, viesse completar o território de Chaco, já em formação.

A súbita elevação da Costa Pacífica da América do Sul, (de 0,m. a 3.500^{m}), está confirmada pela descoberta do vasto planalto na Colômbia, a que se deu o nome de "Campo dos Gigantes", por estar literalmente coberto de ossos petrificados, de mastodontes evidentemente mortos pela rarefação do ar e pelo frio, devido à formidavel e súbita elevação do terreno que habitavam. O professor Posnanski afirma que "Tiahuanaco (Bolivia) era sita à beira-mar e habitada por população já muito civilisada nessa época. A elevação dos Andes contribuiu ao mesmo tempo para a formação dos lagos vulcânicos do Poopo e Titicaca". Talvez o mesmo cataclisma tenha causado o rebaixamento do distrito de La Esmeralda e a submersão duma extensa região

A emersão do Chaco (primitivamente um "mar interior) devido à submersão da ilha Daytia (a maior



da Atlantida, e ao sul), provocando a formação dos pantanais que acompanham as vertentes Andinas, explica a razão das salinas internas e das aguas que se vão gradativamente tornando salôbas, devido aos degêlos e às chuvas.

O primeiro bloco emergente teve por limite a Serra do Espinhaço, à cujas vertentes se apoiou mais tarde o segundo bloco, destacado da Africa, **formando-se então o Rio Amazonas pela compressão das terras.**

Em notavel artigo sobre a Constituição Geológica, lêmos o seguinte na revista Dharanâ :

"A distribuição geológica dos terrenos no Brasil, merece alguns comentários de ordem geral, principalmente se procurarmos estabelecer as relações entre as idades dos terrenos e o da tradição que ensina: "O vale do Amazonas, o chapadão do Roncador; em Mato Grosso, a região de Ponta Grossa no Paraná (Vila Velha), a zona Sul Mineira e a faixa litoranea do Estado Rio de Janeiro (Serra dos Orgãos, Serra da Estrela e da Tijuca, no Distrito Federal) são regiões das mais remotas que viram florescer antiquissimas civilizações, há muitas centenas de milhares de anos, e às quais ainda está reservado atualmente o papel de verdadeiros sacrarios das sementes das raças futuras".

Se observarmos a constituição geológica dessas partes do Brasil, vamos encontrá-las classificadas entre as mais antigas, a começar da Era Primitiva -- o grande Complexo Cristalino Brasileiro, que se estende de Norte a Sul do País; seguem-se terrenos Primários, compreendendo o vale do Amazonas, a parte de Mato Grosso a Leste de Cuiabá e que se estende até o Roncador; e no Paraná a zona de Vila Velha, todos esses terrenos de formação Devoniana, segundo estu-

dos dos ilustres geólogos Dr. Euzebio de Oliveira no relatório apresentado ao Coronel Rondon, chefe da Comissão Brasileira; Clarke, Kayser e Katzer.

Ao Sul de Minas existem formações do Período Permeano mescladas com o Arqueano e Algonkiano, em São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

Da Era Secundária temos no Brasil terrenos do Período Triássico em Mato Grosso, Paraná, São Paulo e Goiás, caracterizados pelo Dr. Gonzaga de Campos e denominados "série de Botucatú"; e do Período Cretaceo, no Nordeste do país, na faixa litorânea, em S. Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Mato Grosso. Os terrenos desse Período, em Mato Grosso, fôram minuciosamente estudados pelo citado eminente patrício Dr. Euzebio de Oliveira.

A grande faixa de terra que se estende pelo litoral, de Norte a Sul dêsde das costas do Espírito Santo até o vale do Amazonas, com ramificações em São Paulo e Minas Gerais, pertence ao grupo Terciário e é caracterizado pela presença de schistos, alguns betuminosos como os da Baía e São Paulo, e de argilas de vários tipos. Dessas considerações vê-se que as terras do Brasil pertencem às mais antigas formações da crôsta do globo, à que pertencem as serras que bordam a nossa formosa Guanabara com seus monumentos pétreos, de vetustês multi-milenária: a Pedra da Gávea, o Corcovado, o Pão de Açúcar, etc.

A região Sul-Mineira pertence, geologicamente falando, ao grande Complexo Cristalino Brasileiro e ali se encontram os dois sistemas (Arqueano e Algonkiano) que constitúem o Grupo Primitivo, formado imediatamente após o resfriamento da crôsta terrestre, segundo os dados oficiais da Geologia. E' nessa região que se encontra a cidade jina de S. Tomé das Letras

formando três tipos de terreno bem estudados por Orville Derby sob a denominação de "Séries de Lavras, de Itacolmi e de Minas". Em S. Tomé das Letras predomina o tipo Itacolomito, ou Arenito Flexivel do Brasil, constituido por grãos de areia (quartzo silica anhidra) ligados por um cimento de mica (gênero sericita) que lhe empresta seu brilho sedoso e flexibilidade característicos. Outro característico da rocha de S. Tomé das Letras é a presença de "arborizações" de "dendritos" (Oxydo de Manganês) cuja dissolução pela agua dá uma coloração amarelo-rosada à massa de arenito, impregnando o cimento sericitoso.

O sábio Agassiz que estudou a fundo o Brasil, ensina:

"Penso que quando toda a costa estiver in-
"teiramente explorada, se reconhecerá que uma
"parte da terra, duma extensão de 100 leguas e
"que se prolonga do cabo S. Roque até a extre-
"midade setentrional do continente Sul-America-
"no, foi devorada pelo Oceano".

Em outra obra, Agassiz assegura que:
"O mar invadiu o continente numa época em que
"o rio Tocantins se achava à grande distância e
"que o rio, que não era senão um afluente, tomou
"a aparência que tem hoje".

Lêmos na primeira página do Brasil, Past, Present and Future, de J. C. Oakenfull:

"Estudando a carta geográfica do Brasil, no-
"tamos que a América esteve, anteriormente, liga-
"da ao continente Africano, e que a grande mas-
"sa líquida, conhecida em nossos dias como parte

"meridional do Oceano Atlântico, começou a sua
"expansão na época cretácea".

Delgado de Carvalho, nosso patrício, também profundo conhecedor do assunto, explica o fenômeno pela teoria da flutuação dos continentes, que Wegenner sustentou.

A National Geographical Society, refutou essa opinião, exposta pela nossa patrícia Gemma d'Alba, cujos estudos eram baseados nos de Noraldino de Lima, que o induziram a concluir que **"o rio S. Francisco fôra anteriormente um mar mediterrâneo"**, por sua vez apoiado em Humboldt, que afirma:

> "Quando, pelo trabalho impetuoso dum gran-
> "de rio cujas aguas rasgaram o sólo da Africa, a
> "parte que se destacou, veiu unir-se à uma outra
> "terra que, segundo Herodoto, seria a Líbia Oci-
> "dental".

Todas essas opiniões, aparentemente divergentes, confirmam todavia a nossa sugestão da inclusão do Brasil no continente Sul Amerindio, (a Líbia Ocidental) até formar os imensos paúes de Mato Grosso, junto às vertentes graníticas da Cordilheira Andina, podendo dizer-se que fórma uma imensa ilha, conquanto estreitamente ligada ao continente, **não em um só época, mas em duas, com intervalo de milênios.**

Estudos geológicos feitos na Espera da Anta, Bela Vista, Chapada Velha, Morro do Chapéu e Ponta Nova. reveláram a existência dum mar interno, antidiluviano que teria ocupado parte de Mato Grosso, Paraná, Baía, Santa Catarina e Minas Gerais.

Hart sustenta que, "primitivamente, o vale Amazônico era um imensa canal separando duas grandes

ilhas: o planalto das Guianas e o do Brasil". Rocha Pombo faz derivar o vocábulo América, do grego AMEROS (dividir e separar) e GHAIA (terra). O conego Pennaforte porém, assevera ser vocábulo Tupí.

O Dr. Lund (cientista dinamarquês) que viveu estirados anos estudando "in loco" as cavernas de Sete Lagôas (Minas Gerais), concluiu que "o rio S. "Francisco representa um mar que, lentamente aper- "tado entre dois continentes, se tornou mediterrâneo". Afirma ainda que "as provas de que a maior parte "deste país era, há 3.000 anos um grande mar mediter- "râneo, são evidentes". Herodoto — (o Pai da Histó- tória) — refere-se a meúdo a um "lago Triton", cuja autenticidade tem sido muito discutida, mas que Ed. Charton, no "Magazin Pitoresque" julga haver sido "situado na Africa, pela banda de Oeste, e provavelmente desaparecido em algum tremendo terremoto". Si esta suposição se justifica com a teoria de Wegenner, esse lago seria o Golfo de Guiné onde, realmente, na junção dos dois continentes, existe um espaço, o único que se não adapta, na parte meridional dos 2 contisentes !

Extraímos de "O sábio Lund e a pré-história Americana", o seguinte:

"A grande planície que compreende a parte ele- "vada do Brasil, desde a Serra do Mar até as Cordi- "lheiras dos Andes, abrangendo as cabeceiras dos "maiores rios do mundo, forma-se em terreno extenso "cujo solo é formado de rochas pertencentes ao perío- "do chamado na geologia "de transição", e deposita- "das em regra em camadas horizontais, sem que "essas camadas sejam cobertas por outros de forma- "ção mais recente.

“Não consta que haja em outra parte do mundo,
“semelhante extensão de tereno que ofereça essas con-
“dições geológicas, visto aparecerem em regra as ro-
“chas primitivas e de transição em camadas conside-
“ravelmente inclinadas, provando assim terem sido le-
“vantadas, depois da sua deposição por efeito das for-
“ças expulsivas obrantes de dentro.

“A época em que foram efetuados esses levanta-
“mentos é indicada pela relação que conservam as
“camadas levantadas, para com as que as rodeiam e
“se encostam a elas; ora, segundo as observações do
“Sr. de Beaumont, o engenhoso autor dessas verifica-
“ções cronológicas, as datas desses levantamentos só
“em muito poucos casos, e estes de pouca significação,
“sobem até a época de transição.

“Onde as camadas das rochas primitivas e de
“transição ainda conservam a sua direcção originária,
“horizontal, são elas geralmente cobertas por outras
“mais recentes e formações secundárias’ e terciá-
“rias, e a única exceção que mereça particular aten-
“ção é, como já notei, o grande planalto central do
“Brasil”.

E conclúe: “A ausência de depósitos secundá-
“rios no referido platô prova que já se achava eleva-
“do em cima do mar, numa época anterior ao tempo
“em que principiou a formação desses depósitos sub-
“marinos, ou em outros termos, que **já existiu como**
“um continente extenso a parte central do Brasil
“quando as mais partes do mundo ainda estavam sub-
“mergidas no seio do oceano universal” ou surgiam
“apenas como umas ilhas insignificantes, **tocando as-**
“sim ao Brasil o título de ser o mais antigo continen-
“te do nosso planeta”.

Aceitando a teoria de Wegenner em relação a flutuação da parte do continente Africano que veiu juntar-se aos Andes e formar a América do Sul, não nos parece certa a época quaternária, que o sábio dá como sendo a da sua separação.

Formando um só bloco, primitivamente, o Brasil (continuação da Líbia) e a Africa, — a lendária Atlantis, ocuparia o espaço entre o México, as Ilhas Canárias e Cabo Verde que formariam, com as pequenas Antilhas, os picos emergentes após o cataclisma. Ademais, note-se:

1.º — Toda a zona que costeia a cordilheira Andina (Bolivia, Argentina) assim como a parte ocidental dos estados Brasileiros (Amazonas, Goiaz e Mato Grosso) é constituida por charcos, pantanais e lagos.

2.º — Nas tradições orais dos indigenas (restos de nações primitivas) há referências a civilisações desaparecidas, inscrições, hieroglíficas e petroglíficas, pré-incaicas; ruinas, atestando a existência de civilisações altíssimas, além das conhecidas.

3.º — Em todas as tribus sul-ameríndias, em tradições ou lendas, já fartas alusões ao pavoroso cataclisma que, em época remota, tragou parte da terra e seus habitantes.

4.º — Fawcett, o explorador Inglês que desapareceu nas nossas selvas, apoiava a teoria de que "durante o período terciário e em princípios do quaternário, a maior parte do continente Sul-Americano teria desaparecido, submersa no Oceano pela erecção da Cordilheira dos Andes. Pelos estudos que se fez dos Védas, convenceu-

se de ser o Brasil uma das terras de mais antiga formação geológica e que, se a Atlantida existiu, deve ter sido aqui.

Alexandre Braghine (O Enigma da Atlantida) refere a existência, no Museu Nacional de Lima, duma alta lage de pedra, coberta de esculturas e desenhos simétricos, cuja origem constitue um dos mais palpitantes problemas: **"La Piedra de Chavin"**, descoberta en 1940 em Huantara, entre destroços de edifícios Incas, por sua vez construidos sobre as ruinas da Tiahuanaco". G. Hurley opina que as ruinas pré-incáicas de Chavin têm 21.000 anos, sendo essa lage de diorito (de 1m,40 x 0,45) um dos monumentos mais antigos ultimamente conhecidos.

Diz o nosso autor: "Ao centro da Lage está esculpido um homem que lembra os que se veem nas pinturas murais do Egípto. Cada mão do personagem segura um cétro tridente, ambas compreendidas num paralelogramo repleto de hieróglificos, até então indecifrados. Os pés da figura teem a fórma de raizes de árvore, e a cabeça, rodeada de dez serpentes, lembra a de Medusa Em torno da figura, há serpentes, simétricamente gravadas; à cabeça traz uma espécie de tiára, constituida por pequenas cabeças humanas com ornamentos diversos". — Hurley acredita que **"representa o Deus do Amazonas e as serpentes que cercam o motivo central, simbolizam os afluentes do Rio-Mar"**.

O geólogo concorda em que o "planalto de Roosevelt", que se estende pelos confins dos estados brasileiros do Amazonas e do Mato Grosso, esteve sempre emerso, desde o último período glaciário. Esse plató não é senão a continuação do planalto de Goyaz, o qual, com o "continente de Ankara" (Sibéria) são as duas únicas porções da superfície do globo que

nunca estiveram submersas. O que a descoberta entomológica do sábio russo Bondar, do piolho de madeira "Brasilaphis Bondaris", que só existe nas duas províncias siberianas de Yakoutsk e Irkoustk e no planalto de Goiaz, vem confirmar.

No planalto Roosevelt abundam rochas vulcâni-cas sem o menor revestimento sedimentário.

Os indígenas moradores nas proximidades, narraram a diversos exploradores que, "em épocas remo-"tas existira alí um poderoso império que estendera "seus dominios, não sómente às tribus que habitavam "o Brasil, como às que povoavam as margens do Pacífico". Nos restos desmoronados de cidades pré-históricas, fôram achados objétos de cobre, bronze, armas, utensílios domésticos e cerâmicas. Nos rochedos que pendem sobre as torrentes e margeiam as cachoeiras, têm sido encontradas misteriosas inscrições, desenhor estranhos, hieróglifos e ideogramas, ainda indecifrados pelos cientistas.

Os que se arriscaram até as regiões do altiplano Matogrossense, contam "haver visto ruinas de gran-"des metrópoles, com ruas ainda nitidamente visíveis "e restos de majestosos edifícios".

Marsh, chega a afirmar que "as civilizações Maia "e Incáica dêle se originaram, que os povos que habi-"taram o Planalto Roosevelt eram versados em astro-"nomia e conheciam as constelações do zodiaco sob "os nomes que ainda conservamos, passando essa ter-"minologia para os Toltecas, Maias, Fenícios e Sumé-res". A' essas nações que o habitaram sucesivamente, a milhares e milhares de anos, devem-se os primeiros rudimentos da astronomia.

Diz Alex. Braghine que "os arqueólogos que per-"correram o Mato Grosso descobriram inscrições ru-

"prestes em fenício, egípcio e até em língua sumér, assim como textos em caractéres similares aos em-"pregados em remotissimas éras pelos cretenses". R O. Marsh chegou à conclusão de que "**Mato Grosso "encerra vestígios duma civilisação muito anterior à "dos fenícios e cárias**".

A superfície total do planalto Goiano é calculada em 4.000.000 de quilometros quadrados de região desconhecida, na qual se supõe viverem, ainda hoje, alguns desses saurios gigantescos; espécies extintas no resto do mundo há incontaveis anos !...

O notavel explorador inglês, Harold T. Wilkins, num interessante artigo (**Misteries of the lost cities in Brazil's "Green Hell**) pergunta "**se ainda** existirão "nos picos altissimos, as massiças torres de pedra, "construidas há mais de 30.000 anos, esparsas pela "provincia de Mato Grosso e comenta :

> " Quem as teria edificado ? Sem dúvida a "mesma raça antiga que construiu as cidades mor-"tas, encontradas e perdidas nas mesmas selvas "onde está a encantada "meia-cidade", cuja "outra metade parece haver sido cortada como "num bôlo uma faca, sem deixar migalha da parte "que falta. (? ! !)
>
> "Nessa meia cidade, a natureza deixou uma "das suas mais nítidas impressões digitais, indi-"cado no que submergiu dessa raça pré-histórica, "aparentemente a maior de todas as civilisadoras "e conquistadoras. Era, positivamente, a de maior "poderio naval do mundo. Viveu pelo mar e o "mar a destruiu.
>
> "A evidência parece provar que a mesma "convulsão vulcânica que deprimiu o terreno do

"Mediterrâneo e submergiu a legendária Atlan-
"tis, originou a legenda do Dilúvio Universal ao
"destruir o grande império colonial da Atlantida,
"na América do Sul.

"... A remota antiguidade — não só dos ele-
"vados cumes das Cordilheiras, dos fétidos pan-
"tanais e as intrincadas florestas do Brasil — é
"aludida pelos antigos Egípcios, Gregos e até em
"tradições da Irlanda, ainda existentes, referindo-
"se a "Hy BRAZIL".

"Apesar de concordar com a Bíblia que diz
"que todos os homens são mentirosos" é de im-
"pressionar que todas essas antigas testemunhas,
"em tantas épocas e lugares diferentes inventas-
"sem, de ângulos tão diversos, a mesma história.
"Quem não conhece o que significa a floresta bra-
"via do Mato Grosso", poderá perguntar porque,
"falando-se há muitas centenas de anos da exis-
"tência de tais cidades mortais, — nunca se tra-
"tou duma expedição para procurá-las... Fize-
"ram-nos todavia os primeiros Conquistadores Es-
"panhóis, e mais tarde os Bandeirantes Portugue-
"ses, cujas armaduras eram uma defesa ideal con-
"tra as saraivadas de flexas envenenadas dos in-
"dios Morcêgos (ou "Olhos de Lua"). (*)

"A primeira referência a elas é feita por um
"aventureiro português, no ano de 1743, num do-
"cumento existente na Biblioteca Nacional do Rio
"Rio de Janeiro (que o cupim destruiu em gran-
"de parte) endereçado ao Governador, dizendo que
"encontrara a cidade, porém, não conseguira re-
"mover as rochas que lhe dependiam a entrada, e

(*) São os indios Andira, dos sertões de Mato Grosso.

"pedia ao Vice-Rei o necessário auxilio". Nesse
"documento manuscrito, lê-se o seguinte:

"Acompanhados dos indios, entrámos na
"cidade morta passando por baixo dos três
"arcos, muito altos, sendo o do meio mais
"alto que os dos lados. No maior, haviam le-
"tras que não pudemos copiar devido à altu-
"ra em que se achavam; por detrás das arca-
"das havia uma rua, da largura das três
"arcadas juntas, de casas muito grandes, com
"fachadas, de pedra esculpida, enegrecidas pelo
"tempo... inscrições... pareciam ter um
"dono; algumas, com os assoalhos queimados,
"outras, com enormes lages; algumas com ter-
"raços abertos para a luz o dia...

"Entramos, à tremer de medo em algu-
"mas casas, mas em nenhuma encontramos
"vestígios de mobilia nem de objétos que nos
"permitissem fazer uma idéia da gente que
"as habitou. Os interiores são tão escuros que
"nenhuma luz do dia lá entra. As abobodas
"repetiam em éco as nossas palavras e nos
"aterravam.

"Os enxames de morcêgos que voaram
"nas nossas caras, faziam um ruido de assus-
"tar; tantos eram. Acima do principal pórtico
"da rua, há uma estátua em relevo, feita na
"própria pedra, núa da cintura para cima, co-
"roada de louros, representando um jovem
"imberbe com uma banda à volta, e uma es-
"pécie de corpete, aberto no peito. Por baixo
"do escudo estão uns caractéres, que o tempo
"desgastou.

> "Ao lado esquerdo da praça, está outro
> "edifício, inteiramente arruinado, mas os vestígios indicam que foi um templo, por causa
> "da sua fachada imponente..., etc., etc., etc..."

Segundo continúa o relato: "a maior parte "da cidade deve ter sido destruida por algum "terremoto. Um dos aventureiros, João Antonio, "encontrou uma moeda de ouro — de fórma es-"férica e maior que a nossa moeda brasileira de "de 6$400 réis. Dum lado tinha a figura dum "jovem ajoelhado, do outro um arco, uma flexa "e uma grinalda". Refere-se também a um rio fazendo a volta da cidade por um lado, a lagos e poços. Há uma cataráta, que compára ao Niagara, e continúa :

> "A léste da cataráta encontramos vários
> "subterrâneos e túneis apavorantes. Cavernas
> "tão fundas que, apesar de muitas cordas, não
> "encontramos o fundo. Uma das cavernas es-"tava selada com uma lage tão pesada que
> "todos os nossos homens juntos não a pude-"ram remover. Copiamos cuidadosamente a
> "inscrição".

E' curioso que essas inscrições em que há caractéres do alfabeto grego e árabes, se encontrém nos altiplanos de Mato Grosso ! E' evidente que os aventureiros não podiam inventar toda essa história, aliás confirmada na última mensagem que Fawcett, o filho, e o amigo (desaparecidos na floresta de Mato Grosso) mandaram ao mundo civilisado nestes termos :

"Existem lendas entre os indios da floresta "do Brasil, referentes a altíssimas edificações

"dentro da floresta, com janelas e portas de pedra,
"cujo interior, iluminado por um grande bloco
"quadrado, de cristal, sobre uma pilastra, brilha
"tanto que ofusca a vista! — Os indios teem uma
"lenda sobre **"a luz que nunca se apaga"**. Teriam
"os antigos sul-americanos possuido um sistema
"de iluminação artificial, por meio de raios, que
"a ciência moderna desconhece ?"

Entre os Indios das margens do R. Padaviry subsiste a crença de que as aguas do dilúvio não atingiram o cume do Ererê onde existe uma fonte em cujos bordos a vegetação difere absolutamente da região, composta de plantas aromáticas como as dos campos.

Recordando-nos de que reza a tradição Bíblica que a "arca de NOÉ parou sobre o monte **Ararat** quando cessou o Dilúvio Universal", é interessante a seguinte lenda dessa região:

O Mar do Mundo.

"Na serra do Ererê todas as cousas são grandes: as vespas, os mucuim, os beija-flores e os carrapatos. Há agua no alto da serra. Pela beira da agua, há flores. Tudo ali há tem perfume e cheira muito porque, antigamente, **quando o mundo se acabou, as aguas não subiram até alí"**.

Relativamente à própria natureza do altiplano central, as pesquizas que veem sendo feitas por outros cientistas, **verificaram serem essas terras mais firmes do globo**, compostas em grande parte de montanhas de ferro — itabiritos e itacolomitos, além da absoluta ausência de formações vulcânicas em toda a sua imensa extensão, **provando ser o mais antigo centro da criação humana.**

Como é sabido, Herodoto (filho de Lyxès e Dryo) o mais antigo e ilustre dos exploradores, viveu no século V AD. Em seu mapa só existem três continentes: Europa, Asia e **Líbia**.

Entre as suas preciosas informações quanto à plantas exquisitas, cita o "silphium" que, pelas qualidades que lhe atribue e sua configuração nas antigas moedas gregas, pode ser o "**cardo nopal**" (xique-xique, ou palmatória do Diabo) abundante nos altiplanos da América Central e Meridional e conhecido na Turquia Asiatica como "**Figo do Diabo**".

Refere-se o antigo turista a certos costumes estranhos, quais os de algumas das nossas tribus: "a liga como emblema da virgindade da mulher; a sonda-
"gem nos rios em busca de palhetas de ouro, feita por
"meio de grandes penas de pássaros, untadas de vis-
"go (como ainda hoje praticam os caboclos do Pará").

Descrevendo a faúna fantastica da Líbia Ocidental, Herodoto fala das "serpentes que voam", às quais tambem a Bíblia se refere, não identificadas ainda. Os indios Brasileiros assim se referem à cascavel, **por parecer voar, quando dá o bóte em linha réta, ácima do sólo, com incrivel rapidez**. E a chamam "hekakatl" (ou Vento). Nas impressionantes ruinas de Cochicalco (Perú), admiraveis relevos ornamentais nas predes internas dos templos em ruinas representam essas serpentes aladas.

Refere-se depois ao "**camelo branco da India**" que não é senão o "**huanaco**" dos Andes, que na Amazonia é conhecido por "**vicunha**". Por fim, fala de "formigas que trabalham na mineração do ouro, atirando fóra das suas panelas os grãos que estorvam a sua construção".

Na História do Perú, há referências a um Juan Diniz, que enriqueceu explorando "formigueiros auríferos". A maneira pela qual os naturais do país atacavam os formigueiros é, em tudo, semelhante ao estratagema empregado pelos Reis de Israel, em seus ataques de surpreza ao inimigo:

> "diante do perigo de serem os violadores devora-
> "dos pelas formigas calculavam a hora do sol
> "mais ardente e levavam carros puxados por uma
> "parelha de guanacos e, entre ela uma fêmea, de fi-
> "lho recem-nascido. Assim, chegado o momento
> "da retirada, não havia fadiga capaz de deter os
> "animais em louca disparada, forçados pela fêmea
> "cujas têtas apojadas indicavam a hora da alei-
> "tação do filhote".

Na Bíblia, o exército invasor utilizava-se da vaca, em lugar da vicunha...





V

O RIO ARAGUAIA E O MAR VERMELHO

Não conhecendo a maravilhosa selva Brasileira, tão cheia de sugestivo mistério, tenho de roubar algumas páginas à Coudreau, que minuciosamente percorreu as margens do rio-mar e o longo curso do Araguaia, para descrever-lhe as belezas.

"A região é a dum perfeito paraiso terrestre. "O sólo, de tão pujante uberdade que não se faz "mistér cultivar as arvores frutíferas, nem cui- "dar de pastagens, nem do gado. Tudo nasce e se "reproduz com o mínimo esforço possivel. As "florestas abundam em caça e os rios, em pei- "xes de toda a espécie. Ardentes que sejam os "raios do sol, uma brisa constante torna frescas "as noites.

"Nessa terra privilegiada, Deus realizou a "mais perfeita de suas criações e concedeu a seus "habitantes os mais deslimitados dons.

"Parece que o céu e a terra se uniram, no fito "de esgotarem todas as suas possibilidades, nu- "ma demonstração única de Beleza e de Harmo- "nia. O rio — ora encachoeirado e revolto, ora "polida lamina espelhante a refletir uma nature- "za uberrima e virgem que lhe engalana as mar- "gens; o céu — limpida turqueza; a quietude so-

"lene do meio-dia canicular contêm algo de reli-
"gioso que impõe respeito.

"Tudo é pasmo e prodigio aos olhos delicia-
"dos — a enorme e rubra corrente sinuosa do rio,
"onde arroios sem conta despejam tóros de pre-
"ciosas madeiras que deslizam, em fileiras tersas
"de procissão, levando à foz distante esses tesou-
"ros da mata inesplorada. A vegetação tropical
"das margens. A originalidade da arpoação na
"pesca. A quantidade imensa de animais de toda
"a espécie que vêm beber às praias ribeirinhas; os
"incontaveis bandos de passaros de plumagem fla-
"mejante que se cruzam nos céus... Tudo revela
"a pujança sem par da natureza nos sertões bra-
"vios !

"A reunião dos dois braços do rio Araguaia
"fórma a grande ilha do Bananal. Não variam
"muito as características da paisagem : grandes
"estirões de saranzais e campos, com frequentes
"abertas sobre a margem Paraense, mais ou me-
"nos enxarcada. Em certos pontos, as aguas das
"cheias se estendem cobrindo as raizes dos ar-
"bustos e atingindo as bases das colinas que for-
"mam o fundo da perspectiva. Ás vezes dá-se o
"contrário — é o campo que invade o rio. Peque-
"ninas ilhas surgem, erguendo para o beijo vivifi-
"cador do sol as caules molhadas das moitas ver-
"dejantes. E navega-se então sobre o campo inun-
"dado.

"Súbito, tolda-se o horizonte. Uma rajada ás-
"pera precede a trovoada iminente e o ribombar
"dos trovões anuncia a tempestade. A crista das
"vagas que se erguem, inquietas, franja-se de es-
"puma branca que a luz baça da tormenta próxi-

"ma irisa de curiosos reflexos auri-verdes. E so-
"bre os campos alagados, as ondas projetam-se
"aos corcóvos, crescendo em volume e força, pela
"ressaca que as atira sobre os rebordos da bar-
"reira submergida.

"O céu, é um céu de inverno; turvo, carrega-
"do de nuvens sombrias. Sob a aboboda enegre-
"cida o dia se faz grisio. As trevas escurecem o
"sol, tornando-se mais compactas pelo contraste
"das últimas claridades crepusculares que ainda
"iluminam o horizonte. O vento sopra rijo. Cái
"uma chuva fustigante. Os remadores, trêmulos
"de frio, movem com arrancos fortes as pagaias
"e, desafiando com seus gritos estridentes a tro-
"voada que os deve encontrar em lugar seguro,
"fazem deslizar célere, a pequena igaritê.

"Cessa a chuva. O vento acalma-se. Aquie-
"tam-se as ondas. E os remos cáem das mãos fa-
"tigadas, em luta com a tempestade. Uma disten-
"são se faz na atmosfera como nos nervos dos ho-
"mens. Os movimentos preguiçosos do rio que se-
"rena, embalam molemente a pequena canôa, sob
"o céu já sem nuvens, que sorri.

"As aguas baixam lentamente. Á margem es-
"querda, o campo se transforma em pantano. As
"tempestades, violentas e rápidas, acabam sem
"transição, como principiaram. O Araguaia, nessa
"parte do seu curso, não é mais que um rio recor-
"tado de praias e enseadas onde as rochas e as
"pedras são raras. O leito sobre o qual corre a
"caudal, possante e tranquila, é marginado pelos
"campos do "pará" e pelos charcos da Ilha do Ba-
"nanal.

"Centenas de garças dormem nos saranzais
"da margem direita. Suas fórmas hieráticas se
"destacam, imoveis, na folhagem verde-claro do
"horizonte onde tons levemente rosados indicam
"que vai romper a aurora. Uma névoa alaranjada
"se alonga e, além fazendo fundo, destacam-se
"pequeninas moitas, como desmedidos ramos
"brancos formados pela profusão inumeravel das
"níveas garças adormecidas. E uma nesga de luz
"risca de ouro a nuança grisia das aguas plácidas
"e espelhantes do rio. E o bando de garças, em
"alegre revoada, tinge de branco, — como asa
"imensa que espalmasse entre céu e terra; acima
"do ponto em que vai nascer o astro-rei, uma
"luz opalina de tons avermelhados serve de téla
"onde as nuvens esboçam pitorescas cênas de ca-
"valos e cavaleiros de fantastica parada. Desponta
"o sol e grava nas retinas, antes de desfazê-la, a
"miragem dessa aurora maravilhosa !"

Á esse momento de luz incandescente chamam os Indios "coema guará". De "coema", despontar, e "guará", sol e tambem vermelho.

Segundo a descrição e o itinerário da Bíblia, o Mar Vermelho não póde ter sido o que atualmente separa a Arábia do Egípto. Seria por demais excessiva a duração de 40 anos para tão curta trajetoria. E, segundo nova descoberta científica que passamos a estudar, — esse caminho do Exodo se fez através das selvas Brasileiras, onde o rei SALOMÃO encontraria mais tarde os materiais para a construção do Templo e do seu Palacio Real.

As aguas "rubras" do Araguaia, cujas banzeiras e vendavais tremendos, revolucionando o curso, inun-

dando as terras adjacentes, derrocando árvores seculares e afogando os viventes que não fogem a tempo... estão de impressionante acôrdo com o relato bíblico, inclusive no fenômeno da retirada das águas para a passagem à pé enxuto !

A etimologia da palavra Araguaia, rasga novos horizontes para investigações, de vez que "hara" significa Mar, e "guará", Vermelho !

Os indios chamavam "itaypaua" ("ita", pedra; "var", rio e "páua", vasante) aos bancos de pedra que servem de ponte às lontras e aos homens, quando a maré está baixa. Entre os indios ribeirinhos persiste antiquissima tradição referente à certa "condução" que em remotissimas éras fôra tragada pelas aguas, perecendo homens e animais da grande comitiva, sem deixar vestígios... Quem eram ? Donde vinham e para onde iriam ?

E' nessa encantadora zona que vivem restos provaveis das nações ou tribus à que com frequência se referem os textos sagrados: os Javaés ou Yavahés, e os Carajás ou Karayaths e que apenas pelos nomes tribais se diferenciam.

Natureza e Homem, selvagens e primitivos ambos, são duas forças que se completam harmoniosamente. São o próprio sertão grandioso do Brasil. A sua reserva de vida e energia inexploradas. A força indômita da raça, de cuja existência não cogitámos siquer, embalados nessa indolência característica, até que a cobiça alheia nos obrigue a valorizá-la, reconhecendo então seu inestimavel valor e defendendo-a, à custa da própria vida.

Não nos podemos furtar à uma justa homenagem ao Dr. Getulio Vargas, o primeiro governante do Brasil que teve o patriótico desejo de conhecer de Norte

a Sul, do litoral ao hinterland, toda a vastíssima região confiada à sua paternal jurisdição. De sentir a alma da raça em toda a sua primitiva pureza e, conhecendo as suas necessidades e possibilidades, zelar paternalmente pelos seus interesses, pois não no litoral onde imperam residuos africanos, mas em plenas matas e ao longo das inúmeras caudais, vive e palpita o Brasil de hoje — a Terra da Promissão onde impera o espirito de fraternidade mais elevado, — a Chanaan de após guerra.



VI

BRASIL — TERRA DE CHANAAN

No conhecido documento das viagens de Marco Pólo, lê-se que "dois personagens vieram da Arabia "ao Mar das Indias, em busca das Praias do Ouro, "onde esse metal era tão abundante que dele não faziam caso.

"Prolongando-se para o Oriente, sobre um fabu-"loso número de ilhas, o Império das Indias invadia as "costas duma enerme peninsula, conhecida por "**terra "de Comar, ou Couar**", que olhava para a Arabia, do "lado oposto às Indias... afirmavam os dois viajantes".

Tudo quanto disse dessa "**terra onde abundavam "bachan**" (ou páu Brasil), **ouro, pedrarias, pássaros "maravilhosos e vegetação nunca vista em região al-"guma** — nos induz a pensar que se tratava da Líbia, já separada da Africa, e que se referiam ao Norte do Brasil.

Tanto a Bíblia, como o livro dos Arabes e a tradição Incaica, aludem a um povo, civilisado e crente, que se deixou dominar e perverter: "Uns homens vindos **do Oriente** e por isso denominados **Filhos do Sol**, subjugaram-nos, porém, abandonando mais tarde as suas crenças elevadas, pela dos falsos deuses dos vencidos".

Os Egípcios adorando Râ, o Sol, como fonte de vida, naturalmente se considerariam seus filhos.

Os Israelitas que Moisés trouxe de lá, conservariam a mesma idéia, de vez que se haviam tornado idolatras.

Quanto mais aprofundamos os nossos estudos, mais nos sentimos impressionados pela divergências de opiniões, cada qual assentada em bases tão pouco sólidas tambem, que nos encorajamos à prosseguir, apesar da nossa deficiência cultural.

Os autores mais abalisados discordam às vezes em pontos essenciais e em todos os ramos da ciência e suas subdivisões. Prcouramos, conscienciosamente, fundamentar o nosso pequeno ensaio no estudo acurado da Bíblia, o mais antigo documento humano, cuja veracidade vamos encontrar nela, em ordem cronológica, as relações do povo de Israel com todos os outros.

Lê-se mais no Livro dos Numeros que:

— "A parte meridional da Terra de Chanaan começará no deserto de Sin".

Conforme a narrativa bíblica dos hebreus:
"não os conduziu Deus pela terra visinha, mas os fez rodear pelo caminho do deserto".

A palavra deserto, não indica exclusivamente "mar de areia", como o de Sahiarah, mas tambem mata virgem, "sertão, terra inculta e selvagem" mas nem sempre árida.

Lê-se no Exodo (Cap. XIV) :

2) Dizei aos filhos de Israel, que retrocedam e se vão acampar diante de Phihahiroth, que fica entre

Magdal (?) e o mar, defronte de Beelsefon: vós assentareis o campo defronte deste sitio sobre o mar.

"Chegados ao termo da peregrinação, mandou o "Senhor que os filhos de Israel acampassem diante de "Phihahiroth", de onde não é absurdo, no decurso de 4.000 anos, alterar-se o vocábulo para Piauí, tanto mais que logo adiante encontramos: "partindo daí, "marcharam três dias para chegar a Marahá (Mara-"nhão?) "onde Moisés operou milagres para pacificar "o povo, já cançado das agruras da interminável viagem". Certo, 40 anos era um tanto excessivo tempo, para tão curto espaço territorial, a menos que toda aquela imensa multidão não levasse esses anos todos rodeando sempre o pequeno deserto da Arabia... o que é dificil de aceitar-se !

Arius Montanus, em 1574, estabeleceu que "— os povoadores do Novo Mundo haviam sido os filhos de JOUKTAN, neto de SEM e bisneto de NOÉ; sendo que SEBA colonizara a China; JOBAB, viera estabelecer-se no Oeste da América do Norte e no Perú; enquanto JOBEL teria vindo para o Brasil"; pois que, nessa época não estariam ainda separados os continentes.

DOS FILHOS DE JAPHET

Gomera —

Vêmos que uma das ilhas Canárias tem o nome de GOMERA.

Magog — não se encontra vestigio a não ser no proféta Ezekiel (XXXVIII, 2) que diz ser "Magog a terra de Tubal e Meshech, na Líbia".

Madai — foi o antecessor dos Medas.

Javan — foi antecessor de Elisha, Tarshish, Kittim e Dodanim. "E repartiram entre si "as ilhas".

Mosoch — não encontramos referências a esse patriarca, a não ser a similitude do seu nome com a da ilha de Mozambique.

Thyras — tambem instalou-se na Líbia, primitivamente conhecida "a região de Thyatira", por Pelopeia. Thyrso é uma ilha da Sardenha.

21, 22) De SEM, que foi pai de todos filhos de HEBER e irmão mais velho de JAPHET, nasceram tabem diversos filhos: ELAM, AÇUR, ARFAXAD, LUD e HYRAM.

23) Os filhos de HYRAM foram : US, HUL, GETHER e MÉS.

24, 25) ARFAXAD, porém gerou a SALÉ, do qual nasceu HEBER. E a HEBER nasceram dois filhos; um por nome PHALEG, porque em seu tempo sucedeu a divisão da terra e seu irmão que se chamava JEKTAN.

26, 27, 28 e 29) O qual JEKTAN gerou a Elmodad, a SALEF a ASARMOTH, a JARÉ, a ABDURAM, a USAL, a DECLA, a EBAL, a ABIMAEL, a SABA, a OPHIR, a HEVILA, a JOBAB. Todos estes filhos de JEKTAN.

30) O país onde eles habitaram, estendia-se desde Messa até SEPHAR, que é um monte da banda do Oriente.

OS FILHOS DE SEM :

Elam, instalou-se ao Sul de Média e ao Norte do Golfo Pérsico.

Açur, foi o antecessor dos Assírios.

Arfaxd, não deixou vestigios.

Lud — (Sayce, no seu trabalho sobre as raças, diz que "**a grafia desse nome deve estar errada,** sendo impossivel conjeturar-se qual fôra. **Lud** ou **Lídia,** encontra-se numa zona da atribuida aos filhos de Sem, ou Cham). .

Hyram, (cujo nome significa "**irmão glorificado**") instalou-se em Tyre, na Fenícia.

6) Os filhos CAM fôram: CUSH, MESRAIM, PHUT e **CANAAN;**

7) Os filhos de CUSH fôram : SABA, HEVILA, SABATHA, REGMA, SABÁTACHA e NEMROD;

8) Os filhos de REGMA fôram SABA e DADAN;

9) Ora CUSH foi pai de NEMROD: este começou a ser poderoso na terra e era um robusto caçador diante do Senhor.

10) A cidade capital do seu reino foi Babilônia, além das terras de Arach, Akkad e Calane (na **terra de Senaar**).

13) quanto a MESRAIM, ele gerou a **LUDIM,** a ANAMIM, a IAABIM e a NEPTHNIM, a PETRUSIM e a CASLUIM donde sairam os Filisteus e os Caphtorim;

15, 16, 17, 18 e 20) CANAAN gerou a CIDONIO, que foi seu primogênito; e a HETHEU, a JEBUSEU, a HEVEU, a AMORRHEU, a ARACEU, a SINEU, a ARAD, a SAMAREU e a AMATHEU e depois disto se espalharam os povos dos Cananeus.

DOS FILHOS DE CHAM

Cush, pai de Hemrod "**o robusto caçador diante do Senhor**" fundou a nação dos Cushitas, na Arabia. Internando-se pelo continente, viveram sempre da

caça e da pesca, nas margens dos rios. De côr castanha-avermelhada. Ocuparam os Cushitas regiões diferentes, sendo a primeira identificada com a de Kush, entre a Abissínia e o Egíto, e a outra à Leste, podendo ser identificada com a que se instalou nas montanhas à Noroeste da Babilônia, os Cosséos, que sempre viveram como guerreiros selvagens.

Mesraim, foi o antecessor dos Egípcios.

Tutho, não deixou vestigios.

Chanaan (cujo nome significa humilde, submisso), instalou-se numa região a Oeste do Jordão, na Palestina, segundo a opinião corrente. Nós surgerimos que no Brasil, então ainda ligado ao continente africano, com Líbia Ocidental.

Chanaan (cujo nome significa **humilde, submisso**), AMRAM seu marido: a AARÃM, a MOYSÉS e a MARIA (profetiza).

Nos **Números** (cap. III):

15) Numéra os filhos de Levi pelas casas de seus pais e familias, todo o macho de um mês e para cima.
17) E fôram achados filhos de Levi pelos seus nomes: GERSON e **CAATH** e **MERARI.**

Capítulo IV:

15) Depois que AARAM e seus filhos tiverem envolvido o Santuário com todos os vasos ao abalar do campo, então entrarão os filhos de **CAATH** para levarem o que estiver embrulhado; e não tocarão nos vasos do Santuário, para que não morram. Estes são os cargos que os filhos de CAATH devem levar do que pertence ao Tabernaculo do concerto.

18) Não queirais perder o povo de CAATH do meio dos Levitas.
34) ... fizeram resenha dos filhos de CAATH pelas famílias e casas de seus pais, dêsde 30 anos e d'aí para cima, até os 50, todos os que entraram no serviço do Tabernáculo de concerto: e acharam-se 2750.
42) Fez tambem a resenha dos filhos de MERARI pelas famílias e casas de seu país.
44) e fôram achados 3200.

Capítulo XXVI:

58) ... mas CAATH gerou a Amram, que teve por mulher a JOCABED, filha de LEVI, que teve de AMRAM seu marido; AARÃM, a MOYSÉS e a MARIA (profetiza).

Capítulo XXXIII :

Nos Pra lipómenos VI :
1) Fôram filhos de Levi: Gerson, Caath e Merari;
2) Filhos de CAATH : AMRAM, ISAAR, HEBRON e OZIEL.
3) Filhos de AMRAM: AARAM, MOYSÉS e MARIA; filhos de AARAM: ELEAZAR, que gerou a a PHINEAS, que gerou a ABISUÉ, que gerou a BOCCI, que gerou a OZI, que gerou a ZARAIAS, que gerou a **MERAIOTH**;

Capítulo IX :

II Como tambem Azarias, filho de Helcias, filho de MOSOLAM, filho de SADOC, filho de MARAIOTH, filho de AQUITOS, pontífice da casa do Senhor.



VII

AS MIGRAÇÕES DO CEARÁ E O EXODO DOS HEBREUS

O deputado Afonso Albano (do Ceará), num brilhante discurso na Camara dos Deputados em 1928, descrevendo nas migrações do Nordeste as cênas dantescas dos retirantes flagelados pela sêca, e como são miraculosamente sustentados durante o doloroso exodo, por codornas que pousam sobre a relva tostada, ao alcance das pobres mãos mirradas — "verdadeiros "manás" caídos dos céus, e pelos frutos dos gigantescos mundurucús" — é como se reproduzisse o relato Bíblico da fuga dos israelitas ante a colera do Faraó no Egíto...

De fato, os homens do Nordeste, especialmente os do Ceará, conservam intátas várias características da primitiva origem. De personalidade muito acentuada, são sóbrios, trabalhadores, honestos, tenazes e inteligentes.

Amam, ácima de tudo, a Terra de Sol onde nasceram! E' sublimado e nobre, o amor que conservam ao torrão natal, mesmo quando afastados vários anos. A persistência heróica com que se defendem da terrivel sêca que lhes calcina o sólo e dizima o gado, é épica.

Famintos e miseraveis, só expulsos pela fome cruel, morrendo à mingua ao longo das estradas — resolvem abandonar a terra "mater", que tão madrasta se mostra aos filhos que tanto amam.

Essencialmente religioso, forte de corpo e de espírito, o povo do Ceará não se submete ao triste destino como à uma fatalidade cruel e inevitavel. Não é Janus, dos Gregos e Romanos, com dois rostos e duas urnas, simbolisando a Alegria e a Dor, à que se tem de submeter. Ao contrário, é durante a calamidade que o flagéla, que o Cearense desenvolve as qualidades latentes de resistência, valor e tenacidade, que dormiriam talvez o sôno da apatia, sem o estimulo feroz da sêca, que lhe anula e destrói o trabalho agrícola de anos, reduzindo-o à miseria mais negra; forçando-o ao abandono do que representára trabalho, economia e sobriedade, para tentar recomeçar a vida em região mais amena... caso não morra pelas estradas poeirantes e arenosas! Spencer afirma que "há uma cousa bôa nas cousas más". E' a fibra de lutador, que ressalta no cearense, que não o deixa desanimar. E nisso tambem se assemelha ao povo de Israel.

Não é pois sem razão que o ilustre Enrique Rodó, na sua "Historia do Ecuador" ensina "haver encontrado entre os Indios, vestigios impressionantes dos costumes do tempo de David".

Estimulados por sucessivas descobertas, é que vimos, com infinito prazer, elucidando a possivel origem das nossas principais tribus aborígenes, contribuindo assim com a nossa pedrinha sem valor, para o estudo aprofundado dos competentes no assunto.

Mas, ei-lo resignado, olhos fitos no céu esbrazeado é espreita da promissora nuvem; da almejada gota dagua milagrosa que renovará a face da terra! Essa

abençoada chuva que, em poucas horas encherá de água alviçareira e cantante as cacimbas exauridas. Fará germinar. Crescer á vista d'olhos num milagre de vegetação estuante de força e viço, os capinzais comburidos pela ardencia dum sol tropical e Africano, transformando em opulencias de nova Canaan, os aspétos de Desolação e Morte.

Ceará — Saharah !

Quanta similitude impressionante a confirmar a teoria que se nos apresenta como iniludivel certeza !

Similitude de nome. Similitude de alternativas de abundância e sêca. Similitude de características etnográficas e de tipos raciais! Que elemento falta ao estranho paralelo ? — nem mesmo o fáto do jorrar da rocha granitica a cristalina linfa á energia possante dum simples gesto de admiravel Fé. São Thuribio, o I.º Bispo da America do Sul, qual novo Moysés, movido por inspiração divina bate com o cajado na pedra para restituir aos incréus, com a mesma agua da fonte que estanca a sêde do corpo, essa outra fonte de vida espiritual — a Fé !

Saharaim (plural de Saharah) mar de areias movediças, dunas do deserto, — também é vocabulo Bíblico e não pode referir-se senão ao nome que os colonizadores, com o correr dos tempos transformaram em Ceará.

A Iliada e a Odysséia, até pouco tidas por obras de méra ficção, estão por tal forma abarrotadas de detalhes cientificos e geográficos, que não se pode recusar-lhes um sério fundo de veracidade, principalmente depois que em recentes excavações foram encontradas provas de combates travados nas ruinas de Troia, que muitos criam lenda. No Lilvro de Tele-

maco (Capítulo VIII) lê-se curiosa descrição duma terra desconhecida e maravilhosa:

> "A Bethica é um paiz de que se contam
> "cousas tais, tão extraordinárias que é dificil
> "tê-las por verídicas. O rio Bethis (?) des-
> "lisa em uma região fertil e sob um céu sem
> "nuvens. Esse paiz tomou o nome de rio
> "que desagua no Grande Oceano, bastante
> "proximo das colunas de Hercules (Ceuta e
> "Gibraltár). E foi desse lugar que, em tem-
> "pos idos o mar desmontado rompeu seus
> "diques e separou a terra de Tharsis
> "da Grande Africa. (!)".

Tharsis, como já observamos, é na Biblia, nome dum varão da tribu de Benjamin.

> "Esse paiz (continúa o bardo historiador)
> "parece haver conservado as delicias da
> "Idade de Ouro. Os invernos são tépidos. E
> "as rigorosas rajadas hibernais não sopram
> "nunca. As ardencias do estio são sempre
> "suavisadas por brisas refrigerantes que tem-
> "peram o calor canicular do meio dia.
> "E assim, o ano inteiro não é mais que o
> "conúbio feliz da primavera e do outono,
> "que parecem estar sempre de mãos dadas.
> "A terra produz cada ano recolta dupla,
> "tanto nos campos como nos vales. As es-
> "tradas são marginadas de louros, jasminei-
> "neiros e outras arvores que jamais despem
> "as folhas. As montanhas colmadas de
> "rebanhos que fornecem finissimas lãs, muito

"apreciadas em todos os paizes conhecidos.
"São inúmeras as minas de ouro e de prata
"existentes nessa bela terra, cujos habitan-
"tes, simples e felizes em sua simplicidade,
"não se dignam contar o ouro e a prata
"como riquezas, pois só valorizam o que é
"realmente necessario á vida do homem."

Onde pois se encontraria essa região paradisíaca, senão na submergida Atlantida... ou na parte que os cataclismas impeliram de encontro ao espinhaço da Cordilheira Andina para formar o Brasil ? Que o afirmem ou neguem os eruditos, apoiados em irrefutaveis ciêntificos, que nós nos contentamos de sugerir provas que nos parecem dignas de reflexão.



VIII

REMANESCENTES DAS TRIBUS DE ISRAEL

Continuando a estudar a Biblia, encontramos haver Esaú, filho de Isaac e neto de Abraham, desposado duas filhas de Heth (ou Etheu), nome que em hebraico significa "queimado". O descendente de Chanaan, à quem o velho patriarca comprára a caverna da Machpelah (Gen. X), foi crefe da tribu dos Hittites. Isaac considerou indigna, a aliança do filho com uma descendente de Cham (ou Ham). Rebeca, desolada com a inimisade entre Esaú e Jacob, servindo-se desse pretexto para afastar Esaú, "obteve de Isaac que o mandasse estabelecer-se em terras distantes". Daí a partida do filho prediléto, predestinado à posse das "terras de Chanaan, para as bandas do Oriente", donde seus descendentes voltariam a ocupá-la.

A que arrojadas suposições chegariamos, se considerassemos que Couto de Magalhães, o grande perscrutador das cousas ligadas à alma sertaneja, após acurados estudos e pesquizas escrupulosas, — chegara, tambem ele, a uma conclusão assombrosa para nós, porquanto estava longe de procurar a concordância do imortal relato bíblico ?

Ensina o nosso autor:

"Há três grandes raças das quais descen-
"dem todas as tribus. A primeira, e mais selva-

"gem na constituição física e mais grosseira nas
"qualidades morais, é a que se deu o nome de
"**abaúna** (côr escura) por serem todos os indi-
"víduos da côr do chocolate. Os homens e mu-
"lheres são fortes; agigantados; de traços gros-
"seiros; cabelos duros e inteligência tão rude
"que, à alguns é impossivel ensinar à ler. São en-
"tretanto ótimos mecânicos, parecendo criados
"para o serviço braçal.

"Dessa raça pré-histórica se encontram ain-
"da tribus que conservam todas as caracterísi-
"cas da nação primitiva, patenteando ausência
"de mescla de sangue, como por exemplo os
"**Mundurucús**, do Pará; os **Guaicurús**, de Mato-
"Grosso e os **Chavantes**, de Goiás.

"A segunda raça pré-histórica, — mais po-
"derosa e inteligente que a primeira — parece
"mestiça, porque apresenta constantes varieda-
"des na côr, embora mais se aproximando do
"branco que do preto. Nessa raça, quaisquer que
"sejam as variantes, nota-se uma conformação
"física mais perfeita e delicada; pés e mãos que
"fariam inveja às damas mais apuradas da ci-
"dade. Os cabelos são finos e faceis de arranjar.
"Os homens são bem constituidos, de traços re-
"gulares e olhar muito vivo; as mulheres, em ge-
"ral são bonitas. Não raro se encontram indiví-
"dos completamente brancos. Aprendem a lêr,
"escrever e falar a nossa lingua com admiravel
"facilidade".

Disso dão testemunho os padres Dominicanos, no Registro do Araguaia, afirmando (como nas interessantíssimas obras do Padre M. H. Tapie) que :

"Os peles-vermelhas de Goiás, do Pará e do
"Maranhão, são muito inteligentes. No dia em
"que se tornarem cristãos, a Igreja não terá fi-
"lhos mais generosos, nem o Brasil súditos mais
"fieis...

Continúa Couto de Magalhães :

"A terceira raça que tem o nome de abajú,
"distingue-se daquela pela estatura pequena e os
cabelos castanhos, características dos Kischúas
"da bacia Amazônica".

Baseado na etnografia, na lingua, na religião e nos costumes, Couto de Magalhães opina por dois cruzamentos. Um remoto e outro muitíssimo anterior, devendo datar dos tempos pré-históricos: "havendo talvez muito mil anos que o sangue branco cruzou-se com o da primeira india" diz ele.

"Na raça primitiva, só se encontra um sinal desse cruzamento : o cabelo ruivo no indio quase negro!..."

Não esqueçamos porém que Esaú era ruivo!

Do cruzamento menos remoto, a Biblia dá testemunho, dizendo que "Moysés casou com uma etíope". E quando os descendentes de Jacob vieram ter à terra dos de Esaú, como peregrinos, esses cruzamentos se multiplicaram, dando lugar à diversidade de tipos. Naturalmente, as raças conquistadoras, — Fenícios e Israelitas, mais inteligentes e mais civilisadas, suplantaram e dominaram a autoctona.

E' interessante notar que o nome de Esaú significa — mecânico, e o de Jacob — suplantador !

E, ainda nesse caso, concordam os estudos do

grande explorador da selva Brasileira com as Sagradas Escrituras.

Reconhecidos pelos indios como gente de paz, amigos ou parentes, os indios consideram parentes a todos os que falam a lingua tupí ou **Yeavah-Nhenen.** Os visitantes são recebidos por todos os da taba. Conduzidos à malóca que lhes foi destinada, observam escrupulosamente as leis da hospitalidade. E' uma das características mais fortes do nativo no Brasil que não se encontra em nenhum outro povo, à não ser no judaico, onde o espírito de família é permanente.

Contrariamente ao que se poderia esperar de selvagens, mostram-se reservados, cheios de tal dignidade que impõem respeito. Depois de todas as demonstrações de urbanidade, antes de se retirarem, o **"pagé"** faz um pequeno discurso, com grandes pausas, solenidade e sobriedade de gestos, deixando uma impressão agradavel e de mutua confiança, mesmo em se desconhecendo-lhe a sua lingua !...

Catarina Emmerich — (a celebre visionária que esclareceu os pontos mais obscuros dos Evangelhos por meio de clarissimas visões, apesar de campônia inculta, sem inteligência e analfabeta), afirma que a Virgem Maria e S. José descendiam ambos dessa família espiritual de eleitos que conservou intáta a observância dos preceitos divinos até o nascimento do Redentor!

Tudo quanto a vidente afirma, está de acôrdo com Josephus, que relata "viverem os Essenianos retirados em grupos, não longe das cidades, sendo calculados em 4.000 almas, na época do nascimento de Jesus Cristo. Depois da vinda do Messias, desapareceram os Essenianos. Não se ouviu mais falar deles...

Fôram, provavelmente os primeiros cristãos da Palestina".

Não é pois impossivel que núcleos perdidos nas brenhas da Chanaan-brasílica, esperem até hoje a Bôa-Nova, para dar testemunho da Verdade ! Os missionários notam a facilidade e a satisfação com que aceitam a doutrina cristã e recebem o batismo.





IX

AS FROTAS DE SALOMÃO E O RIO AMAZONAS

As famosas inscrições da Pedra da Gávea, estudadas pelo grande e erudito arqueólogo que foi Bernardo Ramos, comprovam a nossa convicção da vinda à essas paragens, das frotas judaico-fenícias.

Próximo à barra do Rio de Janeiro, aonde na colossal penedia denominada Pedra da Gávea, a tradição diz haver sido esculpida um monumento a Atlas — a montanha representa o perfil dum homem, com barrete e barbas longas como os Israelitas. No decurso de reinado do grande e sábio D. Pedro II, uma comissão chefiada pelo Visconde de Porto Alegre investigou o fáto, já anteriormente estudado por um grupo de geólogos norte-americanos sem nada concluirem.

Em 1932, Alfredo dos Anjos e Apolinário Frot, naturalistas e pesquizadores, organizando nova excursão, examinaram meticulosamente a gigantesca escultura e os caractéres gravados à entrada duma caverna, junto à orelha, da formidavel cabeça. Taufic Kurbon, em seu bem documentado livro sobre "Os Sírios e Libaneses no Brasil", dá a tradução literal dos caractéres alí esculpidos e usados pelos fenícios : **"Tyre-Phenicia**

— Badezir, primogênito de Jethbaal". E' curioso saber-se que Badezir reinou na Fenícia nos anos 855 a 850 AD. ou seja há 2.792 anos.



A inscrição da Pedra da Gavea (Bernardo Ramos)

Taufic Kurbon, confirmando as hipóteses que aventámos (em nossa primeira edição de 1929) acrescenta que "extensas galerias se acham em comunica-"ção com iampias salas cavadas na rocha viva". Inúmeros sinais, símbolos, ruinas ciclópicas, encontradas por todo o imenso território do Brasil, assim como a cerâmica da ilha de Marajó (que estudos oceanográficos de absoluta precisão afirmam fazer parte da imensa cadeia submarina) mais confirmam a existência de remotíssimas e esquecidas civilisações, no território brasileiro.

Onffroy de Thoron, oficial da marinha inglêsa, em seus interessantes estudos, diz :

> "A descoberta que fizemos da róta marítima "dos navios de Salomão e e Hyram através o "Oceano, em relação à América Setentrional, mil "anos antes da nossa era, é facil de ser provada".



A CABEÇA DE BADEZIR

A flecha indica o local da inscrição em cujas órbitas existem duas cavernas profundas



טזרר פדיכיסיאנ באדזירב יהטתבאאל

LAABHTEJ BAR RIZDAB NAIȘINEOE RUZT

Na primeira linha, caracteres fenícios destacados da inscrição da Gavea, que o Prof. David J. Peres supôs serem caracteres gregos.

A estranha cabeça fenícia — esculpida em proporções monumentais, no ápice do rochedo conhecido por Pedra da Gavea, — não admite a hipotese de méro acaso resultante de erosões do tempo, em épocas remotissimas. Mesmo que se não queira aceitar a realidade evidente da inscrição que se encontra junto à orelha da cabeça colossal, como prova suficiente da passagem dos hebreus e dos fenícios pelo Brasil (possivelmente ainda ligado à Líbia), um acumulo de coincidencias curiosissimas (que não aceitamos) obrigaria os nossos eruditos a um estudo aprofundado do assunto.

A erosão do granito pelas aguas e pelos vendavais, é inadmissivel por demasiado artistica e inteligente, esculpindo com admiravel proporção, forma e beleza, uma cabeça com todas as características dos povos semiticos: gôrro, olho, nariz e barba longa... poderiamos aceitar que a natureza, inconsciente, se divertisse em gravar na orelha direita da cabeça que resultara, caractéres fenícios, que sábios como Bernardo Ramos e outros, afirmam significar, lidos da direita para a esquerda como toda a escrita oriental :

BADEZIR, primogenito de JETHBAL, Tyre-Phenicia.

Esse rei, à meúdo citado na Biblia (Ethbaal, III Reis 16: 31) viveu em época da construção do Templo de Salomão 855 AD. ou seja há 2793 anos e teve por irmã JEZABEL, filha tambem de ET BAAL, rei dos Sidonios, que havia sido sacerdote de ASTEROTH (a Venus Fenícia), segundo se lê no Dicionário da Biblia, de John Davies (pg. 511).

Foi justamente nessa época que, com auxilio das frotas de HIRAM, rei de Tyr, o grande Rei de Israel mandou a regiões cuja situação mantinham em absoluto segredo, buscar o precioso material necessario às obras grandiosas que encetára em Jerusalém.

Como obra do acaso, parece-nos um tanto inaceitavel. A ciclopica cabeça, com o seu barrete evidentemente típico, barba onga e veneravel, as cavidades orbitais absolutamente bem colocadas e em perfeita simetria formando duas cavernas profundas, o nariz corretamente colocado tendo apenas sofrido um desgaste que em quase três milênios, alterou a primitiva fórma, são provas tão irrefutaveis que só um cégo não refutaria. ...

Afirmam moradores daquelas matas, juntas ao quase inaccessivel penhasco, que existe na parte posterior da cabeça de BADEZIR uma caverna misteriosa e profunda. Do lado do mar se distingue a grande altura, uma linha horizontal branca demonstrando uma camada geológica diferente, provando o levantamento de toda a imensa região, por comoção telúrica, em época remotissima.

Em meio da mata, esparsas, encontram-se grandes lages com caractéres desconhecidos... gravados tambem pelo tempo ? Recusamo-nos a crêr.

A ciclópica escultura demonstra, a nosso vêr, duas cousas: 1.º) é prova irrefutavel da importancia atribuida às nossas plagas pelos povos orientais: Sirios, Israelitas e Fenícios, que pretenderam firmar direito de posse a elas deixando a estatua dum de seus reis, como um marco a desafiar os tempos; 2.º) a posição à cavaleiro sobre a serra litoranea, a uma altitude que se tornou depois inaccessivel é a dum farol de pedra, visivel a grandes distancias para indicar a róta aos infatigaveis navegantes que a ela abordavam interativamente.

Não é porém essa, a unica escultura colossal que os rochedos que circundam a nossa formosissima Guanabara evidencia. O penedo escarpado do Corcovado que dista pouco da Pedra da Gavea, visto da atual Avenida Getulio Vargas, apresenta no seu ápice, a fórma duma **cabeça de indio** e, visto da Lagôa Rodrigo de Freitas, apresenta em perfil, a fórma estatuaria dum indio e seu cocar de penas! Prosseguindo em direção às montanhas da Gavea, bem no alto, mas em meio das matas florestais, perfeitamente visivel a olho nú, existe em entalhe profundo, admiravelmente gravado, um enorme jaguar ostentando as suas longas e simétricas malhas, cauda erguida, parecendo mover-se cautelosmente. E' a montanha da Onça da Gavea, exemplar artistico que lembra o escopro eximio dos grandes animalistas que foram os Assirios, mestres dos Cananitas. Teria tambem sido erosão do tempo, deslocamento de pedras do rochedo, ou obra do acaso ? Que maravilhoso conhecimento de arte revelaria então

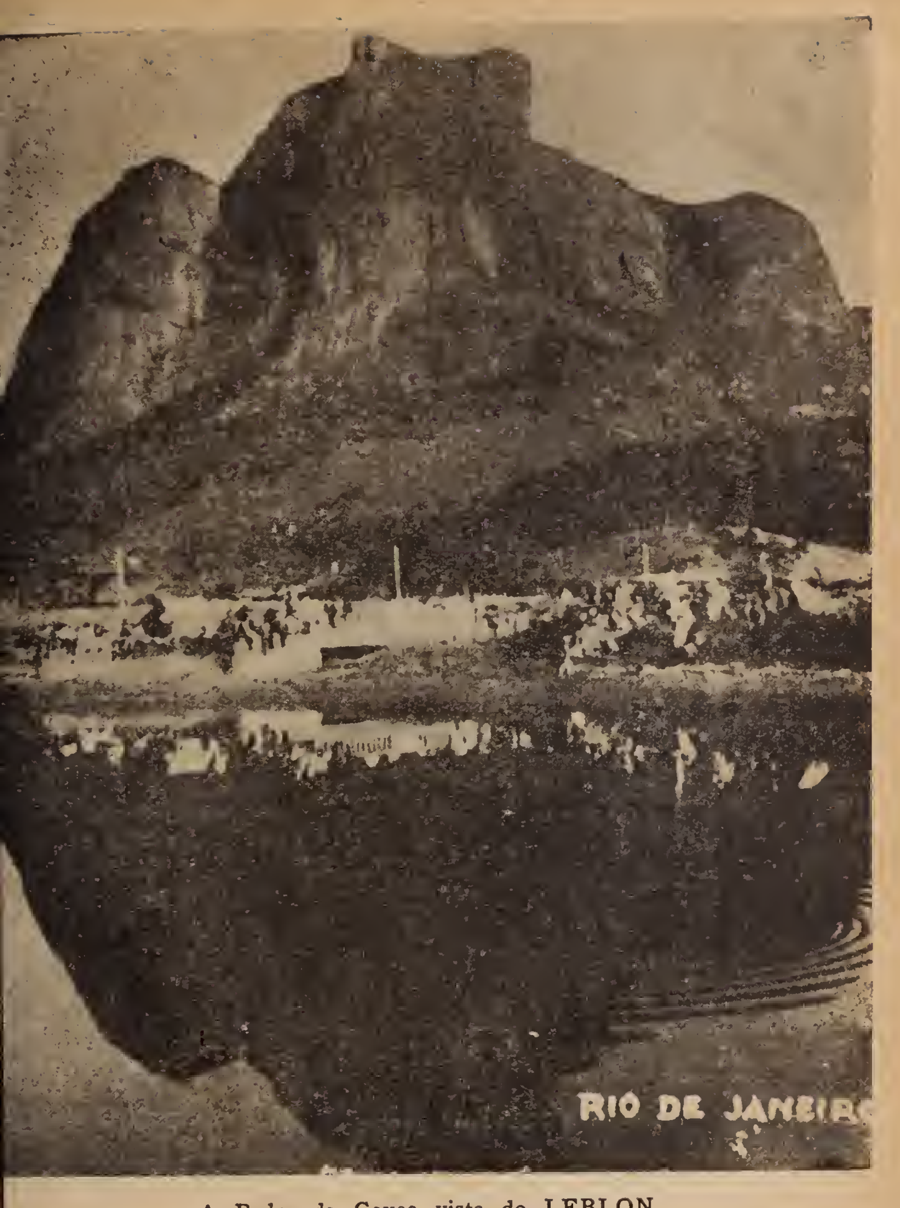
possuir a natureza burilando obras primas em meio das selvas bravias da abençoada terra de Canaan !

A nosso vêr, a Pedra da Gavea representa, de facto, a efigie de Badezir, Rei de Tyre, relembrando possivelmente acontecimentos que os Fenícios procuraram conservar indeleveis na memoria dos povos que habitavam a região, como o fizeram outros da mesmo época no Egypto, na India, para perpetuarem a memoria dos seus deuses e dos seus reis. Observamos a profusão de monumentos megaliticos. esculturas e inscrições esparsas pelo Brasil.

Existe em um rochedo de Copacabana um sulco em forma de cruz, assim como no do Pão de Açúcar, visivel da Praia do Flamengo, e que tanto podem ser devido a cisuras e veios graniticos, como sinais cabalisticos cuja significação se perdeu na noite dos tempos.

"Na Serra de Pyraputanga (diz Alfredo Brandão na sua História Americana) fomos informados que nas imediações da Fazenda de S. Domingos existia uma pedra de letreiros, e que umas leguas áquem. no planalto do Urucum, existia no meio da mata e muito próximo da fonte, uma lagôa, especie de tanque natural, em cujos bordos sobre uma lagea friavel, e granulosa, viam-se pégadas de adultos, de crianças, de cães, de cabras e de aves".

Sinas que o autor supõem haverem sido os copiados por Vojtech Erik, e citados na obra de Alfredo de Carvalho. Refere-se tambem Alfredo Brandão a "grande número de tuneis em pedras, pedras que sôam e parecem esculpidas, letreiros em rochedos" e outros restos de monumentos megaliticos, no município de Cimbres (Pernambuco), identicos aos de Aguas Belas citados por S. Galvão.



A Pedra da Gavea vista do LEBLON



No interior do Piauí, Jacome Avelino diz haver encontrado uma cidade petrificada dando a impressão de muralhas, torres e casas. No interior da Baía existe tambem uma povoação abandonada onde se vêem curiosissimas inscrições petroglificas.

Sempre cotejando a Biblia, encontramos no Cap. XXXI da Genesis: "Jacob tomou uma pedra e levantou-a como monumento..."

Verdadeiros "menhirs", essas pedras alongadas, verticais, encravadas no sólo, serviam (segundo Cesar Cantú) para comemorar acontecimentos ou marcar sepulturas, pois junto de alguns se têm encontrado ossadas humanas. E' de notar-se a profusão em que se as vêem no cimo das colinas que se estendem do Andaraí a Jacarépaguá, todas de superficie polida pelas aguas, erguidas verticalmente umas, outra tombadas, todas encravadas no sólo, cuja situação e altura só se explicam por uma subita elevação do terreno, em época ignota, resultante de tremendo cataclisma telurico.

Ademais, é absurdo que a maioria das inscrições rupestres, demandando tempo e tenacidade de rude lavor, possam ser atribuidas a méro passatempo de homens primitivos e obras sem significação, pois em sua maioria se encontram esculpidas nos rochedos, em ponto de dificil accesso, mesmo quando proximo de algum rio. Acresce que essas esculturas e entalhes se encontram ora perto umas das outras, ora bastante distantes, todavia com uma silimitude de caractéres que o simples acaso não é argumento sólido bastante.

Em exhaustivo trabalho, Silva Ramos publicou em 1930 (dois anos depois de Brasilidades) as suas notaveis Inscrições e Tradições da América Pré-Histórica.

Em seu livro **Travels** (pág. 84) Mandeville escreveu: **Whan the Jews hadden made the Temple, come an Earth quaking and casting down (as GOOD wolde and destroyed alle that they had made"** (Quando os Judeus terminaram a construção do Templo, um terremoto arrazou-o (como o queria Deus) e destruiu tudo quanto eles haviam feito). Ora, a reconstrução do Templo deu-se com a volta dos Israelitas à Palestina, por um edito de CYRUS, em 535 AD.

Depois de destruir argumentos falaciosos, o nosso informante afirma haver encontrado em nosso continente, nas profundezas do seu "hinterland", os lugares onde foram Ophir, Parvaim e Tarshich que conservam os primitivos nomes hebraicos, em diferentes localidades; enquanto os nomes dos objetos referentes aos navios desses reis, pertencem em sua maioria aos idiomas dos indigenas dessas regiões, outróra frequentadas por emissários de Hyram, fenícios e não hebreus.

Supõe Onffroy que "foi com receio de não ma-
"goar suscetibilidades das nações marítimas do Medi-
"terrâneo, que o grande Shlemoh (ou Salomão) fez
"construir em Eision-Gaber (porto do Mar Verme-
"lho) a flotilha destinada às viagens à Ophir, etc. Seu
"aliado, rei de Tyre, lhe mandava marujos experientes
"que, dobrando o Cabo Africano, se reuniam à que já
"havia deixado as águas do Mediterrâneo".

Já nos referimos às alterações gráficas dos vocábulos, na própria Biblia, assim como as devidas à transmissão oral ou influência de pronúncia estrangeira. Os portugueses trocam o B pelo V; os franceses escrevem OU para o nosso U; os ingleses e em geral todos os europeus, não conseguem pronunciar o ÃO, nem o LH; assim como os nossos indios não pro-

nunciam o B, nem o J (que aspiram como os espanhóis), nem o F ! Além de que, é inevitavel a estropiação dos nomes, principalmente em linguas, como a hebraica, **onde as vogais não são gravadas.** As constantes alterações de grafia de nomes próprios, mesmo em português, justificam o que acima dizemos. Anchieta, escreveu Y por I aspirado quando sempre que pronuncia é diferente e dificil ser escrita.

E' muito comum entre os selvícolas do Brasil, a aglutinação das silabas, suprimindo a consoante **presa** entre duas vogais; como tambem, acrescentando um **a**, ou **ua**, puramente fonetico, para suavizar a expressão com uma terminação mais harmoniosa. Assim pronunciam **"uauassú"** por **babassú**; **"uavara"** por **"ubajara"**; **"Iuassú"** por **Iguassú**. Portanto, **"Couar"**, por **Cobar**, donde se formaria Coar-y, nome do afluente Amazônico.

No texto das Santas Escrituras há várias referências à Zed-Paruim como sendo a misteriosa **Paruim**, de Salomão. Vimos encontrar na região do Amazonas, **Parvaim** (ou Paruim) como nome dum afluente do rio **Uraricoéra**, cuja significação **"é aí que se encontra ouro"** esclarece, não deixando menor dúvida. Com **Parium**, deu-se naturalmente a substituição doos indígenas, do V pelo U ; note-se ademais, que **"im** é desinencia do plural, em hebraico.

Portanto, significa **"mais de um parú"**. Quando os hebreus diziam "paruim", referiam-se aos dois rios **Paru** e **Apu-Paru**. Onffroy de Thoron acrescenta que se referiam tambem a outros rios de areias auríferas e explica a sua etimologia indigena, pois os dois rios reunem as suas aguas para formar o rio Ucayali, numa zona de riquissimos veios auríferos.

Assim sendo, cada vez que os emissários dos reis aliados vinham de Jerusalém, buscavam sempre um garimpo inexplorado, mais a Noroeste. Porém onde ficaria essa Jerusalém... si os enviados de Salomão se dirigiam para o Oriente ?

Ophir é escrito de diferentes modos: **Aufir, Ofir** e, em lingua quichúa é **Apir**. Filólogos como Huet e Kircher, são partidarios da estadia dos Egípcios na América do Sul.

I — **Apurá, (ou Yapurá)**, significa — "rio próximo **a uma montanha onde abunda o ouro**" (carta do P. Fritz a Mr. de La Condamine).

O abandono de **Ophir**. Sua proximidade de **Parvaim**, mais tarde abandonada tambem; as facilidades de veios mais ricos, unidas à etimologia do vocábulo, são outras tantas razões para que se possa determinar a sua posição e as outras referidas.

Algumas Biblias, em aludindo às viagens da frota de Salomão, escrevem no L. dos Reis: "**Ophir, Apir** ou indiferentemente, **Aypira**", em se referindo ao lugar donde provinham as fabulosas riquezas.

Apir, em lingua tupí significa "**explorar**" como — **Y** — quer dizer "**rio**". A diferença de grafia atribuida a cochilo dos copistas das Sagradas Escrituras, é apenas (em lngua tupí) uma flexão do verbo, que significa "**varrer, sondar**".

Yar, — com a pronúncia aspirada do espanhol, é monosílabo hebraico sinônimo de "agua corrente", portanto, de rio. Essa vogal junta ao **Apir** da Biblia, forma**Yapiryar** — o afluente do Amazonas que, devido a erros de pronúncia e da grafia trazidos e deixados por visitantes estrangeiros, passou a ser escrito **Yapurú, Yapurá** e mesmo **Hiaporá**.



Nomes hebraicos existentes ao noroeste do Brasil

Apirú é também adjetivo tupí, significa "repleto, cheio".

"para os indios dessas paragens, Amazonas si-
"gnifica **água corrente**, rio. Nunca esse vocábulo
"foi empregado no sentido que os gregos lhe atri-
"buiram".

E' por demais conhecido dos geógrafos o fenomeno do inesperado desaparecimento dum rio que parece desaguar dentro do seio da terra e cujo curso vai ressurgir a grandes distâncias, às vezes com outro nome.

Sabe-se que essas obstruções são comuns no rio **Yapurá**, indo reaparecer muito mais longe. Daí a terem nomes semelhantes vários rios dos Amazonas.

Ophir, (ou **Soupala**) — nome da outra região misteriosa, é mais um estudo interessante. **Ophir** — nome bíblico, significa — fim, termo. Segundo a Genesis (Cap. X, v. 25) é o do filho do XI filho de **Ioktan**, irmão de Phaleg, 34.ª geração de Noé:

"Nati sunt **Heber** (a quo Hebrei) filii duo: **no-**
"**men** uni — **Phaleg** et nomem fratris ejus **Jectan**;
"et **Ophir**, et **Hevila**, et **Jacob**: omnes filii **Jectan**.
"**Ophir, hinc Indi, et verae Indorum Gentes...**".

A Biblia refere-se à meúdo à vinda das frotas de Salomão "as terras longínquas de além-mar em busca de madeiras, ouro e pedras preciosas".

"C. 8; V. 18: E o rei Hyram (Ayrãm) là man
"dou, por seus vassalos, náus e marinheiros prá-
"ticos do mar;

"E foram estes, com a gente de Salomão, a
"Ophir, e de lá trouxeram ao rei de Israel 450 ta-
"lentos de ouro".

Nos capítulos IX e X dos Paralipómenos, está escrito :

"A gente de Salomão e do rei Hyram que "trouxeram ouro de **Ophir,** trouxeram tambem "madeira de **algum** e pedras preciosas. E a frota "de Hyram que trouxe ouro de Ophir, trouxe "também grande quantidade de madeira **almug** e "pedras preciosas".

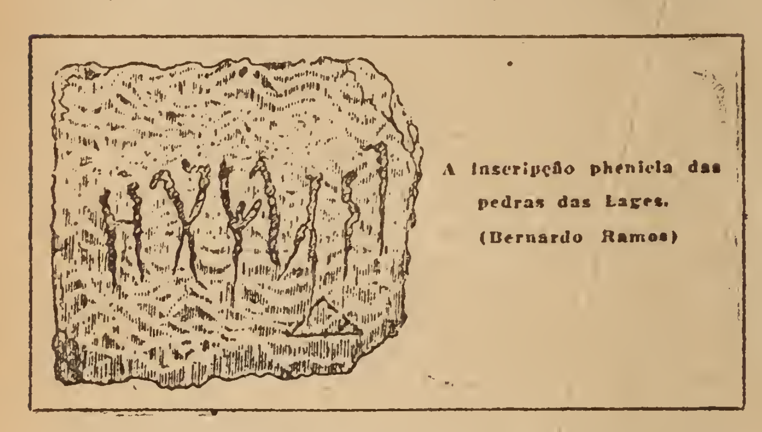
O vocábulo **"Algum"** (no texto hebraico **"algumim")** é formado do hebraico **"ala"** — **madeira,** e do quichúa **"gumu"** — **curvo, flexivel, convexo.** Portanto, madeira flexivel, empregada na construção dos arcos e da aboboda do Templo.

O vocábulo **"almug"** pode ser composto de **"ala"** — **madeira** e do quichúa "mucki", perufmado. A Biblia diz **que "as colunas do Templo fôram feitas de madeiras rescendentes".** O sábio filólogo Max Muller, diz que um dos nomes do sandalo (em sanskrito), é **"valgula".** Se, como afirmam Fidel Lopez e Brasseur de Bourbourg, a lingua quichúa é aparentada com o sanskrito, esses nomes seriam inteiramente quichúas, pois formariam: **Al** (bom) e **Gumu** (flexivel) — junco, liana, bambú;**"Al mucki"**, madeira resinosa.

O padre Simão de Vasconcelos afirma que "**Ophir** (a Supara dos Arianos e dos Semitas, ao Oriente das possessões Assirias) está situada no Brasil, na zona Ocidental que os antigos chamavam torrida. Começa exatamente no seu centro, se dirige para o Trópico do Capricornio, do lado Norte; e se volta para a parte Oriental dos reinos do Congo e d'Angola, banhada pelas águas do Oceano !

"Começa junto do rio das Amazonas (ou Grão-Pará) na terra que chamam — dos **Caribás** — (em sanskrito **Abyras,** ou **Cabyras),** se estende pelo Oeste

do rio de Vicent Pinzon, para terminar noutro grande rio Prâtha, formando assim as duas faces dum imenso triângulo, cujo terceiro lado está no hinterland. Os dois rios, **Amazonas e Prâtha,** o alfa e o omega dessa costa, duas maravilhas da natureza, são as chaves de



A inscripção phenicia das pedras das Lages. (Bernardo Ramos)

ouro e de prata que encerram as terras Brasílicas. As duas faixas de cristal liquido que o limitam, entre a "**região da Aurora**", (a Asia) e a "**Amero-ghaia**" (país da separação). Os dois imensos rios fórmam um semi-círculo de 1500 leguas, enlaçando toda a circunferência desta terra Brasileira.

As inscrições que reproduzimos, encontradas em rochas à margem do rio Urubú (Amazonas) e traduzidas por Bernardo Ramos, são uma invocação ao deus Fenício, ao qual imploram feliz êxito da empresa a que vinham :

"Oh! Fio da Vida (Destino)... que projeta

"ao longe sua sombra... afim de... ser forte...
"esquadra — rumor do vento e do combate".

(Liv. II dos Paralipomenos).

Mais além ainda na Biblia, lê-se :

"E os servos de Hyram com os de Salomão,
"trouxeram tambem ouro de Ophir e madeiras de
"tomilho e pedras de sumo preço;
"Das quais madeiras, isto é, das madeiras de
"tomilho, fez o Rei os degráus da Casa do Senhor
"e do palacio real e os psalterios dos músicos, e
"as cítaras; nunca se viram, na terra de Judá, ma-
"deiras semelhantes.
"Porque as frotas do Rei iam de 3 em 3 anos,
"com a gente do Rei Hyram a Tharsis; e traziam
"de lá ouro, prata e marfim, bugios e pavões".

Tara significa "espiga" e **chicha**, a **folha cor ouro** e refulgente da "**sterculia**" !

Os indios amazoneneses, como os quichúas, denominam — **chichyi** ao garimpo de ouro em palhetas. Portanto, não nos parece descabido pretendermos que a Tharsis da Biblia seja a de Homero, e se refira aos diversos garimpos dos rios do Alto Amazonas.

Dizendo que "vai a Tarschich" o quichúa de hoje, como o de antanho, indica que "**vai colher ouro meúdo no leito dum rio**".

Tharsis (ou Tarschich) — é nome dum chefe da tribu de Benjamim e significa — **contemplação da alegria !**

Que tenha sido dado o seu nome à terra fertilissima, ou que haja dirigido uma dessas incursões trianuais e a tenha descober, o caso é que esse nome passou, mais tarde, a designar "colheita de ouro".

"Tarschich" passou a indicar o lugar onde se encontra **"abundância de ouro meúdo"**. O vocábulo, em Quichúa se decompõe em: Tari — descobri e **Chichyi** — ouro em grão, ou melhor: novo garimpo.

No Livro dos Reis, V. 22, C. X, lê-se:

> "Por mar envia para Shlemoh uma flotílha de
> "Tarschich (porque não ouro em grãos?), trazen-
> "do com a flotilha de Hyram, ouro, prata, mar-
> "fim, macacos e **pavões** (?)".

Esses pavões, inexistentes nessas paragens, não poderiam ser os nosso lindos guarás ?

Os hebreus chamaram — **"kap"** — aos macacos levados para Jerusalém.

Substantivando o verbo "kap" (agarrar). E' curioso que na bacia do Amazonas exista um rio **Kapim**, ou dos **Macacos**.

O texto das Biblias hebraicas chama "tukym", e no plural **"tukuim"** às aves de plumagens garridas que daqui levavam. E' por sua vez curioso, que os indios chamem **"tukym"** aos homens soberbos e vaidosos, dando-lhes a acepção do pavão, que os simboliza.

Há uma série de coincidências estranhas, no itinerário que rumariam::

> "Seguiam as terras marginais do rio **Beni**
> "**Bean** (nome duma tribu de Israel que se separou
> "por idolatra, e foi mais tarde dominada pelos
> "Macchabeus).

Vamos encontrar esse itinerário ao **longo do rio Amazonas**, desde Ayram (?) nas bocas do rio **Jahú**

PHENICIO						HEBREO	
I	II	III	IV	V		VI	
					ALEPH		א
					BETH		ב
					GIMEL		ג
					DALETH		ד
					HE		ה
					VAU		ו
					ZAIN		ז
					HETH		ח
					TETH		ט
					YOD		י
					CAPH		כ
					LAMED		ל
					MEM		מ
					NUN		נ
					SAMECH		ס
					AIN		ע
					PE		פ
					TSADDE		צ
					KOPH		ק
					RESCH		ר
					SHIN		ש
					TAU		ת

Alphabetos phenicio e hebreo. (Bernardo Ramos)

(Jéhú, na Biblia) até **Parvaim**, na bacia do rio**Ur-ari-quéra** (em tupí: "**O grande rio de Ur**), sem esquecer que Abrahão nasceu na cidade de Ur, na Chaldeia.

Inscrição na Caatinga de Mato Grosso

A curiosa inscrição em Mato-Grosso cuja decifração não foi feita, parece indicar uma róta.

Em seu admiravel trabalho "**Na Planicie Amazonica**, Raymundo de Morais escreve:

> "Os gregos, referindo-se às Amazonas guer-
> "reiras da Cappadocia, asseguravam que elas vi-
> "viam nas margens do Thermodon, e queima-
> "vam o seio direito para mais facilmente maneja-
> "rem o arco e a flecha, donde lhes proveio o nome
> "que significa "sem seio".





Fig. 22. — Urna anthropomorpha da caverna de Maracá, Pará — F. Penna. Estylo archaico. Arte primitiva. Peça n.º 5.445, da col. do Museu Nacional. Reprodução autorizada pelo Prof. Roquette Pinto, Diretor do Museu.

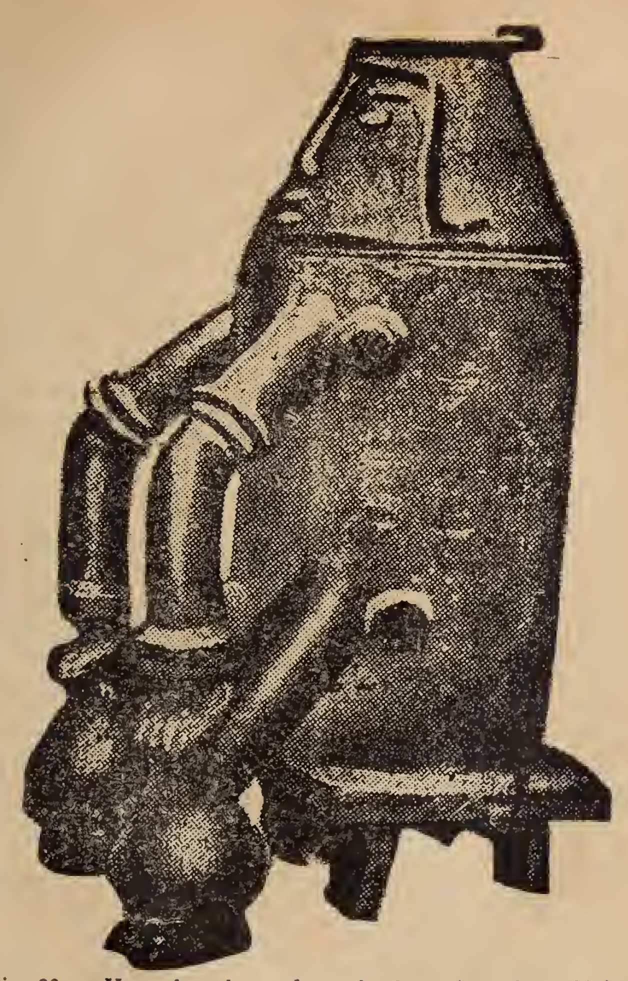


Fig. 23 — Vaso de cobre exhumado das ruinas do Palácio de Salomão em Jerusalém



Temos em nosso folkclore a interessante lenda que vai além das afirmações da geografia e da historia.

> "São as mulheres conhecidas por "icamiabas" (sem maridos), que viviam próximo ao lago "Nhamundá".

O grande estudioso das cousas e gentes Amazonenses, afirma não ter nunca ouvido alusão alguma a essa tribu de mulheres guerreiras,

Marco Polo pôs em dúvida a veracidade dos relatos Arabes "por não achar possivel a deslimitada extensão que atribuiam ao continente em cujo interior se encontrava o principado de Tophec" Mas é devéras impressionante que esse vocábulo, mesmo com a grafia levemente alterada, se encontre numa região às margens do rio Couar, e em pleno Amazonas !

Hamath — Zo — Bar.
Ama — Zo — Nas.

Não nos parece absurda nem forçada, a leve alteração gráfica, principalmente em se atendendo ao fáto de não possuirem os indígenas nenhum meio de fazê-la, a não ser verbalmente.

Porém nos parece concludente o vocábulo Amazonas ser formado por três vocabulos hebraicos : Ama — "aguas grandes"; Saah — "assombrosas"; e Cona (ou Çanu) — "revoltas".

E' que melhor nome poderia ter o nosso formidavel e imponente Rio Mar ?

> Diz ainda o Livro Santo que em épocas de guerra, havendo perigo para as suas caravanas, o Rei deu-lhes outro rumo, que ia ter à terra de Mat-Gog.

Esse roteiro, secreto naturalmente, devia ser feito por algum longo desfiladeiro cavado no granito das serras, tendo agua encanada e respiradouros no alto das montanhas. E' sabido que tais desfiladeiros, que ainda hoje servem de refugio às raças decadentes, foram descobertos em Mato-Grosso, no Piauí e em outros pontos da America Meridional.

Assim se explica a palavra do Rei de Israel, sem trair o seu segredo:

"— Construí jardins fechados; e fiz aquedutos para a minha utilidade".

Kiriath-Yarim, significa em hebraico — "**lugar das aguas fechadas por montanhas**" — lembra, — com a troca das silabas habitual nos indios (com um pouco de boa vontade, é certo) — Icaraí. **Curiá** ou **Kuriá**, é o nome tupí duma espécie de palide pequenino. **Yuar-y** é o nome do Rio Juá. **Kiriath-Yarim** é o nome do lugar onde ficou detida a Arca da Aliança, em casa de Obed-om (Obidos?). Se existe nessa região uma montanha de nome **Ererê**, como não se pensar em **Ararat** ?

X

OS CÁRIAS E OS TUPÍS — GUARANÍS

Velhas tradições relatam que, milhares de anos antes da nossa éra, os KÁRIAS constituiam um estado governado por um mago caldeu, cujo nome era cercado de mistérios, e do qual sabe-se apenas que contava de três palavras tabús, cujas iniciais eram K.A.R.

"O termo **KAR**, formado das três letras, foi empregado para designar, não só o rei mago, como o seu povo, e suas tribus foram denominadas Kárias. A origem caldaica de Kar, faz supôr certa conexão com a Suméria (diz A. Braghine)". Houve uma época em que a Fenícia (país dos Carús) fazia parte desse império, na verdadeira idade de ouro da história da humanidade.

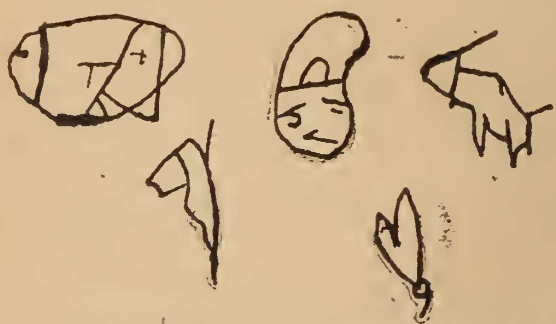
Devido à sua ligação com os Fenícios, teve grande influência no continente Sul-Americano; notadamente no Brasil.

KAR instituiu o culto do **Senhor do Universo,** que não tinha outra denominação a não ser a palavra cabalística PAN, formada pelas três iniciais do apelido do **Ser Supremo.** Curioso é notar-se que o YEOVAH, dos Israelitas, tambem não é mais que a reunião das cinco vogais, para designar o **"Nome que não deve ser pronunciado"!** Mais tarde, o nome **Pan** passou a designar o deus da natureza, inspirador da sua força creadora. E como tal ingressou na mi-

tologia Grega. PAN era, às vezes, designado TUPAN, o que (segundo Varnhagen) significa, nos idiomas Cário, Fenício e Pelásgico : — **"O divino Pan".**

O prefixo — TU — significa tambem **"piedoso sacrificio".**

Pela decifração de numerosos petróglifos, poude-se constatar que a tribu civilisada dos Chibchas (da Colômbia), descende dos Caraibas, do mar das Antilhas; tese que Miguel Triana sustenta pela semelhança antropométrica entre os crânios dos antigos túmulos de Facatativa (Colômbia) e os dos Caraibas, e a descoberta de uma mumia, em Guatavita (Colômbia).



Figuras gravadas e pintadas à tinta vermelha no Morro do letreiro — Ceará.

Tanto na América Central como na do Sul ,são inúmeros, os termos geográficos e etnográficos, onde se encontra o prefixo **Kar**, ou **Car**. Além das tribus : **Caripuna, Cariú, Karayá, ou Carajá, Caraúna, etc.**

Em Venezuela, a capital é **Caracas**. No Brasil Setentrional, uma série de localidades possúem esse

prefixo: **Caaracas, Carú, Cariri, Caraíba, Carioca, Carova, Acaraí, Icaraí** e tantos outros...

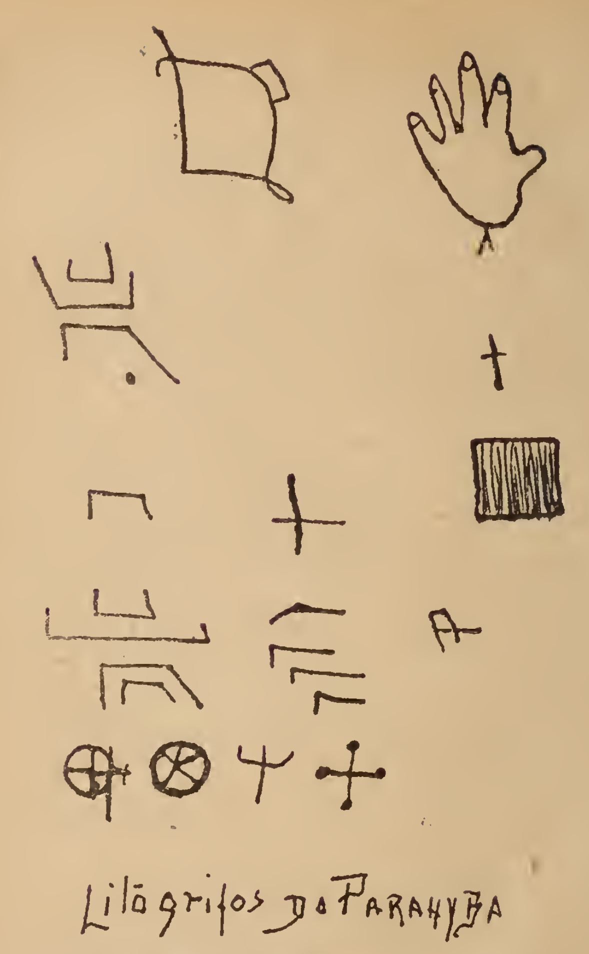
Caraiba, (na opinião de Scwenhangen) é "**terra dos Cárias**".

Segundo uma tradição dos habitantes das Antilhas, "existia há milhares de anos, uma ilha desse no-"me onde, após catastrofe terrificante, sete tribus Ká-"rias vieram estabelecer-se. Essas populações deno-"minavam-se "**Caris**", mas os seus piágas mudaram "esse nome para o de "**Tupis**", ordenando-lhes que o "usassem, por significar "**filhos de TU-PAN**", o Ser "Todo Poderoso que governa o mundo"... e os cataclismas.

A divindade cária "Tu-Pan" é venerada pela maior parte das tribus Sul-Americanas, particularmente entre os Guaranís, do Paraguai. Os Tupís sustentam que TUPAN ensinara aos seus antepassados a agricultura e o uso do fogo. Os povos do antigo Império Peruano representavam Tupan, exatamente como os gregos o deus "**Pan**"; o "**Tupan**" Incáico tambem era figurado como barbicha e pés de bódes. O culto de "**Kera**" (ou **Cibele**) surgiu na América do Sul, com o de "**Tupan**", seu filho. O nome de "**Kéra**" era empregado por toda a parte, como o "**da mãi de Kar**".

Quando os primeiros missionários portuguêses aportaram ao Brasil, os padres Manoel da Nobrega e Anchieta perguntaram aos indigenas, "**qual o nome nome do país**", e a resposta foi: "**Tupan Kere tan**". E' a terra de **Kera, mãe de Tupan**".

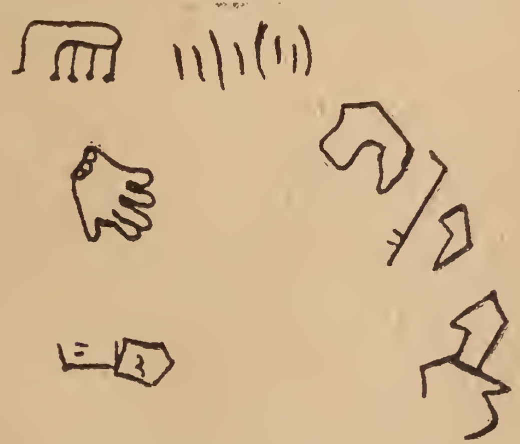
O padre José Guevara transmite-nos duas vagas tradições Paraguaias sobre o Dilúvio. Na primeira, o herói da epopéia é **Tumé-Arandá**; na segunda, **Tamandaré**. Este, assim como suas irmãs **Guarassiava**



Esse sinais parecem indicar uma rota a seguir

e **Tupinambá**, era filho dum grande profeta. "**Rupava**", que com seus dois irmãos **Carivá**, sobreviveram ao dilúvio e desposaram as duas irmãs de Tamandaré. "**Guarassiava**" foi a mãi dos Guaranís; e "**Tupinambá**", a dos Tupís, demonstrando a união existente de início, entre as nações Tupí e Guaraní.

Muito antes da éra cristã, a Ilha **Caraiba** foi por sua vez tragada pelas águas. O folclore indigena faz menção dessa segunda catastrofe. Os tupís sobreviventes, emigraram para o continente e, desembarcando no litoral, fundaram a cidade de Caracas.



Pedra da Gameleira — Serrote do S. Francisco —
— Quixadá (Ceará)

Séculos mais tarde, ousados navegantes vindos dum país longínquo situado para os lados do oeste, chegaram à Venezuela e, pouco à pouco, a população tupí foi-se transportando para o Brasil. Parece

certo que os tupís tomaram pé na Ilha de Marajó, no estuario do Amazonas.

O nome dessa ilha, inicialmente articulado Maraió, ou Maraioh, foi mais tarde pelos portuguêses transformado em Marajó.

Maraioth, nome dum chefe da tribu de Levi, da 7.ª geração de Aaram e de Moysés, é a nossa ilha Marajó, **mbará-yó** — tirada do mar (terra) e tem na Biblia a sua grafia exata, os espanhóis pronunciam como os nossos indios, o J aspirado! **Há nesse ilha um lago Arari, cujo nome é o dum chefe guerreiro Israelita** e tambem o **duma tribu de selvícolas brasileiros,** donde saiu o celebre**Ararigboia,** (Martim Afonso de Souza, 1.º donatário), cujo nome, em Tupí, significa "**cobra feroz**".

Varnhagem julga que as palavras "**Mara-Ion**", em idioma Cário, significariam — Grande Rio. — O nome duma localidade da ilha "**Carú-Taperú**", relembra a influência dos Cárias. Para corroborar essa opinião, há as ruinas ciclópicas pré-históricas, que alguns sábios consideram Carianas, outros Etruscas, de acôrdo com as inscrições e a cerâmica encontradas lá.

Varnhagen afirma que os tupís ainda conservam lendas relativas às suscessivas migrações dos seus antepassados. Alguns grupos de Tupís, tanto no Brasil como na Venezuela, intitulam-se vaidosamente Tupinambás ou " "verdadeiros Tupís".

O folclore dos Guaranís refere-se tambem a **Tupinambá,** filha de **Rupava,** — o Grande Antepassado.

A tribu "Tupinambá" cujo nome significa "**Avós**", conserva noções de astronomia. Tucidides, chamado CAR ou :**Mago-Caldeu**", ao fundador do Im-

pério Cariano, concorda em que tinha conhecimentos da ciência, pois é sabido que os Caldeus eram astrólogos e astrônomos notaveis.

A religião dos Tupís surgiu ao norte do Brasil milhares de anos antes da nossa éra, coincidindo talvez com as primeiras expedições dos Cárias ou dos Fenícios.

A tribu tupí conhecida sob a denominação de **Guêges**, dá ao seu próprio idioma, o nome de "**nhehen** gatú" (lingua boa, universal).

No estado do Piauí existem numerosos vestígios Fenícios, especialmente na "**pirâmide de Morvão**", de construção pré-histórica; espécie de necrópole, construida pelos Fenícios. Os **Guêges** viviam no Piauí, e **falavam a mesma lingua dos Guêges da Albania**, fáto estranho e inexplicavel, devido à enorme distância que separa as duas tribus, que o Prof. Shwenhagen julga derivadas duma raiz Pelasgo-Cária.

Alex. Braghine acredita que a para "**Karú**" designou, em remota antiguidade, a região donde saíram, não sómente os Cárias e os Fenícios, mas tambem certas tribus indigenas da América do Sul. Onffroy de Thoron opina que, não sómente os Egípcios, porém os Pelasgos, procediam da América e da Atlantida. Era crença, entre os Pelasgos do Peloponesso e e de Creta, que "**sua religião e seus deuses lhes haviam sido transmitidos por uma raça misteriosa que habitava um continente muito afastado para o Oeste!**" Só poderia ser a América, ou a Atlantida.

Os sábios brasileiros pensam que Tutoia, localidade nas margens do rio Parnaíba, deve ser **Toor-Troia**, nome alterado pela dificuldade que acham os indigenas brasileiros na pronúncia do som vocal R. Além de que, "**toor**" em Fenício, significa "**praça**

forte, capital". Nas ruinas de Tutoia encontram-se restos do que deveria ter sido baluarte, ou fortaleza. (!)

"Na montanha Ibitirussú, nos arredores de
"Vila-Rica, existe uma galeria subterrânea, in-
"teriormente ornada de ideogramas. Na gruta
"de Teiucára (Caverna do Dragão), à margem
"do alto Paraná, pódem ver-se sinais análogos
"aos hieróglifos Egípcios, os quais por sua vez
"se parecem com os de certas inscrições de Maias
"e com os misteriosos ideogramas das urnas fu-
"neárias Paraguaias. No Iariçuar fôram desco-
"bertas, sob um montículo, pedras cobertas de
"inscrições semelhantes aos antigos hieróglifos
"Egípcios e aos enigmáticos textos encontrados
"nas selvas do "Amazonas", diz R. Colman.

As causas da degenerescência ulterior das tribus indigenas, consitúem um problema ainda longe de ser resolvido, a não ser que se admita que a disseminação em pequenos grupos em meio das selvas bravias os tenha feito involuir.

Que catastrofe poderia ter aniquilado a civilisação de nações em tão adiantado grau de cultura: cataclismas telúricos, pestes ?

XI

INDIOS KARAYÁS OU CARAJÁS

O nome de **Kariah**, frequentemente repetido nas Sagradas Escrituras. é o dum chefe de tribu que o passou aos seus descendentes, e significa "praça forte, cidadela fechada", sendo muita vez empregado para designar "lugares vedados". Assim, **Kariah-Sepher** (recinto das letras) era o local especial destinado aos religiosos e à guarda das crônicas e memórias escritas; **Kariah-Thiarim** (cidade das árvores) é o Jardim Fechado (ou floresta); e **Kariah-yar**, o lugar onde as aguas são rodeadas por montanhas, como a nossa formosa baía de Guanabara.

Se nem todos podemos ser contados entre doutos e eruditos, a nenhum é permitido quedar-se indiferente, quando os nossos patrícios, os "verdadeiros donos" da maravilhosa terra que habitamos, continuma pobres e necessitados. carecendo de tudo, em meio dessa pletóra de magnificências que os estrangeiros especulam.

Aguardam a hora da misericórdia, esperando sempre no Senhor, à quem elevam a mais comovedora e sublime das preces, ao despontar do dia:

> "O' Sol! Nós te adoramos; mas se não és o "verdadeiro Deus, nós adoramos Aquele que te fez!..."

Nas regiões Amazônicas e na Ilha do Bananal, vivem os indios Javaés e Caraiahs, restos possiveis de nações e tribus a que se referem os textos sagrados, e apenas pelos nomes se diferenciam.

De todas as hordas e tribus esparsas pelo nosso território, são as mais simpáticas e as que recebem as luzes da civilisação como quem recorda velha e esquecida lição.

Em pleno estado de primitivismo, são, no entanto, industriosos. Vivem despreocupados e alegres como crianças sem malícia. Cantam. Assobiam durante as suas ligeiras ocupações. Não se apressam nunca. Talvez guardem no subconciente a idéia bíblica de que "o trabalho foi dado ao Homem como um castigo", e como não o merecem... Ou sentirão que a pressa, sendo inimiga da perfeição e a perfeição sendo inatingivel... não adianta apressarem-se ?

A evidente preocupação de embelezar-se, empresta ao selvgem um aspecto horrivel, ainda quando a natureza o dotou de traços regulares e mesmo belos. Pintando o corpo com suco de urucúm, toma o colorido dum "Pele Vermelha", conquanto o tom da sua epiderme seja o siena claro, como se observa nas mulheres e crianças. O Karayá pinta as orbitas de negro, o rosto de vermelho, e, no torso, braços e pernas, desenha grandes e vistosos círculos brancos.

Enfeita de penas, os tornozelos, os pulsos, a tanga e os elegantes cocáres de penas multicôres, especialmente quando se prepara para as grandes solenidades, religiosas ou guerreiras. Nos outros dias, "munido de arco e flexa e vestido apenas dum raio de sol" (na linda alegoria do Pe. Tapie) — o indio

das margens do Tocantins e do Araguaia tem por completa a sua indumentária.

O Karayá, nadando como peixe, não se arreceia das piranhas nem dos jacarés. Exímio atirador, é lindo espetáculo vê-lo, esbelto e agil, de pé na pequenina ubá que bamboleia como casca de noz à mercê da corrente, lançar certeira seta entre os olhos dos caimans; arpoar com inexcedivel pericia, o terrivel piracú... ou, deitado sobre a terra morena e quente, flexar a garça em pleno vôo !

A índole demasiado maleavel do indio, à quem os Missionários são concordes em atribuir as melhores qualidades de coração e de carater, peca todavia por exagerado mimetismo; porisso, a civilisação leiga lhes é prejudicial As tendências materialistas dos que lhes dão por modêlos atúam profundamente sobre o seu espírito. Só a moral cristã, vivida com pureza e altruismo, é capaz de servir-lhe de exemplo aproveitavel.

Voltemos porém ao que à respeito nos conta Herodoto, o Pai da História, referindo-se aos "etíopes" da Africa Ocidental :

> "Na parte que olha para o Mar Austral, en-
> "contram-se etiopes nomades que pintam o cor-
> "po de vermelho e não de preto, como os da
> "Africa São homens de boa aparência, itiófa-
> "gos e vivem muito.
>
> "Como os espiões de Cambyses lhes per-
> "guntassem a razão da sua longevidade, a presen-
> "taram-lhe como fonte juventa as águas dum
> "lago onde frequentemente se banhavam.
>
> "Em troca dos presentes do rei Persa, o che-
> "fe dessa tribu estranha, enviou-lhe o seu arco e

"a sua flexa, dizendo que "só quando os seus ho-
"mens fôssem bastante fortes para manejá-lo com
"a facilidade, com que ele o fazia, aceitaria a
luta".

Ainda dos Carajás (ou Karayás), diz o general Rondon numa entrevista à "Noite": "... vivem no "lado ocidental, ao longo do Araguaia, constituindo "uma tribu mansa de indios praieiros. São magnífi-"cos, mergulhadores e canoeiros e extráem da pesca "os elementos para a sua nutrição. Na época sêca vi-"vem nas praias do rio e, quando este enche e se avo-"luma, transferem-se para as suas barracas.

"Apezar da influência dos civilisados, mantêm "os Carajás até hoe, a integridade da família. Nisso "eles são rigorosos.

"Afirma-se até que já existiu entre eles em tem-"pos recuados, uma espécie de "Ordem dos Cavalei-"ros", da qual faziam parte os anciãos da tribu, à qual "era confiada, na ausência dos maridos que iam guer-"rear, a tarefa de velar pela pureza das mulheres. "Assim, numa época primitiva, já os Carajás nos da-vam lições duma perfeita organisação social. O que "impressiona naqueles sertões é a constatação da mo-"ralidade dos Carajás.

"Para a caça de aves, deitam-se no sólo e frexam as aves em pleno vôo com inexcedivel perícia".

Os Padres Dominicanos que, nas terras de Goiás se dedicavam à civilisação dos indígenas, em seu relatório ao Ministro da Agricultura, referiram-se à "descoberta de certas águas radio-ativas e fortemente sulfurosas que, segundo os naturais do lugar, curam toda a sorte de moléstia, inclusive a lepra".

A Biblia, no descrever a Terra de Chanaan, diz que "em suas águas, os sãos encontrariam vigôr e os

enfermos, saúde". De fáto, por todo o nosso imenso território, abundam águas de poderes curativos maravilhosos.

Porque razão teria Herodoto apelidado de **etíopes** a esses selvagens... se não tinham relações, nem afinidades nenhumas com os habitantes da **Etiópia**? As tribus dos Javaés e dos Carajás das margens do Araguaia usam como enfeite, simbólico talvez, duas circunferências queimadas nas faces. Ora, o vocábulo **"etíope"** é grego, formado de **Eit (queimar)** e Ops **(rosto, face)**. Os indios das duas tribus de que nos ocupamos, gravam esses discos nas faces.

Diante de toda a tribu, o pai queima solenemente com o seu cachimbo de côco, em brasa, — as faces do filho varão! Com a ponta da própria flexa, aviva a queimadura, para que o sangue escorra. E aplica-lhe o suco de genipapo, para torná-la azulada e indelevel.

Lê-se nas profecias de Nehemias que "Deus, mostrando-lhe em visão as sucessivas prevaricações "do Popo de Israel, fê-lo ver **"com um sinal carim-"bado na fronte àqueles que se conservariam puros, "em meio da iniquidade geral"**. Que relação teria, com esses estigmas que os Javaés e Karayás adotaram, e para eles significam **"o olho do Senhor e o olho da conciência?"**

Herodoto, relata, minuciosamente, certos habitos e costumes que vimos encontrar ainda, entre as mesmas tribus: a liga de embira dos jovens de ambos os sexos, como emblema de virgindade; a sondagem e garimpo das águas fluviais, por meio de longas penas de passaros, untadas de visgo, para a colheita das esquírolas e pepitas de ouro, prática ainda hoje em uso entre os Indios do Pará !

As pragas que caíam sobre o Egipto, especialmente as nuvens de gafanhotos, tambem surgem em determinadas épocas no Brasil, são densas e espessas que interceptam inteiramente a luz do sol. Quando pousam sobre os campos, não deixam sobre eles uma folha siquer. Tudo devoram, em segundos, antes de levantarem vôo para outras paragens. As crianças correm a apanhá-las e comem-nas torradas...

Devido à adoração dos deuses estrangeiros pelas tribus de Israel, entre os quais o culto a **Astarod**, dos Fenícios, (a **Astarté** dos gregos), não é de estranhar que, em algumas tribus nossas se encontrem vestígios dele, transportado à Ruda e acompanhado de melopéias que, segundo a Biblia lamentavam ostensivos a morte de Adonis.

Uma das cousas que maior indignação causava ao Profetas, era o costume das mulheres hebréas, **"adotando a religião dos povos das Ilhas"** sentarem-se nos degráus da porta do Templo, para chorarem a morte do deus do Amor. — Ora, as virgens selvícolas, em certas épocas da lua, sentam-se à soleira das suas ócas e clamam, em tom dolente:

"Rudá! Rudá! Yuáka pinaié,
"Amana reçaiçu... Aiueté cunhã
"Puxiuéra oikó, ne mumanuára ce recê
"Quahá caarúca pupê !

(Ruda! Ruda! que resides no firmamento !
Fazei com que ele... por mais mulheres que tenha...
Ache a todas feias e se lembre de mim
A' tarde, quando o sol se esconder no ocidente!)

XII

INDIOS BORÓROS OU COROADOS

Os indios Boróros, outróra nomades, vivem nos sertões do Leste e Norte de Mato-Grosso. Sua fisionomia é pouco expressiva devido ao costume e depilar as pestanas e as sobrancelhas e de achatar o nariz.

Sua inteligência é viva. Cabelos abundantes e escorreitos, que os homens trazem compridos, até aos ombros. Esbeltos, elegantes de fórmas, por vezes de estatura acima da normal; membros robustos e rija musculatura, são grandes andarilhos e de notavel resistência à fadiga.

Para constituir família, o homem solicita a jovem e faz um presente à futura sogra. A cerimônia nupcial é presidida por um **"Bary"** (sacerdote) e tem a assistência das famílias e amigos. E' interessante a cerimônia na qual os noivos se deitam sobre uma esteira, enquanto o "bary" agita o maracá sobre as suas cabeças. São fieis, porém a velhice e a feialdade são motivos para divorcio.

Adoram o sol sob nome de **Tarú** (**Taré**, é o nome do pai de Abraham, que viveu em UR, da Chaldeia).

Observe-se quantos nomes de rios dessa região começam por Ur...

A' hora do "coema-piranga" (do despontar da aurora) o "bary" acompanhado dos guerreiros da tribu entôam um hino ao som do "babo":

"O sol nasceu.
O sol se escondeu.
Tenho saudades do sol !"

Executam então dansas religiosas. antigo costume Israelita :

"E tendo entrado a Arca do Senhor na ci-
"dade de David, **Micol**, filha de Saul, olhando de
"uma janela, viu o rei bailando e saltando dian-
"te do Senhor;
"E lá no seu coração o teve em pouca conta.
"E David lhe replicou: Diante do Senhor que me
"escolheu, preferindo-me à teu pais e à toda a tua
"casa, não só bailarei, mas tambem me farei mais
"vil do que me tenho feito, e serei humilde em
"meus olhos.
"Por este motivo, Micol, filha de Saul, não
"teve filhos até o dia de sua morte". — (L. dos
Reis, Capítulo VI).

A extinção da prole foi sempre tida por sinal de maldição, mesmo entre os selvagens.

Os Boróros conservam vestígios duam civilisação superior no fato de separarem em habitações próprias os jovens de cada sexo, até o periodo da puberdade, (como faziam os Hebreus), educando separadamente as virgens e os levitas que cresciam sob a guarda das velhas e dos sacerdotes. Quem póde asverar que não sejam elementos des tribus de Israel que, perdida a noção da origem ancestral, vivem selvagens, mas com grande pureza, nos sertões bravios do Amazonas e nas margens caudalosas do Araguaia?

XIII

INDIOS JAVAÉS

O nome Javaé, do Rio no Amazonas e da tribu indígena, é uma alteração do JEOVÁ (YEOHÁ, ou YAVEH), o Deus de Israel, pois o V e o U são a mesma cousa, assim como o J dos indígenas é antes vogal aspirada, que uma consoante.

Segundo um missionário inglês protestante, os indios **Yavahés** (ou **Javahés**), que raras vezes sáem da Ilha do Bananal, em nada se diferenciam fisicamente dos Karayás (ou Carajás) parecendo descender ambas, pela pureza dos seus costumes e certo cerimonial religioso, remanescentes duma raça sacerdotal de levitas. Evidentemente, são os guardas da tradição, talvez ministros dum culto perdido...

Em um espécie de malóca de fórma circular, um pouco afastada do aldeiamento, vivem os anciãos e as matronas da tribu exercendo determinada influência sobre a sua gente. A eles são entregues um quinhão sobre tudo quanto entra na povoação; sejam produtos de caça, da pesca, da colheita, ou da guerra. **E' a observação da Lei dos Dizimos e das Primicias** conservada em toda a sua pureza através dos séculos e da involução da sua primitiva civilisação.

Nenhum povo conserva a obrigatoriedade dessa espécie de imposto que o Senhor, justo e misericor-

dioso, impôs ao Seu povo, em favor da viuva e do orfão, como propiciação e penitência !

Não é essa, a única revelação ds selvas Brasileiras.

A' certa distância da habitação dos anciãos, existe outra malóca com todas as características dum seminário ! E' uma espécie de internato onde vivem, — separados dos homens, crianças e mulheres, — os adolescentes. dos doze aos dezoito anos, época em que são declarados núbeis. Como os Nazarenos, usam os cabelos repartidos ao meio. Sáem sempre incorporados, tocando a inúbia (ou o juriparí) quer para os exercícios corporais, a caça ou a pesca, quer para banharem-se nos rios. Os anciãos da tribu são incumbidos de os adestrarem em todas essas artes e conhecimentos essenciais.

Esses Javaés (ou mais corretamente **Yehovaé — Povo de Deus**) conservam as características dos primitivos Essenianos, — **os místicos** —, segundo a etimologia da palavra que, em Siríaco e em Hebraico, significa **piedade, silencio**. Como eles, observam a mais pura moralidade e a castidade perfeita, até tomarem mulher, aos dezoito anos; instalando então a sua desposada no recinto do povoado. Verdadeira tribu de eleitos, conservaram puros os seus costumes, mesmo cercados pela corrupção. Aliás, não existe entre os nossos indios, por selvagens que sejam as tribus mais ferozes e guerreiras, costumes depravados. Podem ser canibais e vingativos, mas seu unico pecado é a embriaguês.

XIV

INDIOS APAPOCUVAS

Em princípios do século XIX, esta nação selvícola do grupo Tupí-Guaraní iniciou longa migração em procura da "Terra sem mal" a que se referiam suas tradições: "onde o mel escorre em abundância e as frutas nascem espontaneamente" exathmente o que reza a Biblia em relação à Chanaan, — a Terra da da Promissão. Refere-se a tradição à um Diluvio algo deturpada, em grande número de tribus Brasileiras.

"NHANDEREÇU resolvera destruir o "mundo provocando um grande incendio. Infor-"mado disso, o pagê GUIRAPATI dirigiu-se com "toda sua família para o mar. Ao chegar às praias "do Atlântico fez constuir uma "tacana" onde "passaram todo o tempo em cantos e dansas re-"ligiosas, cuo compasso marcava o ritmo sagrado "batendo com massetes no chão.

"Quando a morte tornou-se inevitavel por-"que o mar ameaçava invadir a terra para extin-"guir o incêndio que lastrava nas matas, a "ta-"cana" se elevou milagrosamente e, transpondo "do as portas do céu, foi estacionar junto da "oca" de NHANDEÇY — a Mãe Grande.

"O pagê continuou a viver nessa região pa-
"radisiaca, situada na "Terra Sem Mal" onde
"corre o mel em abundância e as frutas nascem
"espontaneamente".

Como os Israelitas, cantam e dansam em todas as suas cerimônias religiosas, certos de que os movimentos ritmados, unidos a cantos obedecendo a um ritual sagrado, pódem angariar as bôas graças do Ente Supremo e a proteção dos antepassados. Quanos sonhos, premonições ou qualquer fenômeno insólito lhes pareça prognosticar a repetição do cataclisma, procuram afastá-lo por meio de prolongadas abstinência que fazem parte das festividades propiatórias. São evidentes reminiscências de costumes do povo de Israel, esparsos pelas nossas selvas.

XV

INDIOS XERENTES

Essa tribu, descedente do grande ramo da nação Tapuia que, desde remotíssimas e ignoradas épocas vive nas margens do rio Tocantins, divide-se em 2 ramos cujos costumes são analogos aos dos Israelitas: a dos SI PTÁTO, que pinta no rosto uma figura em fórma de colchête, e a dos SI DÁ CRAN, considerada a mais antiga, cuja pintura facial é um disco, vermelho ou branco, orlado do preto, feito de terra avermelhada com suco de genipapo e de urucum. Essas marcas servem para diferençá-las para os efeitos de cruzamentos.

E' tradicção entre os Xerentes que as suas tribus descendem de dois irmãos. O mais velho disse que "de-"viam estabelecer uma lei para que a descendência de "ambos pudesse formar uma raça forte, evitando a de-"generescência causada pelas relações incestuosas". Resolveram que os descendentes de cada um usaria um sinal indelevel no rosto, e formariam dois grupos diversos. Um jovem, quando pretendesse tomar mulher, deveria sempre procurá-la no outro clan; sendo formalmente proíbido o casamento entre jovens da mesma tribu. Na primeira geração, naturalmente, os casamentos foram entre primos consanguineos, o que não foi permitido depois.

O "pagê" incumbido das marcações, hereditário no cargo, exerce sobre os indios grande influência. O operador duma tribu é sempre escolhido na outra tribu. Respeitado pelas duas facções Xerentes, seus conselhos são sempre atendidos. E' na sua taba que são guardados as armas e petrechos de guerra. Servindo de mediador entre os homens da facção em que exerce as suas funções, quando há qualquer rixa, intervem para separá-los. Em sua presença todas as armas se abaixam. Todas as lutas cessam.

A "**cri-ten-coá**" (cerimônia nupcial), precedida dum simulácro de rapto, é interessantíssima; os casamenteiros preparam-se para raptar o noivo no "**oáran**" (espécie de comunidade em que vivem todos os jovens da tribu que atingem à puberdade), devendo guardar sobre o projéto o maior sigílo, pois si um "**ach-ton**" (educando da comunidade) desconfia, previne imediatamente o indigitado, que fóge, a esconder-se nas selvas. O rapto é efetuado antes do alvorecer. O noivo, levado à força para o mato, é enfeitado com as penas mais bonitas e seu corpo pintado de côres garridas. Nesse interim, a futura desposada é conduzida pelas mulheres do seu clan à taba préviamente construida, diante da dos pais. O noivo é trazido aos empurrões, pelos casamenteiros. Vem, com os braços erguidos àcima da cabeça, segurando o arco e a flexa em posição horizontal. Ao chegar diante duma das portas da sua futura residência, as duas madrinhas que ficaram à sua espera, tomam-lhe das mãomãos as armas, para que possa entrar na taba pacificamente. Seguido pelos casamenteiros (ou padrinhos), o noivo, dobrando a perna direita, coloca-se ao lado da noiva. Em seguida, sái pela porta fronteira, onde lhe é retirado o "**sip-sá**" (cinturão em-

blema da sua virgindade). Novamente reconduzido à floresta, recebe dos padrinhos os conselhos para o novo estado, enquanto na taba, as madrinhas ensinam à noiva do seu clan, os deveres matrimoniais.

As mãis criam os meninos até a idade de ingressar no "**oá-ran**" e as meninas, até casar. Antes do menino deixar definitivamente o lar, sua família constrói diante da sua o "**ksú**", (rancho de fórma cônica) ao centro do qual acendem uma fogueira com rêres suspensas em volta, onde os meninos passam a dormir sós, para desacostumarem-se aos poucos, da convivência dos pais. E, em atingindo a idade púbere, passam a viver e serem educados na "**oá-ran**" central do aldeiamento.

As meninas, enquanto virgens, trazem atada ao joelho, a "**sip-sá**" simbólica e são considederadas "**puras**"; porém, quando se desmandam, são obrigadas a retirar a jarrateira de embira, e passam a ser conhecidas pelo epiteto de "**deu-bá**", ou "**perdidas**". Os jovens, tambem obrigados a guardar castidade, são severamente vigiados pelos homens do seu clan que os adestram no manejo das armas. Nos vários exercícios manuais que aprendem dos companheiros veteranos, revelam grande habilidade. Quando algum rapaz quebra a sua "**sip-sá**", passa a morar novamente com os pais, sendo tido por "**ai meu man**" **(homem sem pudor)**.

Frei Rafael de Tuggia escreve: "Religião, é para "os Xerentes um nome sem sentido. Creem no entan- "to em uma vida futura, teem culto original pelos "seus mortos: — uma lembrança melancólica segui- "da por muitos dias de pranto. — Depois de vários "dias de jejum rigoroso, enfraquecidos, chamam os "mortos por meio de cantigas dolentes e julgam-se

"transportados ao Sol, ou à Lua, onde conversam "com eles". O pranto e o jejum, são impressionantes, vestígios de costumes Israelitas; assim como o respeito à castidade, que raramente se encontra em outros povos que se dizem civilisados.

XVI

INDIOS MACUXIS E KISHÚAS OU YAKUSHIS

Como é sabido, os indios MACUXIS (que Herodoto chamou de **MAXYES**, os ingleses conhecem por **Nacochees** e os espanhóis çor **Nãcuchis**) ocupam a zona limítrofe do Brasil com a Venezuela e a Guiana Inglesa.

E' fóra de duvidas que essa raça, oriunda do Thibet, passou às Indias, às Ilhas Malasia e daí ao Perú, onde ainda hoje, os remanescentes dessa nação falam a mesma lingua "CHUMI" dos "**coolies**" Malaios. Note-se ainda que o Larousse refere-se aos "an-"tiquíssimos templos de riqueza imensa, dum povo "denominado **YAKOUCHIT** que, depois de sucessi-"vas guerras, passou do Thibet às Indias, onde cons-"truiram templos magnificos".

E' curioso observar-se ainda que "**só no Brasil e nas ilhas Malaias**" se encontra o "tapir", animal ruminante considerado como da época glaciaria. A única diferença entre o Tapir Sul Amerindio e o Malaio é que o ultimo tem sobre o ventre uma faixa inteiramente branca.

De acordo com as crônicas do Perú, sincronizadas com as narrações bíblicas, são esses Macuxis "res-**"tos duma raça impia que os Hebreus encontraram na "na Terra de Chanaan** e rechassaram para o norte"...

Os indios Kishúas atribuem a destruição das suas cidades maravilhosas e da própria dinastia "**à não raverem os seus reis atendido aos conselhos do enviado de Deus, de que se haviam afastado, pelo desregramento dos seus costumes e a adoração a deuses estrangeiros !**"

O nome de TUXÁUA que os Makuxis dão ao seu chefe, — e é o dum antigo rei destronado, — e evidentemente a corrupção do vocábulo chinês **Ichaua**", que designa uma velha dinastia, cujo imperante acumulava o privilégio de Sumo Sacerdote.

Parece-nos que os dois vocábulos **Kishúa** e **Yakushi**, têm a mesma origem e a mesma significação. por quanto são usados entre os indios, indiferentemente, o prefixo va e o sufixo **uá**, não sendo absurdo uma sinonimia entre eles. Temos à nosso favor o vocábulo auá, da lingua Tupí, significando "**homem**" e, com a necessária aglutinação, formando **Kishu-ua**, tão certa na sua etimologia como na origem histórica.

Depois, do **Livro dos Números** (Estatísticas), vêmos que o Senhor, apresentando a herança de seu povo para que MOSCHÉ (Moysés) a distribuisse, nomeia entre outras "**regiões onde há muitissimo ouro: Paran e Tophec**", que não podem ser outras senão as do Pará, Amazonas e Perú, onde se encontram vários rios com a denominação, **pará**, **parú** e **apuparú**, vocábulos que significam, literalmente : **abundância de ouro**...

No "**Variorum aids to Bible Students**" que se publica em Londres há mais de 30 anos, com subsidios enviados de toda a parte e em todos os idiomas, para acrescentar-se em cada nova edição o fruto das

desquizas de minuciosos comentadores, deparamos a seguinte informação :

— Na lista da indumentária Babiloniana, lê-se o vocábulo "sindhu", indicando "cambraia de algodão". — Essa palavra é formada de **SIN** (India) e **HIÚ** (vegetal).

Tanto em Tupi, como em Hebraico, a significação de "hiú" é a mesma O próprio termo "indumentária" não terá aí a sua etimologia ? Os nossos aborigenes dão á qualquer vestimenta o nome de "mndhua", talvez deturpaçção da mesma.

Que a Terra de Chanaan (para nós Líbia Ocidental) confinava com ilhas que em remotissimas éras, devido a cataclismas pavorosos formaram o Chaco, o exame dos Livros Santos esclarece possiveis dúvidas.

No livro Juizes (Biblia), há referências a um cer-"gou os Israelitas nos primeiros anos da sua entrada "na Terra de Chanaan, devido a não haverem os he-"breus exterminado os donos do rio Kishon".

Ora, o rio Kishon entra pelo território do Acre !

O "Livro de Josué" refere-se a uns habitantes da beira-mar, nas terras de Tapuiá, nome que as Biblias gregas traduzem por Kishon. Dos habitantes da região, dizem o mesmo que contam os Keishúas sobre antiga história do Perú !

Tappuah é vocábulo hebraico e significa "exhalações agrestes". E' certamente a esse perigo das florestas densas, que os selvicolas aludem, quando querem explicar por que razão evitam viver dentro das matas, preferindo as margens dos grandes caudais. Portanto, de Kishon fazer Tapuia não é absurdo que à primeira vista pode parecer. A' Terra de Chanaan de-

vido às suas riquezas fabulosas, tornou-se cosmopolita, no decorrer de quatro mil anos. As Biblias antigas não foram só escrita em Hebraico e em Grego ; existem também em lingua Egípcia, com ilustrações, interessantissimas, que os etíopes denominam **Kabra Nagast (Livro da glória dos Reis), e da qual o General** Napier, (quando capturou Magdala em 1868) , trouxe para o British Museum dois preciosos exemplares.

Diz a Biblia :

— "O Povo de Deus acampou em **Ethan** (Ethen), no extremo deserto".

Ora, existe ainda no Perú, uma cidade com esse nome (que significa "queimado"). **De raça neptuniana** evidentemente parte preponderante dos grupos étnicos encontrados nas selvas brasílicas) L. F. Jéhan de St. Clavie, naturalista notavel, considera-a como sendo a que fundou os impérios do Perú e do México. E' curioso observar que os Hebreu, tendo entrado como conquistadores, chamaram à região **Paer-An** (entrada imperial) que, pronunciado sem a sobriedade de articulação propria dos indígenas sul-almeríndios, não fica muito longe de PERÚ !

A concordância das Biblias com a tradição auricular dos Incas, é acrescida pela curiosíssima narrativa das — "Viagens de Soleyman e Abenzeid Nassan" — em que Marco Polo se recusava a crêr... por miríficas !...

Por sua vez, o explorador inglês Blake assevera, no seu livro de viagens ao norte do Brasil, haver encontrado incontestáveis restos da passagem do judaismo por entre nossos selvícolas.

XVII

S. SUMÉ (THOMÉ) APOSTOLO DAS INDIAS

A inculta visionária alemã Catharina Emmerich, em suas interessantissimas revelações elucidatorias sobre a Biblia, em se referindo ao Apostolo S. Thomé, único que não se achava presente quando a Virgem Maria morreu, chegando à Epheso quando já cessára de existir. Diz dêle:

"Era de pequena estatura e tinha cabelos côr "de cobre.

"Eu vi como chegou a ele o anjo que chamou "a todos os Apostolos para assistir à morte da "Mãe do Divino Verbo.

"Ele não vivia em cidade, mas numa cabana "de palha. O lugar em que se achava era arenoso "e esteril. Junto às colinas haviam chopanas fei-"tas de galhos e cobertas de folhas, onde mora-"vam homens. A terra só produzia plantas exqui-"sitas que eu nunca vi...

"Vi depois o Apostolo no mar, sobre uma pe-"quena embarcação e acompanhado por um ser-"vidor de granda simplicidade. Depois, atravessou "o continente, sem estar em cidade alguma".

Eis como Catharina Emmerich, cujas visões extraordinárias preencheram várias lacunas existentes no Novo Testamento em relação a fatos e a localida-

des, descreve o companheiro do Apostolo. Note-se que a pobre aldeã analfabeta, jamais saíra de Suelmen (Westhphalia), nem vira gente de outras nacionalidades.

> "... tinha um aspecto singular, olhos pequenos, nariz largo, faces de maçãs saliente e pele "mais escura que os do seu país. Simples como "um menino, era ignorante e franzino; fazia tudo "quanto lhe ordenava. Onde o deixavam, aí ficava "até que o chamassem. Ria-se para todos e olha- "va atentamente para tudo quanto lhe mostravam. "Se Thomé chorava, ele chorava tambme. Quan- "do de volta à sua missão, o Apostolo construiu "uma capela. Carregava grandes pesos, enormes "pedras.
>
> "Este indio nunca abandonou S. Thomé. **Mais "tarde ele deixou de ser o que era para ser um "outro**... "palavras que ela mesma não sabia o "que significavam. A seguir, a vidente descreve "com precisão as palmeiras "de cujas fibras fa- "ziam tapetes"; os cardos, cujos "espinhos ser- "viam para fabricar uma especie de renda intei- "ramente desconhecida"; o algodão que "levavam "em rama a vender em longínquas terras".

Essa narrativa do "Paiz dos Magos" é de grande valor geográfico pois tanto na India, como no Perú e nas furnas da Serra do Aquidauana (Mato-Grosso), foram encontrados os mais perfeitos trabalhos de engenharia para a irrigação artificial, inteiramente diversos dos destinados à cultura do algodão e dos trigais.

No Rio Grande do Sul mostra-se como autentica a pedra do túmulo de S. Sêpê — o indio que acompa-

nhou o Apostolo em suas missões — e que mais tarde, **"quando S. Thomé partiu para evangelizar a India, deixou em seu lugar e foi martirisado".**

Por volta de 550, apontaram os indios da Baía ao P. Manoel da Nobrega uma pégada impressa numa rocha existente, contando-lhe terem ouvido dos seus antepassados que "era a dum homem santo que por "alí andara ensinando-lhes o cultivo da terra. Chama-"va-se ZOMÉ (Thomé?). Descontentando-se, os in-"dios como ele resolveram matá-lo a flechadas, mas "sem o ferir, as flechas voltavam matando os seus pró-"prios atiradores. Zomé retirou-se dalí, declarando "que voltaria e imprimiu a sua pégada na rocha como "sinal da promessa feita".

Impressão identica se encontra na entrada da gruta de seu nome, em Minas Gerais.

O erudito jesuita Vasconcelos, (diz Hermeto Lima no seu artigo de 3 de maio de 1932, do "Jornal do Brasil) argumenta que "Zomé é corruptéla de "Thomé, e "que esse não póde ser outro senão o apostolo de Je-"sus, que disse aos seus discipulos: — **"Ide poro todo "o mundo e pregai o Evangelho a todas as criaturas".**

"Cumprindo a missão de que estava incumbido, o "povo encontra marcas do seu cajado até em Mato "Grosso, onde existem desenhados num rochedo, os "instrumentos da Paixão. Atravessando o Brasil (continúa o articulista) o aSnto chegou ao Perú, onde um "dia o vulcão Arequipa lançou intáátos a capa e as "sandalias que o santo usava. Essa lenda ouvida pelo "Padre Nobrega, demonstra que os selvicolos encon-"trados por Cabral tinham um vago conhecimento de "que, em épocas anteriores o Brasil foi habitado por "um povo desaparecido, como bem o demonstram as "inscrições existentes em varios pontos de Minas Ge-

"rais, Ceará. Baía e finalmente as margens do rio Ja-
"purá, no Alto Amazonas, superior em seus hábitos e
"artes a seus sucessores, se bem que inferior aos po-
"voadores do altiplano do Perú, Nova Granada, Amé-
"rica Central e México".

Voltando a Anna Catharina Emmerich, durante os longos anos em que permaneceu paralitica, ditava em estado de extase, cênas que se desenrolavam diante dos seus olhos como num formidavel filme retrospectivo, repetindo-as com perfeita clareza, — os fatos como se haviam passado em várias épocas da vida humana, desde seu berço pré-histórico. Sérias pesquizas, feitas após a leitura dessas notas taquigrafadas, descontando-se a diferença dos calendários, estão em tudo concordes em datas, cronologia e fatos.

Referindo-se a São Sumé (ou Thomé), fala em primeiro lugar do do batismo dos reis Magos, de volta do Oriente. Em narrativa clara, descreve-os fisicamente e as terras em que viviam. "O mais opulento deles viviam numa terra que ficavam entre dois mares. Era de côr morena, mas não preta".

"O segundo rei, viera da India num tempo
"em que a América Meridional rivalizava com ela
"em fausto e civilização. Era de côr amarela e
"juntou-se ao primeiro quando este chegou às
"ruinas duma grande cidade.

"O terceiro, que seguia com eles, morava per-
"to do rei que se achava na cidade em ruinas
"Tiahuanacu ?) quando a eles se reuniu. Esse
"lugar se chamava Media (terra do Meridiano).
"Regressando da sua adoração ao Divino Infante,
"um deles morreu. Os dois outros foram mais tar-
"de batizados pelo apostolo Thomé".

Várias lendas sul-ameríndias chegaram até nós por tradição; algumas realmente impressionantes, pela analogia com os relatos biblicos:

> "Vieram do Ocidente três irmãos que reina-"ram longos anos em "Chichen-Itza (México. "Itzoals). Eram muito virtuosos, e construiram templos que ainda existem.
>
> "A principio governaram sábiamente. Viviam "em perfeita harmonia e conheciam todos os as-"tros.
>
> "Mas um deles tendo partido subitamente "para longa viagem à terras desconhecidas, nunca "mais voltou. Os dois que ficaram começaram a "disputar entre si e a viver de maneira tão ver-"gonhosa que o próprio povo, indignado, truci-"dou-os. Depois disso. a cidade em que viviam foi "abandonada".

Os jesuitas encontraram nos sertões de Guayra, no Paraná uma lenda referente, à um personagem misterioso — **um carahyba** — de grande poder que, em eras longínquas, praticara extraordinárias façanhas, cujo relato ainda se mantinha por tradição auricular. A' principio não lhe deram maior importancia, mas observando que diversas tribus, arguidas de per si, narravam com pequenas alterações os mesmos fatos, chegaram à conclusão de Thomé, o Apóstolo, viera em sua missão evangelizadora até às margens do rio Paraná, entre o Paranapanema e o Iguassú.

Vindo do lado do Atlantico, atravessara o Tibagy em seu curso médio. Galgára a serra de Apucarana. Vadeára o rio Ivahy (Yaveh-y) e, enveredando pelo Piquiry, prosseguira por caminhos desconhecidos.

Asseguram os selvicolas que "o trajéto do Carahyba ficou indelevelmente assinalado por milagrosa estrada de oito palmos, que se ia abrindo a sua passa-

gem". Asseveram que essa estrada subsistiu por centenas de anos.

Em vários mapas antigos acha-se delineada uma estrada com a denominação de **Estrada de S. Sumé**, por onde se fazia, no século VI, o percurso de S. Vicente ao Paraguay !

Washington Luis, o maior conhecedor das nossas velhas rótas, afirma que os indios denominavam-na **Peabirú**, ou **Piabivú**. Ora **Peabirú** pode ser bem corruptéla de "**pia-bari**" — sacerdote pequeno — concordando pois com a descrição de Catharina Emmerich, quanto à estatura do apostolo.

Como já dissemos, os indios não teem dicção clara, mal se lhes diferencia o som A do E, além de não destacarem nitidamente as silabas, parecendo confundir as vogais. **Bari** — sacerdote — é Bari, em Mato Mato Grosso. **Piá**, quer dizer "pequeno, delicado". **Piadidi**, é o nome tupy do beija-flor. **Piá-bari**, pode bem ter sido o nome dado à estrada pela qual o viram desaparecer.

No litoral do Maranhão, proximo a Gurupy, encontra-se o rio **Maracá-Sumé**, ou seja "**o chocalho de Sumé**", recordando a passagem do caraiba vindo de ignotas paragens e para elas voltando misteriosamente.

Contam os indios dessa região que o "**carayba**" pregava a moral, falava-lhes em DEUS. **Profetizava Fazia milagres e ensinava cousas uteis...**

Referia-se a um Dilúvio. Recomendava que não tivessem mais de uma mulher.

Predizia que outros homens, brancos como ele, viriam para modificar-lhes os costumes e guiá-los na prática do bem. Anunciou a construção duma vila na foz do Pirapó. Ensinou-lhes o uso do fogo; das raizes



Pégada humana em tamanho natural encontrada numa lage à entrada da Gruta de S. Tomé em Minas Gerais



alimentícias e da "caé" (a herva-mate), cujo poder mortífero exterminou, tostando-a no fogo com as suas próprias mãos. Fez enterrar grande número de indios na margem esquerda do rio Ivany, motivo que deu àquela região o nome de "cemitério de Pai Zomé". Em uma lage de pedra do vale do Piquirí deixou impressas as plantas dos pés, no local em que costumava fazer as suas prédicas.

Quando o Apóstolo das Indias foi condenado à morte, predisse :

"Outro apóstolo há de vir, quando o mar chegar ao lugar em que eu morrer".

E' curioso que Camões cante nos Lusíadas :

"Aqui a cidade foi, que se chamava
"Meliapor, fermosa, grande e rica.
"Que os idolos antigos adorava
"Como inda agora o faz a gente inica.
"Londe do mar naquele tempo estava
"Quando a fé que no mundo se pubrica,
"Thomé vinha pregando, e já passára,
"Províncias mil do mundo, que ensinára!"

Tambem estranho, é que São Thomé, que foi sempre cognominado "Apóstolo", não tenha deixado vestígio de sua passagem pela Arabia, Persia, India ou China ! Por onde teria então andado ?!

— "E' que veiu primeiro à Terra de Chanaan, que tinha várias denominações por não um só país, nem uma só nação.

O reino de Xerxes "(o Ashaverus das Escrituras) "começava na Etiópia e terminava nas Indias. A ter-

"ra de Comar (ou Couar) que produzia o "ibirápitan-
"ga" (páu Brasil), olhava para a Arabia pelo lado do
"Oriente e defrontava, pelo Ocidente, com inumerá-
"vel multidão de ilhas..."

Marco Polo afirma haver encontrado na India, "etíopes, que se diziam hebreus, e tinham dois olhos "gravados nas faces (?!! como os Karayás), e outros "que se diziam cristãos, trazendo além desses sinais, "o "tau" na testa". Essa letra (T) representativa do nome de Deus, tem a forma do ornato usado no báculo dos Bispos da Igreja primitiva.

Portanto, não errou Colombo dando aos selvagens Ameríndios o nome de Indios, por havê-los encontrado nas paragens para as quais procurou o roteiro... se não o de Hiram e Salomão.... certamente o dos Fenícios e do Apóstolo S. Thomé.

Voltando às curiosas visões de Catharina Emmerich, diz ela :

> "A Sagrada Família tambem veiu a este país
> "quando, fugindo à matança de Herodes, foi ex-
> "pulsa do Egíto onde, à sua entrada, caíram por
> "terra os ídolos. Sem saber a direção a tomar,
> "perderam-se no deserto (Líbia-Brasil?) onde
> "Nossa Senhora aprendeu a fazer uma renda com
> "páusinhos com uma bola na ponta (?)

Na sua absoluta ignorância, a vidente não podia ter noção dessa renda que a Europa desconhecia e é exclusivamente nossa...

Há uma lenda curiosa no Ceará:

"Sobre o deserto, apareceu de repente diante "da Santa Família uma exquisita floração. E ela, "palmilhando sobre o sendeiro florido, chegou à

"terra hospitaleira e bendita, que ainda hoje se "chama **Sai-hará** (ou mar de areia) !...".

Há uns trinta anos passados, os americanos descobriram no sertão do **Sai-hará** (Ceará) a extranha planta que batizaram **Selaginella Theophilo Cearensis!** Afirmam os que a possúem, que a "Rosa de Jericó possúe virtudes curativas e, enquanto mergulhada nagua, o ambiente se enche de emanações benéficas e as mulheres em transe de materidade, sentem-se aliviadas e dão à luz em pouco tempo.

O povo, ignorante da fidelidade da sua memoria aurícular, deu-lhe o seu verdadeira nome, denominando-a Flôr de Jerico, (Jericó).



XVIII

CRISTOVÃO COLOMBO — SUA FÉ RELIGIOSA E VERDADEIRA NACIONALIDADE

— Na "Lettera Rarissima" dirigida por Colombo à Rainha Isabel, a Católica, — (um dos mais preciosos documentos do próprio punho) do grande navegador descrevendo aos soberanos da Espanha os mil acidentes das suas viagens ao Novo Mundo, encontramos a narração fiel da visão que o confortou até a hora da morte:

"No mês de Janeiro estava obstruida a embocadura do rio. Após um grande combate dos "meus com os indios, no qual esses morreram todos, ficaram no rio, em um navio, meu irmão e o "resto da tripulação; eu, sózinho, enfrentando tão "numerosas tempestades. atormentado pela fome "e morto de fadiga; tinha ficado fóra de enseada; "perdida toda esperança de salvação...

"Apesar disso, armei-me de toda a minha co-"ragem e subí ao ponto mais alto, clamando por "socorro em altos brados, aos quatro ventos. Via "chorar junto de mim os capitães de guerra ! Ex-"hausto, caí por terra e adormecí...

"Em meu sonho, ouvi uma voz apurada dizer-"me estas palavras :

"— O' insensato, porque tanta hesitação em "servir ao teu Deus, o Deus do Universo ! ! Que "mais fez Ele por Moisés e por David seu servo...

"Desde o teu nascimento, não te cercou sempre
"da mais terna solicitude? E quando te viu atin-
"gir a idade que Seus desígnios determinaram,
"não fez resoar gloriosamente o teu nome por
"toda a terra ?... Não te deu as Indias, essa par-
"te tão opulenta do mundo ?...

"— Não te deu a liberdade de doá-las, à
"quem quizesses ?... Quem, senão Ele, te deu
"os meios de executar os teus projetos?

"— Os laços que impediam a entrada do
"Oceano eram formados de inquebrantaveis ca-
"deias. E Ele te deu as chaves.

"— Teu poder foi reconhecido nas mais lan-
"gínquas terras; tua glória foi proclamada por
"todos os cristãos.

"— Deus se mostrou acaso mais benevolen-
"te para com o povo de Israel, quando o tirou do
"Egíto ? ou protegeu com mais eficiência à David,
"quando o elevou de pastor a Rei de Israel ?...

"— Volta-te para Ele e reconhece o teu erro !
"pois que a sua misericórdia é ifinita. A tua ve-
"lhice não será obstáculo aos grandes feitos que
"te esperam. Ele tem em mão as mais brilhantes
"heranças.

"Não tinha Abraão cem anos e Sarah não
"havia passado a sua mocidade, quando Isaac nas-
"ceu ?...

"— Clamas por um socorro incerto. Respon-
"de-me: Quem te expôs tantas vezes a tantos pe-
"rigos ! Deus, ou o mundo ?

— "As vantagens, as promessas que Deus
"faz aos seus servos, Ele não as quebra mais.
"Tudo o que Ele promete, dá com prodigalidade.
"E assim faz sempre.

"Aniquilado pelos sofrimentos, ou esse ser-
"mão, porém, não encontrei forças para responder
"a promessas tão formais. Contentei-me em cho-
"rar, deplorando as minhas faltas. E a voz con-
"cluiu:

"— Espera e confia! Tuas obras serão gra-
"vadas no mármore; e será com justiça".

Do mesmo notavel documento, escrito na Jamaica, a 7 de julho de 1503, destacaremos outros trechos interessantíssimos. Durante muito tempo se pretendeu negar-lhe a descoberta dum Novo Mundo. Quando o grande navegador se propôs a procurar novos horizontes, sustentavam que não poderiam existir... Quando os descobriu, pretenderam que já de outros eram conhecidos...

"Os grandes, do território de Verágua teem
"por costume fazerem-se enterrar com todo o ou-
"ro que possúem.

"Foi levado a Salomão 656 quintais desse me-
"tal, sem contar o que carregaram consigo mer-
"cadores e marujos, nem o que deram aos Ara-
"bes. Salomão empregou esse ouro no fabríco de
"200 lanças, 300 escudos e dum tablado ornado de
"pedrarias preciosas; fez ainda grandes vasos in-
"crustados e varios outros objetos de grande va-
"lor. Isso tudo vem descrito na obra de Josephus.
"DE ANTIQUITATIBUS JUDŒRUM; nos
"Paralipómenos e no Livro dos Reis, onde diz
"que esse ouro provinha duma ilha chamada Au-
"rea. Se isso é verdade, tenho certeza de que essa

"ilha são estas de Verágua, pois se acham situa-
"das a 20 dias para o Ponto Euxino e afastadas
"do Polo e da linha do equinoxio.

"David deixou por testamento à Salomão,
"três mil quintais de ouro **"das Ilhas das Indias"**
"para a construção do Templo. Segundo assevera
"Josephus, **David nasceu naquelas terras!"**

Mais adiante, prossegue Colombo :

"Eu parti dum ponto àcima do ponto do Brasil (?)". Essa palavra, escrita por Colombo, à que se referiria, senão à terra maravilhosa, além do Orenoque ? Mais adiante o navegador acrescenta:

"A tempestade atirou-me de encontro a uma
"ilha chamada Las Pozzas, ou Las Bocas, e daí
"passei à terra firme. Ninguem poderá fazer uma
"relação exata de tudo. sem ter mais que conheci-
"mentos insuficientes, pois que lutamos por mui-
"to tempo contra as correntes, e sem nunca avis-
"tar terra. Segui do lado da terra firme, que de-
"terminei pelo compasso e pela arte; **mas nin-**
"guem poderá dizer a que parte do céu correspon-
"de, nem em que época a deixei, para vir à ilha
"espanhola (Haiti). Quando parti da ilha espa-
"nhola, os pilotos criam aterrar nas ilhas do Ma-
"go, (?) a 400 léguas mais para o poente, do que
"pensavam. E muito embaraçados ficariam, se
"lhes perguntassem: qual a posição de Verágua !

"A única cousa que poderiam contar, é que
"estiveram numa terra onde existe muito ouro; o
"que provariam. Mas **quanto a lá voltarem, seria**
mistér descobrí-las uma segunda vez, pois que es-
"se caminho é desconhecido.

"Seria mistér guiar-se pelos raciocínios da "astronomia, ciência exata e que não induz em "erro.

"Em nome da Santíssima Trindade, fiz-me à "vela na noite de Páscoa, tendo os navios apo-"drecidos e cheios de buracos. O mais estragado "ficou em Belém" (?)

Diz ainda Colombo, que, **"em Karyah e nas suas proximidades, havia encontrado muitos feiticeiros e grandes macacos muito semelhantes ao homem!"**

Esse porto do Brasil, essa Belém desconhecida e o país de Kariah, nomes tão nossos — unidos ao maravilhoso Eden onde o ouro existe em abundância, que poderiam ser, senão regiões do continente Sul-Americano, na Terra da Santa Cruz!? Parece-nos portanto, que foi Cristovão Colombo quem, destinado por Deus a desbravar o caminho da terra destinada aos descendentes de Israel, descobriu, não apenas a América Central, a Venezuela e a Colômbia, — mas tambem o **Brasil**.

Diz mais Colombo em sua correspondência com seus grandes protetores, os Reis de Espanha :

"Aqueles que pensam que os países situados "nas regiões das Colunas de Hercules tocam nas "terras da India, e que só existe um mar, não es-"tão em erro, talvês !

"Dão como provas disso, entre outras, o en-"contrar-se elefantes, nessas duas regiões distan-"tes. **Se os mesmos animais são encontrados, é "que esses países se acham (ou estiveram) liga-"dos entre si".**

Aristoteles diz que "o mundo é pequeno e se póde ir facilmente da Espanha às Indias"; Avenruiz confirma essa opinião, e o cardial P. da Alliace a cita, apoiando a teoria, conforme tambem à de Seneca.

Strabon relembrou e comentou a opinião de Erasthothenes :

"A zona temperada forma um círculo per-
"feito, de sorte que, se a extensão do mar Atlân-
"tico não fosse um obstáculo, poderíamos ir pelo
"mar, da Ibéria às Indias, seguindo sempre o mes-
:mo paralélo".

Colombo, o atleta da fé, da perseverança e da coragem, que trabalhou e lutou pela grandeza dos pigmeus que o sucederam, dizia ainda :

"Nós chamamos terra habitada, apenas à
"porção da zona temperada que conhecemos e
"habitamos. Mas se concebe que nessa zona pos-
"sam existir duas terras habitadas, e talvez
"mais"...

Damos o fac-simile da assinatura autêntica do grande genovês, que demonstra claramente, em que fonte hauria a sua coragem e a sua resignação.

Diz Humboldt, que "os Espanhóis da Idade Média, para se diferençarem dos Mouros e dos Judeus, faziam preceer o seu nome de nomes ou sinais referentes a sontos".

CHROFERENOS, ou CHRISTOFORO, significa "o portador de CHRISTO". As iniciais X.M.Y., parecem significar Christo, Maria e Josephus. As demais letras, são de sentido obscuro. Segundo o precei-

to da época, eram necessárias **sete letras**, por ser o 7, considerado número sagrado.

Há, numa das cartas de Colombo, um paragrafo que talvês tenha passado despercebido naquele tempo:

"Segundo Josephus, David nasceu nestas paragens..."

E quem era Josephus? — Um dos mais acatados pesquizadores das Sagradas Escrituras, comparadas com o Talmud, com as Biblias apócrifas, as crônicas orientais e outros antiquíssimos documentos históricos.

.S.
.S. A .S.
X M Y
Xpo FERENS./



XIX

Em interessante opúsculo sobre a sua conferência realizada no Rio de Janeiro a 22 de Junho de 1932, Joel da Motta (da Associação de Arqueólogos Portugueses e da National Geopraphical Society, de Washington) estuda e pretende provar a nacionalidade portuguesa e nobre, de Cristovão Colombo com argumentos, alguns parecendo-nos um tanto forçados, outros perfeitamente admissíveis.

De início se estende sobre as gloriosas e múltiplas conquistas desse grande povo de navegantes entre 1415 e 1497, sob a influência persistente do Infante D. Henrique, o Navegador que, "do promontorio de "Sagres fitando o olhar nas ondas que vinham embater furiosamente nas rochas sobre as quais se levan-"tava altivo o seu castelo solitário, o sabio Infante "mandava partir, a pouco e pouco, as suas caravelas "em busca de mais terras, para a pátria, de mais pátria "para o mundo e de mais mundo para Deus". Na sua Escola Náutica, empenhava-se com seus discípulos no estudo da astronomia e da cosmografia, tornando científica uma navegação que se atribuia erroneamente ao acaso.

Afirma o conferencista que Cristóbal Colón teve sempre enorme preocupação em ocultar a sua nacionalidade, evidenciada ainda na enigmática e estranha assinatura com que pretendia encobrir seu verdadeiro

nome. O Sr. Santos Ferreira estudando cuidadosamente a firma de Colón, atentou em um ponto seguido de um pequeno trraço inclinado, colocados no final do nome e nos quais ninguem reparara. Conclúe que se trata do "colon" dos antigos gramáticos que se encontra ainda na escrita dos ingleses em que chamam **colon**, e **semi-colon**. Esse ponto e virgula serviram a Santos Ferreira de ponto de partida para procurar nas linguas que conhecia, sinal que a ele equivalesse. E foi achá-lo no hebraico: "ZARCO", acento que representa nessa escrita o nosso ponto e virgula e tem aproximadamente a configuração do nosso S.

A' nova descoberta seguiu-se a de que, sendo COLON, criptógrama de ZARCO, XPOFERENS poderia sêlo de outro nome que não fôsse Cristóbal, pois se quizesse escrever o seu nome em latim, adotaria a forma **Xpoforus** e, se tal não o fez (continúa o nosso autor) é por querer dar à essa grafia uma significação toda diferente.

Porque sômente êsse nome, transporta a Cristo o pensamentos dos cristãos, por terem em JESUS CHRISTO, o **salvador** de suas almas. E o dos judeus, por ser a palavra JESUS, um nome comum que em hebraico significa **salvador**. E concluiu dever ser esse o nome de batismo do descobridor. Em suas curiosíssimas deduções, reparou nos pontos que ladeavam os três S. S. S., parecendo indicar uma função distinta naquele agrupamento de caractéres. Procurou uma palavra que pudesse conduzir a uma fórma coletiva — **consalvis** — e plural e ocorreu-lhe a expressão equivalente a "CHRISTO, MARIA et JOSEPHUS **consalvis**", ficando, a seu vêr, elucidada a fórma criptogramica da assinatura daquele que, em vida, usando

do suposto nome de Cristóbal Colón, chamava-se, na verdade SALVADOR GONÇALVES ZARCO.

O infatigavel pesquizador encontrou no **Teatro Genealógico** da autoria de Frei Jeronimo de Sousa, que o escreveu sob o pseudônimo de Prior D. Tivisco de Naso Zarco y Colona, a suspeita de que as misteriosas palavras da sua primeira página não passavam dum texto, originariamente escrito em grego ou hebraico, transliterado para os caractéres latinos e com estes formadas as palavras que aparentemente o compõem. Organizando uma chave criptográfica correspondente entre as letras dos alfabetos hebraico e latino, reconheceu que o anagrama do texto hebraico primitivo era:

"SALVADOR GONÇALVES ZARCO

Este ímpio, tendo sido colocado em governa-
"nador na ilha de Chios, maltratou e defraudou o
"seu principe, e fugiu vestido como jornaleiro do
"arrabalde e fingindo-se mudo;
"e correu mundo; mas, envergonhado e arrepen-
"pendido, emendou-se, e voltou para o seu país
"natal, e tomou o nome de **Cristóbal Colón**".

Estava pois confirmada a intepretação de Sousa Ferreira, dada à assinatura do Almirante.

Frei Jeronimo de Sousa escreveu e fez imprimir em Madrid, em 1711 (?), outra obra sob o título **Pericope Genealógica**, onde, depois de acuradissimas pesquizas sob a mesma orientação àcima, dividindo as palavras ao centro da 1.ª página em 2 grupos e traduzindo o 1.º grupo, obteve o seguinte resultado:

"O Conde da Feira ficou furioso, a ponto de "der os sentidos, em vista do fracasso de Salva-"dor (Jeshua)".

Feita a versão do segundo grupo, encontrou:

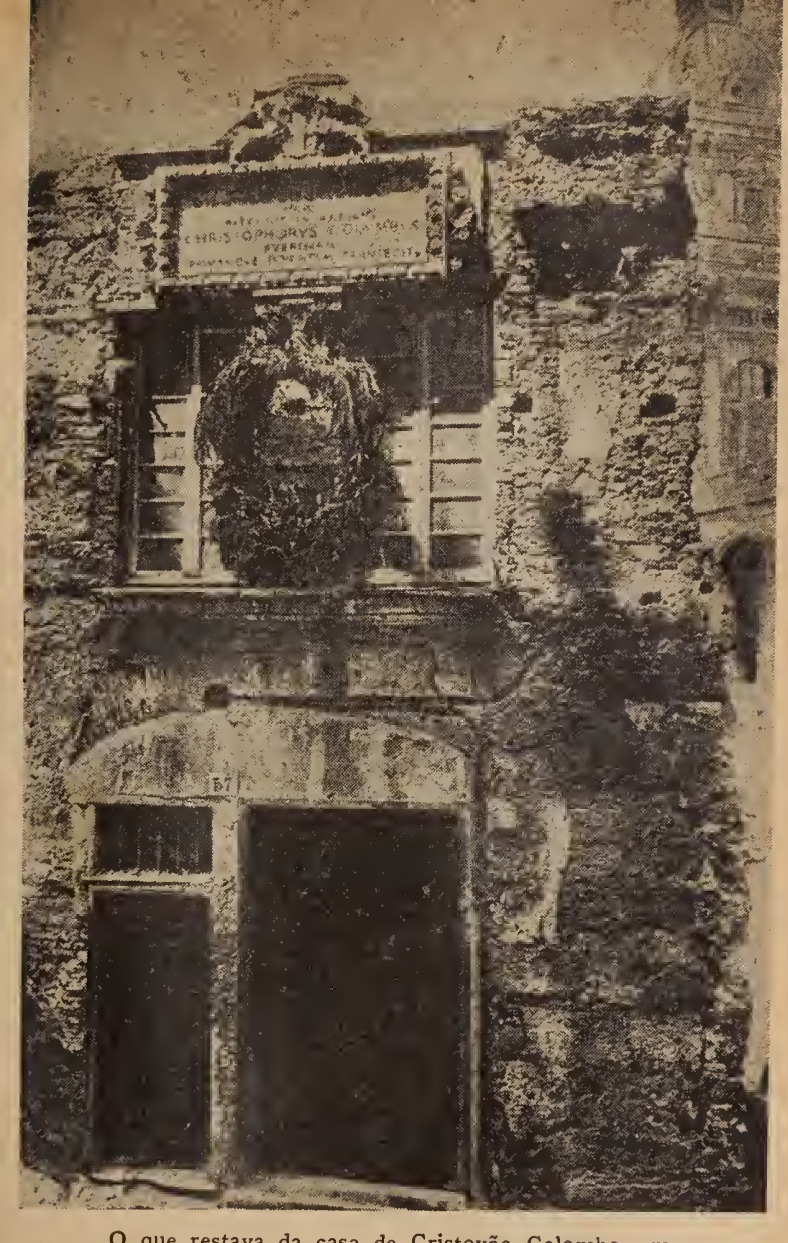
"O maior dos navegadores portugueses de "todos os tempos, **é o último rebento de Henri-"que.**

Daí, deduziu ser de Salvador Gonçalves Zarco, **filho de D. Henrique**, portanto, **português**, nascido dos amores do Infante com uma Zarco, da família do 1.º donatário do Funchal.

D. Ricard Beltran y Rózpide, em seu livro "**Cristóbal Colón, Genovês**" salienta que ao apresentar-se em Andaluzia, "Colon falava o castelhano com sotaque estranho, próprio de homem que vinha de Portugal". Las Casas, que foi seu amigo e privou com Colón, diz que ele "**não sabia bem o catelhano.**"

Provada a nacionalidade portuguesa do grande descobridor Cristovão Colombo, essa honra recáe sobremaneira no Brasil, filhos que sômos da grande nação Lusa, que tão comoventes provas de simpatia e lealdade nos acabam de dar, no momento crucial que o mundo atravessa e cuja sombra sinistra se alonga ameaçadoramente sobre as aguas que separam as duas pátrias irmãs.

Em o "Brasil Antigo", o Dr. Jaguaribe se refere ao mapa de Montressus onde consta um **Brasil-Africano**, no qual a América Meridional estaria ligada à Europa e ao S da Africa. Sea devido a movimentos laterais que romperam de Norte a Sul a crosta terres-



O que restava da casa de Cristovão Colombo, em Genova em 1922



tre provocando afundamentos e erosões. O facto é que o afastamento dessas duas partes se deu partindo ao meio o oceano triásico, absorvendo grande porção de suas águas, resultando ficar a América Meridional alguns gráus abaixo do continente Africano, separada pelo atual oceano Atlantico.



AUTORES CONSULTADOS

A Biblia Sagrada	Vulgata Latina
Roquette	Historia Sagrada
Los Védas	tr. de Waldomiro Lorenz
Eyre & Spattiswood	The variorum aid to the Bible students.
Edouard Charton	Les voyageurs anciens et modernes.
Charles Forg	Antiquités Américaines
A Coudreau.	Voyage à l'Araguaya
Brasseur de Bourboung	**LE Popol Vuh**
W. St. Chad Boscawin.......	Testimony of the monuments of Old Testament History.
Sir James G. Frazer........	The Golden Bough
A Gagnon	L'Amérique pré-Colombienne.
Isidore Dunbar.	Phoenician inscriptions.
Hermanes.	Historia de los Indios.
Prof. Wegenner	Continentes flutuantes.
A Daberlé	Histoire de l'Amérique du Sud
Damian de La Bandera.......	Relación (Guamaga 167)
Legrain	Histoire d'Israel.
Milciades Vignati	Nuevas investigaciones antropologicas.
Armando Vivanti	El letargo de Atlantida.
Alex. Bessmertny	L'Atlantide.
P. Hilaire M. Tapie.........	Chez les Peaux Rouges.
P.° Hilaire M. Tapie........	Chevauchées dans le désert du Brésil.
W. A. Cook	Down the Araguaya.

Archie Acyntyre .... Through the wilderness of Brazil.
Colonel G. Earl Church...... Aborigenes of South Américes.
M. A. de Nadaillac.......... L'Amérique pré-historique.
E. Bertolozzi................. Ricerche storiche sulle scoperte di Amerigo Vespucci.
Enrico Rodó .... Historia do Equador.
Pigafetta .... Viagem de Fernando de Magalhães.
Oackenfull .... Brazil Past, Present and Future.
A Métraux .... Les Tupys-Guaranys.
A Métraux .... La réligion des Tupinambás.
A Métraux .... Les Indiens Camacans.
A Métraux .... La civilisations matérielles des tribus Tupy-Guaranys.
K. von den Steinen.......... Entre os Boróros.
Herman von Ihering.......... Civilisação pré-historica do Brasil.
H-Baldus .... Ligeiras notas sobre os Tapirapés.
H-Baldus .... Ensaios de etnologia Brasileira.
John Banner .... Géologia élementaire.
H-T-Wilkins .... Lost cities of Brazil.
Fawcett .... The green Hell of Brazil.
Prof. J. W. Gregory ...... Geography structural, physical & comparative.
Manzi .... Le livre de l'Atlantide.
I. Imbelloni .... Epitome de cultorologia.
Paulo Hallenbeck............ Os Inhays.

von Spix e von Martius......	Através da Bahia (excerptos).
E. Rivambeau	A vida dos Indios Guaycurús.
Euclides da Cunha	Os Sertões.
Noraldino de Lima............	O valle das maravilhas.
Couto de Magalhães	O selvagem.
Roquette Pinto	Rondonia.
Roquette Pinto	Seixos rolados.
A Botelho de Magalhães.....	Pelos sertões do Brasil.
Theodoro Sampaio	Os Craós do Rio Preto.
M. Melo	Os Carnijós de Aguas Belas.
Varnhagen	História do Brasil.
Rocha Pombo	História do Brasil.
Raymundo de Moraes	O paiz das pedras verdes.
Oswaldo Orico.	Contos e lendas do Brasil.
Alfredo Brandão	A escrita prehistorica do Brasil.
Roquette Pinto	Ensaios de antropologia brasileira.
Ester Ferreira Viana Calderon	Religiões, mitos e crendices.
General Rondon	Rondonia.
Angyone Costa	Migrações e cultura indigena.
Aurelio Pinheiro	À margem do Amazonas.
P.e Eugenio (Premonstratense)	Notas sobre a ilngua Tupy-Guarany.
Pedro Luiz Sympson	Gramática da lingua Brasileira (Tupi).
Theodoro Sampaio	O Tupi na lingua Brasileira.
Rocha Pombo	O problema da Atlantida.
Raymundo de Moraes	Na planice Amazonica.

Antonio Serrano .... Ceramica de Santarém.

Adolfo Dembo .... El simboismo en la pintura corporal.

Armando Vivanti .... El letargo de Atlantida.

André Beaunier. . ... Pétrargue de Atlantida.

Alex Herdlicka (Dr) .... Where the ancestors of men came from.

Alfredo Brandão. . ... Historia Americana

El cura Blanco. . ... Memorias.

Bernabé Cobo .... Historia del Nuevo Mondo — (1653).

Blacke . . .. Travels in Northern Brasil.

C. F. Potter.................. Les fondateurs des réligions.

Cesar Cantu.. .. .. Histoire Universelle

De Sahagún P. . ... Historia de la Nueva Espagna.

Estevam Pinto. . ... Os indigenas do Noroeste.

Gustave Le Bon. .... Civilisations primitives.

G. Ruch. . ... Historia de America.

Herder .... L'histoire de la poesie des Hébreux.

Herodoto.. . ... Viagens

Ignatius Donélly .... Atlantis, the ante-Diluvian world.

Jaguaribe .... O Brasil Antigo

Jean de Lahor .... litterature antique.

José Verissimo .... As populações indigenas e mestiças da América.

Kamid Cohen .... Nomades.

Leon de Rosny .... Antiquité américaine.

Simõens da Silva .... Os Indios Crenaks.

Simõens da Silva .... Os Indios Caincangues.

Themistocles de Souza Brasil	Incolas Selvicolas.
Arn. Damasceno Vieira......	O Brasil-Atlantida e o Homo Brasiliensis Primigenius.
General C. Rondon..........	Ethnographia.
Frei Luiz Palha..............	Ensaio de Gramatica e vocabulário Karajá.
Prelazia de S. Gabriel	Usos e costumes dos selvícolas da Amazonia.
Joel da Motta	A nacionalidade portuguesa de Cristovam Colombo.
Alberto Rangel	O Tupy na lingua e nos costumes do paiz.
W. St. C. Boscawin........	Testimony of the monuments of Old Testament History.



Alguns nomes de Pessoas e de Localidades que se encontram no Brasil e lembram nomes Hebraicos da Biblia:

Tupí-Guaraní	Hebraico
Aba — homem	Abba — pai.
Abigail — nome de mulher....	Abigail — origem da alegria
Ada — nome de mulher......	Ada — ornamento, beleza nome da mulher de Lamech.
Airão — nome duma vila e nome dum peixe	Ayram, Hyram — nome dum filho do Sem e do rei de Tyre.
Aramá — rio da ilha Marajó..	Aramá — fé, verdade. haram — o que foi destruido.
Amapá — rio	Amana — chuva copiosa.
Apamas — nome duma tribo cruel	apa — rosto
A — grão, cabeça	amas — belicoso; am — povo.
Pamas — bater	pa — valente.
Acarahy — afluente do Tocantins.	Acar, Agar — estrangeira.
Acará — escamas, cascudo...	Akkara — cidade.
Acre — nome de região......	Akre — nome de cidade.
Açor — nome de localidade..	Azor — um chefe de Israel.

Apir, Aypir, Ophir — nomes de locais . . .. Ophir — cinza, nome de lo-

Areuna — tribo de costumes puros . ... Areunah — chefe de tribo raelita.

Agarani — nome de tribo.... Agar — estrangeira, nome de mulher.

Aymorés — tribo — indivíduo de outras tribos. .... Ahmorrhéus — nação inimiga de Israel.

Aroeira — uma arvore, nome de tribo . . .. Aroer — nome de tribo e dum chefe.

Anani — arvore rezinosa...... Hananias — pai de Jehú.

Ana — logo, já, nêste momento, sombra, visão.......... Hanah — nome da mãe da SS. Virgem.
nãa — objetivo de belo

Amaná — abundancia........ Amana — permanente.
manná — alimento do deserto.

Assa — fava . . .. Assa — trabalho.

Aramucú — localidade . ...
ara — tempo, alto, em cima, dia. . ... Ara — unir.
mucum — escorregadio ..... amucum — mulidão.

Araguary — baixada das arárás . . ..

ara — tempo, dia, alto, em cima	araq (eretz) — terra.
guará — ave vermelha......	
y — água corrente..........	hu — água.
Arari — lago da I. Marajó....	Arari — chefe de tribo, — sedução.
Cazaris, Kuzaris — tribu cruel.	Kas, kus — pavoroso.
	ariz — cruel, violento.
Goyaz — nome de região.....	goiar — força, vigor.
Cari — bagre Caré — torto..	Caré — impeddo, perturbado.
Ceará, Siará Searaiaá — região.	Seraiah — filho de Cennez que negou a Joab.
Cê ará — passaro que canta, papagaio.	Saharim — dunas de areia.
Caviana — serra do Norte....	Cavia — tatuagem.
cau — beber vinho........	nãa — objetivo de belo.
ana — sombra, visão.......	uana — a que é bela.
Cacuene — tribo de cantar lúgubre	ckah — barulhento.
cu, cun — lingua...........	
caá, — mato, capoeira......	q'al — assembléia, reunião.
Colucha — localidade.........	cun — cantar.
corú, colú — pedrouço	qoil — voz.
chá, eçá — vista...........	ckah — barulhento.
Cananéa — localidade........	Cananéa — zelo, emulação.
Canavial — localidade........	Cannaveal — chefe de tribo.

Carapanatuba — localidade....	
carapanã — mosquito	**carã** — tirar fundo, escavar.
pana — cortar, lavrar.......	**panoi** — virar dum lado para outro.
tuba — abelha mestra.......	**typa, tuba** — mosquito do brejo.
Guaratyba — localidade	
guará — arára..............	**araq, eretz** — terra.
tyba, tuba — abelha mestra.	**typa, tuba** — mosquito do bréjo.

Cassipari — localidade........	Gasipa — o que está inundado.
cacy, gassi — beija-flor....	**ariz** — violento, cruel.
ypa — lagôa...............	
ri, re — inundação..........	**aris** — barulho.
parí — cercado, esteira......	

Curityba — localidade.........	
curi gury — bagre..........	**cur** — forja.
tyba — abelha mestra.......	**typa, tuba** — mosquito do bréjo.

Hu — beber, água corrente...	**hu** — água.

Ithamar — nome próprio, palmeira	Ithamar — nome próprio.

Jethbaal — inscrição da Pedra da Gavea (Rio de Janeiro...	Ethbaal — rei dos sidônios 925 AD.

Joaz — nome de localidade...	Yoaz — filho de Yoachaz.

Jehú, Jahú — localidade, tribo, peixe.	Jehú — filho de Esaú.

Jaebé — nome de passarinho..	Jaebé — eu o concebí na dôr.
Jonas — nome próprio......	Jonas — pomba, nome próprio.
Maicary — localidade.	Maia — cabeceira de rio.
cary, carahy — senhor......	carê, cari — calvo, torto.
Manhú — esteio p.ª as igaritês.	Manhú — o que é isto?
Maracá — chocalho.	Marcá — direção, ordem disposição.
Marajó — ilha no estuário do Amazonas.	Meraioth — principe da casa de Israel.
mara-sereia.	mara amarga.
Merari — ilha no Rio Marajó.	
Macacoary — rio.	maca — pancada.
	coa — forte.
	hari — colera.
Miripi — rio.	meir — ira, inimigo.
miri, mirim — pequeno......	pi — margem.
pi — pé, pele	
Mencaron — nome dum passaro	Menkaura — faraó do Egyto.
Massedo — localidade	Masseda — incendio.
	Makkeda — nome da rainha de Sabá.

Mamona — uma fruta........	Mamona — riqueza, dinheiro.
Manuê — tribo...............	Manuê — descanço.
Maschiana — tribo...........	Maschiana — sombra.
	meschia — ungido a ólio.
	meshoiar — ungir.
ana — visão, sombra	ana, Hanah — nome de mulher.
Mello — nome próprio e de local.	Melo — cidade edificada por Salomão.
Nebo — montanha no Perú..	Nebo — montanha donde Moysés avistou a Terra de Chanaan.
Socó — ave pernalta..........	Sokkoth — filho de Heber. nome da cidade do tesouro.
Secoropê — localidade.	secor — embriagado.
secó, socó — pernalta.......	
roe — rasgar.	ropei, ropoi — curar.
Sabará — localidade	Sabbath — dia do descanço.
Turiri — gancho.............	
turi — facho, fogueira......	tur — cêrco.
ri — inundação............	ri — escuma, baba.
Piauhy — região	Piahiroth — 1º local onde deveriam parar os Hebreus no Exodo.
Pirahy — rio................	
pi — pé, pele..............	

Paschuana, Passê — tribo.....
apassê — cousa separada...

pa — valente.
shomi, shumi — o que emigra.

Torás — indígenas do Norte..

Torah — Biblia Hebraica.

Teffé — localidade...........

Toepheth —nome duma filha de Salomão.
Toephec — horror.

Thamar — local no Rio Negro . . ..

Thamar — nome de mulher e duma cidade.

Uraricoéra — localidade ......
uru-boca. . . ..

Ur — cidade da Chaldeia em que nasceu Abrahão.

Arari — lago na I. Marajó..

Arari — chefe de tribo, sedução, címbalo.

coéra — pôr do sol.........



Este livro foi acabado de imprimir

na

Tipografia do Patronato

à

13 *de Junho de* 1944










F2519 .B32
Brasilidades.
Princeton Theological Seminary-Speer Library
1 1012 00217 1074